

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Erika Vidal de Faria

**Devastação: um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha**

Belo Horizonte  
2021

Erika Vidal de Faria

## **Devastação: um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural.

Orientadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

Belo Horizonte  
2021

150	Faria, Erika Vidal de.
F224d	Devastação [manuscrito] : um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha / Erika Vidal de Faria. - 2021.
2021	123 f. Orientadora: Márcia Maria Rosa Vieira Luchina.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.Psicologia – Teses. 2.Psicanálise - Teses. 3.Mães e filhas - Teses. 4.Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Vieira, Márcia Maria Rosa. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



## ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA ERIKA VIDAL DE FARIA

Realizou-se, no dia 27 de agosto de 2021, às 10:00 horas, Plataforma zoom, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Devastação: um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha*, apresentada por ERIKA VIDAL DE FARIA, número de registro 2019662811, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Marcia Maria Rosa Vieira Luchina - Orientador (UFMG), Prof(a). Guilherme Massara Rocha (UFMG), Prof(a). Ana Lucia Lutterbach Holck (EBP/AMP).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de agosto de 2021.

*Marcia Maria Rosa Vieira*

Prof(a). Marcia Maria Rosa Vieira Luchina ( Doutora )

Marcia Maria Rosa Vieira  
PSICOLOGA  
CRP - 04-1570

*Guilherme Massara Rocha*  
Prof(a). Guilherme Massara Rocha ( Doutor )

*Ana Lucia Lutterbach Holck*  
Prof(a). Ana Lucia Lutterbach Holck ( Doutora )

## AGRADECIMENTOS

Enfim chegou o meu tempo de compreender - não de concluir. Dar vida a essa dissertação durante esses anos foi um absurdo. Escrever exige. Dar lugar a exigência dessa escrita levou certo tempo, certo movimento: ir e vir, ir e vir. Mar adentro, essa dissertação traz um desaguar dessas ondas.

Agradeço profundamente à minha mãe por seu desejo jamais vacilante sobre mim.

Ao meu pai, por apostar tanto em meu saber.

À minha avó, estruturante em minha história.

À minha irmã, pelo humor que faz um suporte ímpar, obrigada por topar reescrever nossa história.

À minha sobrinha Clara, por ser em minha vida um astro luminoso: só há luz em você, só há vida.

À Andréa Guerra, por me fazer sonhar novamente.

Aos meus queridos colegas de percurso, em especial Clara, Marília e Arthur, pelas angústias compartilhadas, risadas, leituras e incentivos. Não teria sido possível sem vocês.

À banca de qualificação e defesa, pela contribuição indiscutível no andamento e fechamento da pesquisa.

Aos familiares, amigos e amigas pelo imenso incentivo, carinho e torcida.

Às minhas parceiras de consultório e de vida, Amanda Zaniratti e Izabelly Damaris, obrigada por me lançarem sempre rumo ao melhor.

Aos pacientes, por confiarem em mim a tessitura de suas histórias. O enquadre de um desejo decidido se atualiza a cada vez que abro a porta (hoje, em tempos pandêmicos, ligando a câmera) para recebê-los.

À CAPES, por financiar minha pesquisa, pois só assim pude ter condições de fazê-la.

Ao João, *mariposa de sueño, te pareces a mi alma.*

Só há uma coisa mais forte que a mãe: a escrita.

**Marguerite Duras**

Faria, E. V. (2021). *Devastação: um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

## RESUMO

Este trabalho se propõe a realizar um estudo lacaniano acerca da relação mãe e filha tendo a devastação como mote de investigação. Mobilizados pela recorrência e dificuldade no manejo clínico de tais casos, alvitrou-se transformar tal impasse num problema de pesquisa. A dissertação se ampara, portanto, na afirmação feita por Lacan no texto “*O Aturdido*” (1973, p. 21), sobre a “realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais subsistência que do pai — o que não combina com ele, sendo secundário, nessa devastação”. Interessa-nos investigar o que se passa nessa relação que é devastadora, como constata Lacan, para a maioria das mulheres: afinal, o que torna essa relação tão difícil e por que em muitos casos ela se configura enquanto insuportável para uma mulher? Parece haver aí uma particularidade presente e é sobre essa particularidade que a pesquisa pretende se debruçar para tentar lançar luz à questão. Para tentar alcançar os objetivos propostos, produziu-se uma divisão na estruturação da pesquisa, estabelecendo, de um lado, uma incursão teórica e conceitual sobre a devastação, e, de outro, uma incursão clínica para evidenciar os fenômenos concernentes ao nosso objeto de apuração. As duas vertentes da investigação surgem com o intuito de localizar na teoria e prática psicanalítica, elementos que possam elucidar o problema da devastação entre mãe e filha. Foi eleita a casuística clínica da “*Jovem Homossexual*”, paciente atendida por Freud, para compor a pesquisa no intuito de tentar responder às questões suscitadas sobre a devastação que se constitui junto à mãe. A partir das elaborações relacionadas ao caso, evidenciou-se a questão do semblante vinculado à devastação, tomado enquanto um orientador fundamental na direção de tratamento de tais casos.

**Palavras-chave:** psicanálise; devastação; mãe; filha; mulher; feminino.



## ABSTRACT

This work proposes to carry out a Lacanian study about the mother-daughter relationship with devastation as a theme of investigation. Mobilized by the recurrence and difficulty in the clinical management of such cases, it was suggested that this impasse be turned into a research problem. The dissertation is based, therefore, on the statement made by Lacan in the text "*O Aturdito*" (1973, p. 21), about the "reality of devastation that constitutes, in most women, the relationship with their mother, whose , as a woman, she really seems to expect more sustenance than her father—which does not suit him, being secondary, in this devastation". We are interested in investigating what happens in this relationship, which is devastating, as Lacan notes, for most women: after all, what makes this relationship so difficult and why in many cases does it configure itself as unbearable for a woman? There seems to be a particularity present there and it is this particularity that the research intends to focus on in order to try to shed light on the issue. In order to try to achieve the proposed objectives, a division was produced in the structuring of the research, establishing, on the one hand, a theoretical and conceptual incursion on the devastation, and, on the other, a clinical incursion to highlight the phenomena concerning our investigation object. . The two strands of the investigation appear with the aim of locating in psychoanalytic theory and practice elements that can elucidate the problem of devastation between mother and daughter. The clinical casuistry of the "Young Homosexual", a patient seen by Freud, was chosen to compose the research in order to try to answer the questions raised about the devastation that is caused by the mother. From the elaborations related to the case, the issue of the semblance linked to the devastation became evident, taken as a fundamental guide in the direction of the treatment of such cases.

**Keywords:** psychoanalysis; devastation; mom; daughter; women; feminine.

## FIGURAS

Figura (1): Recuperado de André (1998, p. 178).....	25
Figura (2): Recuperado de Lacan (1956-57/1995, p. 274).....	32
Figura (3): Recuperado de Lacan (1957-58/1998, p. 563).....	47
Figura (4): Recuperado de Lacan (1972-73/2008, p. 84).....	62
Figura (5): Recuperado de Freud Museum Online.....	88
Figura (6): Recuperado de (Rieder & Voight, 2008, p. 47).....	93
Figura (7): Recuperado de Rieder & Voight (2008, p. 342).....	97

## SUMÁRIO

<b>FIGURAS.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 INCURSÕES TEÓRICAS ACERCA DA DEVASTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Retornar a Lacan.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 Elucubração freudiana.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 A mãe lacaniana .....</b>	<b>28</b>
<b>1.4 Devastação.....</b>	<b>41</b>
<i>1.4.1 A devastação materna é estrutural?.....</i>	<i>44</i>
<i>1.4.2 A especificidade da relação mãe e filha.....</i>	<i>52</i>
<i>1.4.3 A devastação mais além do falo.....</i>	<i>58</i>
<i>1.4.4 O lugar do pai na devastação.....</i>	<i>68</i>
<b>2 A CLÍNICA DA DEVASTAÇÃO.....</b>	<b>71</b>
<b>2.1 Manifestações clínicas da devastação.....</b>	<b>72</b>
<b>2.2 A jovem homossexual e a devastação.....</b>	<b>78</b>
<i>2.2.1 Uma fixação à mãe.....</i>	<i>80</i>
<i>2.2.2 “Fiquei assim por causa de minha mãe”.....</i>	<i>87</i>
<b>2.3 Lacan leitor de Freud: deixar-se cair... no abismo da devastação.....</b>	<b>98</b>
<b>2.4 De um tratamento que passe pelo semblante.....</b>	<b>105</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>118</b>
<b>Anexo A - A devastação na obra lacaniana.....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

O surgimento deste problema de pesquisa e conseqüentemente a urgência com a qual fui impelida a começar a escrever, nasceram junto do início de minha escuta clínica do inconsciente. Já na graduação em Psicologia, nos estágios clínicos supervisionados, encontrava na escuta de mulheres em idades variadas um aspecto que insistia em aparecer no discurso: a relação mãe e filha. Longe dos ideais de harmonia, transmissão, amizade e cumplicidade que comumente ouvimos sobre tal relação, o que se observa na clínica é o apontamento de um dilema particular envolvendo uma mulher e sua mãe, tendo essa relação, repercussões e reverberações importantes nas formas de subjetivação de uma mulher.

A partir da recorrência clínica desses impasses, as especificidades dessa relação começaram a chamar a minha atenção e, frente a isso, inúmeras perguntas ganharam corpo. Para tentar perfilar algo da crueza dessa realidade clínica, andei de mãos dadas com minha inquietação germinada no formato de uma questão: afinal de contas, o que torna essa relação tão difícil e por que em muitos casos ela se configura enquanto insuportável para uma mulher?

Com tal interrogação caminhei a passos apressados até me deparar com uma fagulha discreta, mas muito potente que, visitada mais de uma vez, acabou por tornar-se uma direção, pois se transformou em causa, desejo de saber. O ponto opaco dessa relação, experimentado na clínica, pôde ganhar um nome: devastação. Essa fagulha luminosa foi fornecida por Lacan em um de seus textos mais truncados, *“O Aturdido”* (1973). Refiro-me à sua afirmação de que, contrastando com a elucubração freudiana sobre o complexo de Édipo feminino, a devastação é uma realidade que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem ela espera, como mulher, mais subsistência que do pai. Trata-se de um pequeno parágrafo que poderia passar despercebido em meio a um desfiladeiro conceitual presente em todo texto, mas foi, contudo, suficiente para me capturar. Ao me demorar em sua afirmação, pude encontrar um ponto de partida que me forneceu um tracejado que pouco a pouco se tornou objeto de investigação, desdobrando-se nesta dissertação.

Este trabalho se propõe, portanto, a realizar um estudo lacaniano acerca da relação mãe e filha tendo a devastação como mote de investigação. A pesquisa se ampara na afirmação elaborada por Lacan citada anteriormente. De tal excerto destaquei os elementos presentes na citação e os tomei enquanto itinerário de apuração: a elucubração de Freud, a

relação entre mãe e filha, a realidade de devastação que aí se faz presente, a subsistência esperada, a mulher/o feminino, o pai.

Com as chaves de leitura já delimitadas, o caminho da investigação foi sendo feito ao se caminhar. Revisitando Freud, pude perceber que as questões difíceis e provocadoras concernentes à relação mãe e filha que apareciam cotidianamente em minha clínica também se apresentavam, à sua maneira, ao pai da psicanálise. Similarmente, foi a partir de um caso clínico que lhe chegou ao consultório que a situação espinhosa entre mãe e filha passou a se desenhar para ele como ponto de análise e consideração. Trata-se do caso da “Jovem homossexual”, publicado em 1920. Por consequência, o caso da jovem foi escolhido para compor a dissertação como casuística clínica no intuito de tentar responder às questões suscitadas sobre a devastação que se constitui junto à mãe. Verificar de que maneira Freud foi construindo seu raciocínio sobre a questão possibilitou o reconhecimento das potencialidades já presentes de maneira muito precoce em sua teoria, mas também do estabelecimento de seus limites.

Tais limites puderam ser trabalhados e deslocados a partir do alicerce fornecido pela teoria lacaniana. A problemática da devastação, igualmente, adveio para Lacan a partir da experiência clínica. Surpreendentemente, desde os primórdios de seu ensino é possível constatar apontamentos sobre o embaraço e a seriedade de tal relação. Isto me permitiu produzir uma varredura em sua obra, tentando encontrar e recolher fragmentos que poderiam me ajudar a pensar teórica e clinicamente a devastação no enquadre desta relação.

Diante de um material tão rico, delicado e, em simultâneo, extenso, foi necessário engendrar uma divisão na estrutura da pesquisa, e conseqüentemente dos capítulos, de modo a facilitar e organizar as articulações propostas. A dissertação, em vista disso, deslinda em duas vertentes: uma mais teórica (primeiro capítulo), para apreender sobre os conceitos aqui tratados, e uma mais clínica (segundo capítulo), dimensão que privilegia os fenômenos clínicos da devastação que tanto me colocaram a trabalho. As duas vertentes surgem com o intuito de localizar na teoria e na prática psicanalítica elementos que possam elucidar o problema da devastação entre mãe e filha. O leitor perceberá que os capítulos, ainda que divididos, conversam o tempo todo, pois não se trata mesmo de uma relação excludente entre ambas as dimensões, afinal de contas, a psicanálise se constitui enquanto uma teoria que informa sempre uma prática.

Sustentando a importância relativa ao levantamento e leitura imanente deste estudo bibliográfico que circunda uma dificuldade clínica, estruturei a dissertação da seguinte maneira:

O primeiro capítulo toma a citação lacaniana como uma bússola e dela tenta extrair e produzir as articulações teórico-conceituais possíveis, no intuito de tentar circunscrever algo da particularidade dessa relação partindo das pistas oferecidas por Lacan. Advertida da impossibilidade de classificar de maneira unívoca o fenômeno da devastação, revisei as contribuições de Freud sobre a temática, os pontos de limite e alcance de sua teoria, além de verificar os pontos que Lacan deu continuidade e no que ele se diferenciou para fazer o debate avançar. A devastação se constituiu enquanto um terreno de exploração neste capítulo, no qual tentei situar algumas das discussões atuais sobre sua natureza, interrogando-me se se trata de um fenômeno estrutural, qual a especificidade da devastação entre mãe e filha, a constatação de uma “duplicidade” da devastação (articulada ao falo e mais além dele), além de dar lugar ao interesse de averiguar como o pai entra (ou sai) desse embarço.

O segundo capítulo se serviu do caminho teórico e conceitual estabelecido no primeiro, possibilitando a produção de uma interface clínica trazendo elementos contemporâneos para pensar sobre a questão. As manifestações clínicas têm destaque nesse momento da discussão, especialmente o entendimento de que o corpo é palco privilegiado para a expressão de um sofrimento tão intenso. O caso da Jovem Homossexual é apresentado, discutido e elaborado a partir do relato freudiano e da releitura crítica efetuada por Lacan. Um achado contingente do caso se configurou enquanto uma grata surpresa, pois o sofrimento experimentado pela jovem paciente de Freud me encaminhou a uma correnteza composta por elementos clínicos de grande relevância sobre a vivência da devastação. Junto de sua história com a devastação, iniciei um tímido caminhar sobre a direção do tratamento em tais casos, entendendo sobre o trabalho do analista nessa situação e do lugar de importância que a produção e sustentação dos semblantes têm, de forma a funcionar enquanto uma boia que não deixa o sujeito naufragar.

Convido o leitor a navegar junto comigo nesse oceano agitado e, ao mesmo tempo, sedutor chamado devastação, não sem antes se amarrar no mastro do navio tal como Ulisses – lembremos que “navegar é preciso, viver não!”

## 1 INCURSÕES TEÓRICAS ACERCA DA DEVASTAÇÃO

Durante o percurso da minha pesquisa em torno da devastação, da Monografia à dissertação do Mestrado, deparei-me com questões que se desdobraram em algumas indagações: é possível pensar a devastação como um conceito psicanalítico por se tratar de uma noção que assinala um fenômeno encontrado na clínica? Quais são as consequências teórico-clínicas frente a designação fornecida por Lacan para firmar a relação entre uma mãe e filha? As inúmeras definições delineadas por pesquisadores e comentadores acerca da devastação podem apontar algo? Com algumas dessas reflexões preliminares iniciarei um trabalho de desenlace desse emaranhado chamado devastação.

O tema da devastação vem sendo amplamente discutido na comunidade analítica ganhando força especialmente a partir dos anos 90, pelo que pude constatar em minhas pesquisas. São inúmeras as produções que se servem desse termo para realizar leituras clínicas e teóricas, o que me leva a interrogar se há, atualmente, uma clínica crescente de fenômenos concernentes à devastação. Em meus achados encontrei articulações teóricas que situam a devastação como “a consequência do arrebatamento determinado pela ausência do significante da mulher” segundo Brousse (2004, p. 67), “estritamente relacionada ao destino do falo na menina” para Drummond (2011, p. 6), um “desfalecimento dos semblantes” de acordo Fuentes (2012, p. 20), uma dificuldade “de encontrar uma barreira asseguradora de seu gozo” sintetiza Zalberg (2012, p. 473), ou um “retorno do real” conforme pensa Eulálio (2015, p. 82). Parece ser possível concluir que esse termo: “devastação” tem sido elevado à categoria de uma noção importante que possibilita delinear diversos fenômenos clínicos que sinalizam impasses com os quais nos deparamos em nossos consultórios. Várias nomeações para dar conta de um sofrimento bem singular.

A advertência dada por Miller (2016) sobre a impossibilidade de classificar as devastações epiloga um pouco sobre o meu itinerário nesta pesquisa: posto esse impossível, mergulhei na tarefa de coletar subsídios teóricos articulando-os à dimensão clínica, a qual impulsionou-me a iniciar este trabalho. Guiando-me por retalhos deixados por Freud e, especialmente, Lacan, dada a minha orientação clínica, levei às últimas consequências à máxima lacaniana de colocar algo de mim na produção desse texto. Nesse sentido, coletei

esses retalhos na tentativa de produzir um grande remendo, para ver, então, surgir as linhas invisíveis que conduziram a pesquisa do início ao fim.

### 1.1 Retornar a Lacan...

Darei início a esse percurso de pesquisa trazendo à cena a afirmação feita por Lacan em 1973, em um de seus textos mais complexos: “*O Aturdido*”, pois é nesse momento em que o psicanalista retrata o tema que enseja essa dissertação. Esse texto tardio de Lacan foi publicado em 1973 no número 4 da revista “*Scilicet*”, dirigida por ele, sendo posteriormente reeditado em 2001 pela editora Seuil na publicação de “*Autres écrits*”. Ele diz:

Nesse contexto da elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (Freud *dixit*<sup>1</sup>), contrasta dolorosamente com a **realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais subsistência<sup>2</sup> que do pai** — o que não combina com ele, sendo secundário, nessa devastação (Lacan, 1973, p. 21, tradução nossa, negritos meus).

A tradução disponível desse texto se encontra na publicação dos “*Outros escritos*” publicado pela editora Zahar em 2003. A tradução brasileira foi realizada por Vera Ribeiro que segue o estabelecimento da primeira edição francesa publicada em 2001 pela Editions du Seuil, de Paris, França. Segue a tradução de Vera:

Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (Freud *dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai — o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação (Lacan, 1972-73/2003, p. 465).

Consultei a tradutora e intérprete Mariana Luiza Ney Prado<sup>3</sup> com o texto original, escrito e publicado por Lacan na mencionada revista. Sua leitura, tradução e interpretação se

---

<sup>1</sup> Alusão irônica à expressão “*magister dixit*”, com o significado de “assim disse o mestre”, segundo consta no Dicionário Complementar da Língua Portuguesa, de Augusto Moreno, 1938.

<sup>2</sup> Reproduzo aqui o texto original publicado por Lacan na revista *Scilicet*: “À ce titre l’élucubration freudienne du complexe d’Édipe, qui y fait la femme poisson dans l’eau, de ce que la castration soit chez elle de départ (Freud *dixit*), contraste douloureusement avec le fait du ravage qu’est chez la femme, pour la plupart, le rapport à sa mère, d’où elle semble bien attendre, comme femme plus de subsistance que de son père, – ce qui ne va pas avec lui, étant second dans ce ravage” (1973, p. 21).

<sup>3</sup> Graduada em Letras pela UFPel com habilitação português/francês, curso de Licenciatura do Centro de Letras e Comunicação (CLC), Mestrado em curso no Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFPel, trabalha com traduções de artigos científicos e textos acadêmicos destinados às áreas de Sexo e Gênero, História, Arquitetura e Urbanismo, Psicanálise, entre outras.



diferenciam em dois aspectos da tradução brasileira produzida em 2003. A principal destoante diz respeito a situação do pai nessa relação: Prado esclarece que Lacan utiliza uma proposição comparativa entre a mãe e o pai, ou seja, diferentemente da interpretação de Vera Ribeiro, ela aponta que na frase o sujeito Pai não foi excluído, mas situado como secundário nessa operação da devastação. Além disso, na edição organizada por Jacques-Alain Miller em “Autres écrits” (2001), aparece o termo “substance”, e não “subsistance” tal como Lacan escreveu em seu texto, sendo essa uma possível explicação para a tradução em português ser também substância. Mantereí subsistência, pois foi a palavra escolhida por Lacan para designar o que constitui essa espera.

Tal citação será eleita enquanto chave de leitura norteando todo o percurso da pesquisa, pois é a partir dela que levanto algumas perguntas: se a devastação se contrasta com o “nada a perder” da castração feminina, ela se constitui mais além do falo? Que subsistência é essa da qual a filha espera da mãe, enquanto mulher, mais do que do pai? Qual o lugar do pai na devastação, já que nela ele vem em segundo? Interessa-me investigar o que se passa nessa relação que é devastadora, como constata Lacan, para a maioria das mulheres. Parece haver aí uma particularidade presente sendo sobre essa particularidade que pretendo me debruçar para tentar lançar luz à questão.

Por apoiar-me nesse texto para extrair o ponto de reflexão inicial do percurso da pesquisa, me pareceu importante trazer algumas contextualizações. Com frequência “*O Aturdido*” é considerado um texto ininteligível em sua própria língua, o francês, e mais ainda em outros idiomas onde os impasses intrínsecos à tradução se desvelam. Segundo Badiou e Cassin (2013), temos por um lado um dos textos mais obscuros e mais densos de Lacan, e por outro, um texto que sintetiza muito os aspectos mais importantes, difíceis e paradoxais do psicanalista à guisa de suas principais formulações e proposições naquele início da década de 70. Lembremos que esse texto é contemporâneo ao “*Seminário 20: Mais, ainda*”<sup>4</sup> realizado no ano letivo de 1972 e 1973, no qual “abundam as doutrinas e as fórmulas que conferiram, então, prestígio a Lacan” (Badiou e Cassin, 2013, p. 7), a saber: “a teoria dos quatro discursos (o Mestre, a Histórica, o Universitário e o Analista), “o amor é o que vem em suplência à ausência da relação sexual”, “a mulher não existe”, “a linguagem é uma elucubração de saber sobre a língua” etc” (Ibidem).

---

<sup>4</sup> Doravante denominado como “Seminário 20”.

Em razão disso, percebe-se que esse recorte textual retirado desse escrito de Lacan, levanta mais enigmas do que propriamente respostas a algumas de minhas inquietações sobre a devastação. Nesse sentido, para tentar fazer uma dobradiça teórica e clínica acerca disso, realizei uma varredura na obra lacaniana, pois embora Lacan vincule a devastação à relação de uma mulher com sua mãe pela primeira vez nesse texto, a noção de devastação<sup>5</sup> foi articulada por ele a outros contextos durante todo o percurso de seu ensino. Ao final da dissertação, consta, em anexo, todas as passagens de sua obra em que ele se serviu desse termo, seguido dos respectivos seminários ou escritos.

Por razões metodológicas, elegi neste rastreio, apenas as passagens que de certa forma se conectam com a citação presente em “*O Aturdido*”, ou seja, que contenham apontamentos que remetem direta ou indiretamente à relação devastadora com a mãe. Localizei três momentos específicos que considero importante mencionar e tentar produzir uma articulação, me servindo assim, da letra lacaniana para tentar estruturar um aporte teórico e/ou clínico sobre a devastação. É importante ressaltar que ao longo da pesquisa, conjuntamente ao que decantei deste estudo, também elegi outros recortes da obra lacaniana que, mesmo não contendo o uso do termo devastação (*ravage*), denotam algo que desse fenômeno é possível depreender.

Retornando aos três momentos elegidos, a primeira dessas passagens se encontra no “*Seminário 5: as formações do inconsciente*”, na lição sobre a metáfora paterna. Nessa lição, Lacan diz querer abordar “questões de estrutura” a propósito do inconsciente, trazendo a seu público algumas das discussões mais recorrentes sobre o complexo de Édipo na comunidade analítica. Cito: “Houve então quem se interrogasse: será que o supereu é mesmo unicamente de origem paterna? Não haverá na neurose, por trás do supereu paterno, **um supereu materno ainda mais exigente, mais opressivo, mais devastador, mais insistente?**” (Lacan, 1957-58/1999, p. 167, negritos meus). Esta interrogação se demonstra valiosa para delinear algumas hipóteses sobre a devastação estar, de alguma forma, relacionada ao supereu materno. Deixarei isso em suspenso por enquanto.

Anos mais tarde, em seu “*Seminário 20*”, Lacan aponta que as devastações, no plural, se encontram articuladas a um amor que ignora o desejo.

---

<sup>5</sup> A palavra-chave utilizada para rastrear as produções de Lacan foi “*Ravage*”. Os resultados encontrados comportam tanto o substantivo buscado “*Ravage*”, quanto seu denominal “*Ravager*”, seu particípio presente “*Ravageant*” e o seu plural “*Ravages*”.

É mesmo por isso que se inventou o inconsciente — para se perceber que, o desejo do homem, é o desejo do Outro, e que o amor, se aí está uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita a sua poja. **Quando se olha para lá mais de perto, vêm-se as devastações** (Lacan, 1972-1973, p. 12, negritos meus).

Nesse momento de seu seminário, Lacan aborda a distinção entre o amor, que é sempre recíproco e sempre faz signo, e o gozo, “o gozo do Outro, do Outro com O maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 11), que não é signo de amor. Isso vai de encontro a formulação feita por Colette Soler em seu livro “*Variáveis do fim da análise*” (1995), na qual a autora pontua que no momento em que Lacan fala sobre a devastação está reforçando o tamanho do alheamento dessa relação acentuando exatamente o domínio do Outro sobre o sujeito, mais precisamente “para indicar que a demanda do Outro, ou o desejo do Outro, o gozo do Outro — separados ou os três ao mesmo tempo — importam mais do que seria para o sujeito a demanda, o desejo e o gozo” (p. 127), conforme verificaremos.

Três anos depois, em 1975, Lacan aterrissa nos Estados Unidos para proferir uma série de conferências e produz uma fala sumamente interessante no dia 24 de novembro, na Universidade de Yale:

Eu proporia que o que existe de mais fundamental, nas assim chamadas relações sexuais do ser humano, têm a ver com a linguagem, **no sentido de que não é por nada que chamamos a linguagem que usamos como nossa língua materna.** É uma verdade elementar da psicanálise que, malgrado a ideia de instinto, é muito problemático que um homem esteja de alguma maneira interessado por uma mulher se ele não teve uma mãe. É um dos mistérios da psicanálise que o menino seja imediatamente atraído pela mãe, **enquanto que a menina fica em um estado de reprovação, de desarmonia com ela. Tenho experiência analítica suficiente para saber como pode ser devastadora a relação mãe-filha** (Lacan, 1975/2006, pp. 23 e 24, grifos meus).

Nesse momento o autor traz mais elementos para pensar sobre o que se passa nessa relação, tendo observado tal questão também a partir de sua experiência enquanto analista. Lacan enquadra a filha numa posição de reprovação e desarmonia para com sua mãe bem como também salienta o aspecto determinante da linguagem na constituição dos laços humanos, relacionando-o ao materno: “não é por nada que Freud escolhe acentuar isso, levantar toda uma construção em torno disso” (Lacan, 1975/2006, p. 24). Aqui, o psicanalista se refere a constatação freudiana da importância do laço libidinal presente na relação mãe-filha. No momento em que Freud descobre o que nomeou de fase “pré-edípica”, matriz em que a tensão dessa relação se localiza, passa, então, a produzir um giro em sua teorização do Édipo e da sexualidade feminina, depreendendo que, diferentemente do que pensava, o

Édipo feminino não seria equivalente ao Édipo masculino. Freud conclui que o amor da menina por seu pai teria um precedente ainda mais intenso e exclusivo, um “élan primordial” com a mãe que deixaria marcas em seu psiquismo.

Na busca por localizar em suas formulações o momento em que se deparou com a especificidade dessa relação, encontro que foi a partir de um caso clínico atendido por ele, publicado em 1920 e intitulado “*Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*”, popularmente conhecido como o caso da “Jovem Homossexual”. Como consequência do encontro com esta paciente, adveio a constatação freudiana de uma “intensa fixação na mãe” (p. 127), levando-o a se desdobrar um pouco mais sobre esse ponto em textos posteriores, tais como “*O declínio do complexo de Édipo*” (1924/2018), “*Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*” (1925/2018), “*Sexualidade feminina*” (1931/2018), e “*A feminilidade*” (1933/2018).

Ao ler o caso da jovem homossexual, tenho notícias de algo que me deparava e escutava na clínica das pacientes devastadas, entretanto, no relato clínico de Freud, percebo que a figura do pai ganhou mais protagonismo que a figura da mãe, embora o próprio analista tenha percebido toda uma tensão própria entre as duas. Consigo obter mais subsídios para pensar na relação mãe e filha quando tomo conhecimento da biografia produzida desta paciente, traduzida e publicada no Brasil como “*Desejos Secretos: história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*” (2008). Arrebatada por sua história, encontro elementos cruciais para pensar sobre a devastação materna e suas consequências para um sujeito.

É de uma frase dita por esta paciente de Freud ao final de sua vida, que a questão central da pesquisa ganha bastante relevo: “fiquei assim por causa de minha mãe” (Rieder e Voigt, 2008, p. 415). Me ancorando nisso, pego esse recorte da jovem homossexual para extrair dele o que interessa para essa dissertação: esmiuçar as particularidades da devastação de uma mãe à sua filha. Nesse sentido, utilizarei o caso em diversos momentos da pesquisa para tentar cernir esse impasse, afinal de contas não foi casual Freud ter se deparado com a relação delicada entre mãe e filha nesse caso, fazendo-o caminhar posteriormente por outras direções no que concerne ao feminino. Essa relação passa então a ganhar mais contornos nas produções de Freud que adverte que a problemática feminina remonta à história pré-edípica, problemática que “não é, no fundo, outra coisa, senão o retorno inelutável da relação antiga com a mãe” (1931/1996, p. 261)

É no uso específico de uma palavra escolhida por ele, nomeando de catástrofe a dificuldade da filha em se separar da mãe e ir em direção ao pai, que essa questão ganha mais força e passa a precisar de investigações mais profícuas e a sinalizar que, de certa forma, já nesses ensaios, Freud preparou um terreno fértil para Lacan — como ele mesmo constata em 1975 — localizar aí o impasse da devastação, ainda que, como detalharei adiante, o ponto de chegada dos dois autores seja distinto.

## 1.2 Elucubração freudiana

Tecerei esse capítulo partindo das proposições de Freud para situar o que ele pôde discorrer sobre a especificidade da relação entre mãe e filha. Contudo, antes de adentrar nesse terreno peculiar, é importante assinalar que em termos gerais a figura materna na teoria freudiana se situa numa posição primordial e originária na constituição do aparelho psíquico, dado que a “unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido” (Freud, 1914/2010, p.13).

Desde suas primeiras produções, tal como em “Projeto para uma Psicologia Científica” (1895), Freud aponta para um desamparo constitutivo no ser humano, já que, a princípio, o organismo é incapaz de realizar a ação específica que possibilite a satisfação de suas necessidades, o que implica invariavelmente na “ajuda de terceiros” mais experientes que possibilitem o acolhimento e o gerenciamento dessas necessidades fundamentais e básicas. Em “*A interpretação dos Sonhos*” (1900), Freud ressalta que essa ajuda de terceiros, de um outro experiente (*Nebenmensch*), é normalmente exercida pela mãe sob cujos cuidados a criança experimenta suas primeiras vivências de satisfação, excitação e desprazer. Tendo em vista essa perspectiva no horizonte, é possível dar um passo a mais para tentar aferir o liame mãe-filha.

Em sua teoria, a relação de uma menina e sua mãe está regida no cerne da trama edípica junto às discussões sobre a diferença sexual e as incidências dos complexos freudianos, de Édipo e de castração, em ambos os sexos. O complexo de Édipo, referência mítica à tragédia “*Édipo Rei*” de Sófocles (430 a.C), forjou-se desde o início das produções freudianas. Em 1897, em correspondência a Fliess (*Carta 71*), Freud já erige a validade universal do enamoramento da criança pela mãe e do acirramento da rivalidade com o pai. Contudo, é apenas em “*O declínio do complexo de Édipo*” (1924), a descrição de tal

complexo como central na primeira infância e também enquanto núcleo da neurose que terá papel fundamental na constituição do sujeito, pois é nesse momento fecundo que se definirá todo um jogo de identificações e interdições produzidas pelo *infans* que o conduzirão à normatização.

A princípio, Freud propõe um esquema universal que valerá tanto para o menino quanto para a menina, sendo o Édipo heterossexual normativo o norteador dessa travessia. Resumidamente é possível apontar que no esquema normativo, a mãe seria eleita pelo menino como objeto de amor e ele se rivalizaria com o pai, já a menina, simetricamente, tomaria o pai como objeto de amor e se rivalizaria com a mãe. Tal concepção prevalece em todos os seus artigos sobre a temática até o ano de 1924. A partir daí, surgirão impasses que o levarão a repensar as vicissitudes na jornada da menina.

Freud (1933/2018) faz um breve comentário ao dizer que fica a impressão da impossibilidade em compreender as mulheres, a menos que a fase da vinculação pré-edípica à mãe seja valorizada. O reconhecimento dessa fase bem como sobre a força da ligação entre mãe e filha se sucede após dois encontros transferenciais que causaram surpresa ao analista: “nosso entendimento sobre a fase anterior pré-edípica da menina tem o efeito de surpresa semelhante à descoberta, em outro campo, da civilização minoico-micênica por trás da grega” (1931/2018, p. 257).

O primeiro desses encontros ocorreu ao escrever “*Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica*” de 1915, ocasião na qual Freud é convidado por um advogado a tecer suas impressões enquanto médico sobre uma cliente que lhe parecia problemática. A dama havia se dirigido ao advogado em busca de auxílio contra as perseguições de um homem que a induzira a um relacionamento amoroso. Ela era filha única, possuía 30 anos, era funcionária de uma grande empresa e nunca havia se relacionado amorosamente com homens, vivia tranquilamente com sua mãe idosa e a sustentava.

Freud se interessa pela questão pois percebe que a cena paranóica da dama não se enredava tal como o axioma que produzira acerca da paranóia, a saber, que o perseguidor deveria ser do mesmo sexo que o do perseguido, obedecendo a uma tendência homossexual significativa. Esse caso em questão colocou “em cheque” a proposição de Freud, afinal de contas, o acusado de persegui-la era um homem. Freud resolve o dilema estabelecendo então uma relação entre o perseguidor no lugar do pai, e uma figura feminina (a chefe de cabelos brancos da dama) no lugar da mãe. Essa relação indicaria um “complexo relativo à mãe” (p.

150), composto por um amor intenso que se torna porta-voz de todos os impulsos “que no papel de “consciência”, procuram deter a garota em seu primeiro passo no caminho novo, perigoso em muitos sentidos, da satisfação sexual normal — e consegue perturbar a relação com o homem” (p. 150).

Essa leitura antecipa o que Freud irá propor quase 20 anos mais tarde sobre como a relação primordial com a mãe pode obstaculizar o desenvolvimento amoroso com um homem na vida adulta de uma mulher. Por ora, Freud salienta que cabe à filha libertar-se dessa influência materna. Há aqui um certo otimismo freudiano ao delinear que essa libertação da filha para enfim poder desenvolver sua satisfação libidinal e amorosa junto a um homem, se resolveria “com base em motivos amplos, racionais” (p. 150).

O segundo encontro transferencial que leva Freud retomar novamente a essa fixação à mãe, ocorre, tal como anteriormente mencionado, junto ao caso da jovem homossexual, publicado em 1920. Trata-se de uma jovem de 18 anos levada a Freud por seu pai após uma séria tentativa de suicídio resultante de um conflito familiar e social já que a moça era lésbica e, segundo seus pais, insistia em se relacionar com uma “dama da sociedade” dez anos mais velha. Embora dedique a figura paterna muita centralidade ao caso, Freud percebe em suas notas que: “o comportamento da garota, como foi aqui descrito, era exatamente o que havia de resultar do efeito conjunto da negligência materna [...], dada uma intensa fixação na mãe” (Freud, 1920/2011, p. 128). Abordarei esse caso relacionando-o à devastação no próximo capítulo.

Como consequência desse achado, vê-se a primeira reformulação parcial que Freud produz acerca da sexualidade feminina em seu artigo “*A dissolução do Complexo de Édipo*” (1924) no qual começa a enfatizar os caminhos distintos da sexualidade na menina e no menino, e de maneira completa em “*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*” (1925). “Agora tudo mudou”, diz Freud (1925/2018, p. 231):

Quando investigamos as primeiras formações psíquicas da vida sexual na criança, tomamos geralmente como objeto a criança de sexo masculino, o menininho. Achávamos que no caso da menininha tinha de ser semelhante, mesmo que diferente de alguma maneira. O que não ficou claramente determinado foi o ponto do processo de desenvolvimento em que se encontraria essa distinção.

Para Freud, o complexo de Édipo da menina “oculta um problema a mais em relação ao do menino” (p. 233), já que, inicialmente, para ambos, a mãe é o primeiro objeto de amor. Se na vicissitude do menino, o complexo de Édipo é concluído em decorrência da angústia frente a ameaça de castração que o faz abdicar deste objeto incestuoso e se identificar ao pai,

como ocorre, então, o movimento da menina em abandonar a mãe e, em seu lugar, tomar o pai como objeto? A diferença fundamental, aqui, residiria no estabelecimento de Freud de que a castração, na menina, já seria um ponto de partida, “que faz da mulher peixe na água” dirá Lacan mais tarde (1972/2005, p. 465). Portanto, quanto aos complexos de castração e de Édipo na menina, Freud diz que “precisamos admitir que nossa compreensão desses processos de desenvolvimento na menina é insatisfatória, lacunar e vaga” (Freud, 1924/2018, p. 254).

Freud conclui que na menina, “o complexo de Édipo, nesse caso, tem uma longa pré-história e constitui, de certo modo, uma formação secundária” (1924/2018, p. 234). Essa pré-história diz respeito à exclusividade de afetos ambivalentes e intensos entre mãe e filha, período no qual a relação de ambas é embebida de exclusividade, intensidade e paixão, com a completa exclusão da figura paterna nesse momento. A situação pré-edípica estaria apoiada na “sedução original” que a mãe realizou na filha, excitando suas zonas erógenas nos momentos de higienização e carinho em seu corpo. Esse enlace possui um alongamento temporal que normalmente se estende até os 4 ou 5 anos, idade em que o menino, por exemplo, já estaria sepultando seu complexo de Édipo. Contudo, salienta Freud, é preciso “levar em conta a possibilidade de um determinado número de pessoas do sexo feminino permanecer preso à ligação originária com a mãe” (1931/2018, p. 256).

Para Freud, essa primeira ligação com a mãe lhe aparecia nas análises de maneira muito nebulosa, o que tornaria essa questão difícil de apreender analiticamente. O autor sinaliza que tais conteúdos pareciam esmaecidos pelo tempo e quase impossíveis de serem revivificados em associação livre, como se tivessem sido submetidos a um recalque inexorável. Ele recolhe mais informações desse período junto a algumas psicanalistas mulheres como Jeanne Lampl-de Groot e Helen Deutsch que, a seu ver, conseguiram perceber e escutar esses fatos de maneira mais fácil e clara. Sua hipótese era a de que, em transferência, as analistas se configurariam em substitutas “adequadas” para a figura da mãe, portanto a apreensão do que haveria nessa relação primordial adviria com mais facilidade. Esse ponto é sumariamente importante, pois talvez elucide melhor a sua condução no caso da jovem homossexual, visto que ele interrompeu o tratamento e a encaminhou para uma analista mulher. Tratarei disso mais adiante.

Ainda segundo o autor, a força dessa ligação primitiva entre mãe e filha lhe fez formular a suspeita de que, os problemas advindos e estruturados nessa fase, estariam intimamente ligados à etiologia da histeria — o que para ele não seria surpreendente, já que



ambas, a fase pré-edípica e a neurose, pertenceriam ao “caráter singular da feminilidade” —, e da paranoia.

Essa constatação faz Freud (1931/2018) se interrogar sobre qual é a motivação da menina em abdicar desse vínculo tão satisfatório junto à mãe, já que não há temor à castração. O que a faz abandonar a mãe e ir em direção ao pai? Quais são os mecanismos utilizados para que essa operação possa ocorrer? De que forma ela pode entrar no complexo de Édipo para enfim concluí-lo? Haveria algum mecanismo similar ao complexo de castração no menino para ela? Para cernir melhor essas questões, Freud passa a se servir do *Penisneid*, a inveja do pênis, como chave de leitura para o destino da menina na travessia edípica.

É importante lembrar que grande parte dessa urdidura se dá no contexto da fase fálica, período no qual há, para as crianças, a premissa universal do falo: uma teoria sexual infantil cuja fantasia atribui a genitália masculina a todos os seres existentes. O corpo biológico para Freud era fundamental para a subjetivação de perdas narcísicas e de insatisfações no desenvolvimento psicosexual do sujeito, em seus termos: “A distinção anatômica precisa imprimir-se em consequências psíquicas” (1931/2018, p. 294). É, portanto, na apreensão visual da distinção anatômica que os complexos de castração e de Édipo tomarão rumos discrepantes na subjetivação sexual entre menino e menina, estabelecendo assim a oposição fálico-castrado<sup>6</sup>.

Se o complexo de Édipo no menino se finaliza pela ação do complexo de castração que irá produzir sua angústia frente a possibilidade de perder o pênis, na menina, diferentemente, o complexo de Édipo é iniciado e introduzido por este último. Para Freud (1933/2018), o complexo de castração da menina também é introduzido com a visão do outro genital. Ela percebe a nítida diferença e também apreende a sua importância. A partir daí, se sente gravemente prejudicada e cai vítima da inveja do pênis. Aqui, a figura materna será, para Freud, fator substancial para que o complexo de castração na menina se inicie e ela se afaste da mãe, já que é “a recriminação por não tê-la concebido com um genital correto, isto é, por tê-la parido como mulher” (Freud 1931/2018, p. 265), a mola propulsora de ingresso no Édipo e de redirecionamento ao pai. Ao investigar, então, o que produz esse desvio, tem-se elencado por Freud alguns pontos heteróclitos: 1) o ciúme infantil em relação ao lugar de

---

<sup>6</sup> Já em Freud é possível colher subsídios para descolar o órgão peniano do estatuto simbólico do falo, embora em inúmeros momentos em sua obra também seja possível apreender uma certa confusão entre ambos. Tal impasse ganha um tratamento a partir da releitura de Lacan que confere ao falo a dimensão de significante da falta, sendo o pênis apenas uma das várias possibilidades de referenciar a isto de maneira imaginária.

exclusividade que se ocupa no desejo materno, embora isto valha tanto no menino quanto na menina; 2) a verificação de que o amor em relação à mãe não possui meta, sendo, portanto, incapaz de atingir uma satisfação plena e, fundamentalmente por isso, está condenado a terminar em decepção; 3) o efeito do complexo de castração sobre a ausência do pênis no corpo, já que, em algum momento, a menininha faz a descoberta de sua inferioridade orgânica; 4) a proibição da masturbação, com a indicação precisa de que a sexualidade feminina se enlaça nessa relação corpo a corpo com a mãe.

Nesse ponto, o *Penisneid* passará a ter um valor estrutural no desenvolvimento psicosssexual da menina, já que o “descobrimento de sua própria castração é um ponto de viragem no desenvolvimento” (Freud, 1933/2018, p. 331). Esse termo já havia sido abordado por Freud em outros contextos de sua formulação teórica, sendo possível apreender um certo desenvolvimento desse conceito. Em 1905 e 1908 ele o apresenta enquanto uma reivindicação feminina consciente de querer obter o pênis que não possui. Em 1909 o situa junto ao complexo de castração. Em 1918 o enquadra ao “tornar-se mulher” estabelecendo a equação simbólica entre bebê e pênis. Em 1925 o postula como um nó irredutível da sexualidade feminina que produz sérias consequências psíquicas, tais como: 1) um forte sentimento de inferioridade resultante de uma ferida narcísica que experimentou frente a sua comparação com o menino, produzindo uma cicatriz; 2) o ciúme feminino como traço de caráter; 3) a descoberta da inferioridade do clitóris que produz a inibição da atividade masturbatória clitoridiana, conduzindo ao recalque da sexualidade “masculina” e ao esboço para desenvolver a feminilidade; 4) o afrouxamento da ligação com a mãe, já que é a partir da inveja do pênis que ela dirige à mãe ódio, decepção e rancor, e a responsabilidade por vir ao mundo insuficientemente aparelhada, sem uma insígnia suficiente que pudesse lhe garantir uma identificação para sua existência.

Essa última vicissitude é aqui a que adquire mais importância, pois Freud articula a inveja do pênis junto aos destinos pulsionais de uma mulher relacionados a essa ligação pré-edípica. Em “*Sexualidade feminina*” (1931/2018), o autor indica uma série de anseios orais, anais e fálicos que a menina dirige à mãe: angústia de ser devorada, explosões de cólera e a representação fantasmática da mãe enquanto sedutora destinando-lhe a masturbação clitoridiana. Todos esses elementos, aliados ao rancor, a decepção e a reprovação se cristalizam, assinala Freud em sua conferência sobre “*A feminilidade*” (1933/2018), em um intenso ódio dirigido à figura materna. A intensa hostilidade sobrepuja a intensa ligação

amorosa, fato que atesta a constante ambivalência presente nesse vínculo. O amor e o ódio presentes nessa ligação apontam para essa dificuldade a mais na relação mãe e filha, pois, ao mesmo tempo em que a mãe é objeto de amor, ela também é um objeto de identificação. A mãe, até então onipotente para a menina, se torna alvo de sua desvalorização já que ela também é desprovida do órgão fállico.

O reconhecimento da mãe enquanto castrada se denota um momento marcante para franquear a constituição subjetiva na menina, como veremos com Lacan. Aqui, cabe resgatar em Freud o que ele esboçou em *“A cabeça de medusa”* (1922), momento no qual chama a atenção para essa figura mitológica que teve sua cabeça decapitada articulando-a junto ao horror ante a visão da castração, especialmente da mãe. A cabeça decapitada sangrando cujos cabelos negros são serpentes, remetem Freud (1922/1996) a observação do genital feminino: “a visão da cabeça de Medusa paralisa de medo, transforma o observador em pedra. A mesma ascendência, a partir do complexo de castração, e a mesma mudança afetiva!” (p. 290).

Em *“Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise”* (1932/1996), Freud aponta, por conseguinte, a hostilidade como o que produz a supressão do amor e viabiliza a passagem da menina para o pai: “com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis-bebê, a menina inicia a situação do complexo de Édipo”, já que ‘a hostilidade contra sua mãe, que não precisa ser novamente criada, agora se intensifica muito, de vez que esta se torna rival da menina, rival que recebe do pai tudo o que dele deseja’ (p. 86).

Catástrofe é o termo utilizado por Freud para abordar a impossibilidade de a menina separar-se de sua ligação primitiva à mãe e ir em direção ao pai. Tamanha é a intensidade de tal relação, que Freud utiliza um termo preciso para descrevê-la, alertando para o que viria a acontecer se a separação entre mãe e filha não se sucedesse. Em seus termos: “a transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe” (Freud, 1931/2018, p. 275).

Na língua alemã, o termo escolhido por Freud, *Umsturz*, conserva o sentido de destruição, golpe e ruína. A sua etimologia é composta pelo *Um* (por) + *Stürzen* (derrubar)<sup>7</sup>. Em termos freudianos, para que essa ruína não se instale e para que a menina possa aceder a “verdadeira” posição feminina, precisará produzir dois movimentos difíceis: 1) mudar de objeto amoroso refreando sua ligação com a mãe e indo em direção ao pai para dele acessar o

---

<sup>7</sup> Segundo o site Wiktionary, o substantivo *Umsturz* possui o genitivo *Umsturzes* e seu plural é *Umstürze*. O prefixo *Um* possui várias significações: contornar algo, dirigir alguma coisa, em torno de. Já o substantivo *Stürzen* transmite a idéia de: cair, arremessar, derrubar, destonar, cair fora abruptamente, ruína.

falo não obtido; 2) abandonar a masturbação clitoridiana, atividade “masculina” e portanto, ativa, e submeter-se a fins passivos, deslocando sua zona erógena para a vagina. Por meio dessas duas operações, afirma Freud (1931/2018), a menina teria o seu caminho livre para o desenvolvimento de sua feminilidade.

Entretanto, em sua conferência de 1933, ele percebe que “não é tão simples assim” (p. 288). Na análise de suas pacientes mulheres percebe que tudo no campo dessa primeira ligação com a mãe é extremamente difícil de apreender nas análises. Ele conclui que a situação edípica na menina possui um desenvolvimento longo e difícil, “uma espécie de solução provisória” (p. 299). Mesmo sendo empurrada pelo complexo de castração a adentrar no Édipo, lhe faltam motivos para sair dele, nesse sentido, a “menina permanece nele por tempo indeterminado, só o desconstrói mais tarde e de maneira incompleta” (p. 300). O que se vê aí é que há um resto não simbolizável enlaçado a vários conflitos psíquicos provenientes dessa travessia pré-edípica entre mãe e filha que não se solucionam com a prescrição freudiana, a saber:

$$\text{A metáfora freudiana: } \begin{array}{c} \text{Pai} \\ \text{Mãe} \end{array} \longrightarrow \text{Pai} \begin{array}{c} (A) \\ \text{filho} \end{array}$$

Figura (1): Recuperado de Serge André (1998, p. 178).

Mesmo se dirigindo ao pai com a demanda fálica e metaforizando o desejo de obter o pênis tornando-se mãe, tais questões nessa relação mãe e filha não se tornam mais elucidadas ou menos conflitantes. Este será um ponto fundamental para circunscrever melhor o lugar do pai na devastação, por exemplo, pois é possível perceber que os desdobramentos fálicos se mostram claudicantes nessa clínica.

Freud localizava a maternidade como a saída essencialmente feminina e isso respondia ao próprio ideal do “eterno feminino” vigente de sua época, o que não necessariamente corresponde às soluções encontradas pelas mulheres em seu encontro com a maternidade. Às vezes um filho revestido de valor fálico pode operar como causa de desejo para uma mãe tamponando algo do desejo feminino, como se vê em casos nos quais a maternidade transforma o aspecto libidinal de uma mulher. Entretanto, há também a possibilidade de um filho não drenar o que há do desejo feminino em uma mulher. Afinal de contas, se tal equação fosse simples, Freud não teria se questionado tanto sobre o que quer uma mulher ao longo de

sua obra, pois a resposta óbvia e universal seria dizer que a mulher quer um filho, entendendo assim que é só no falo que a mulher encontra a solução para a sua feminilidade que se relaciona de maneira estranhamente familiar com sua trajetória junto de sua mãe.

É o que se observa quando Freud acaba por concluir em *“A análise finita e a infinita”* (1937/2016), que pode-se dizer que todo o desenvolvimento da menina se realiza à sombra da inveja do pênis, algo que o leva esboçar três saídas possíveis, em 1933, para a menina em relação ao seu imbróglio da castração: 1) inibição sexual; 2) homossexualidade ou o “complexo de masculinidade”; 3) a maternidade ou a feminilidade “normal”.

A elucubração freudiana, portanto, enquadra a relação de uma mãe e sua filha junto ao registro fálico. Temos de um lado, uma mulher que ganharia consistência apenas na maternagem através de um filho e com este alcançaria o falo que não lhe foi dado. Na outra via, a tensão presente na relação da menina com sua mãe se daria em função da reivindicação desta em exigir da mãe o que ela não tem, também o falo em última instância.

Na acepção freudiana mãe e mulher seriam equivalentes, portanto todos os impasses psíquicos presentes na menina seriam vinculados a este ponto da falta fálica. Nesse sentido é possível compreender que os recursos freudianos para responder às questões sobre a sexualidade feminina esbarraram em um limite no qual a dialética edípica e a saída junto ao falo e seus respectivos deslocamentos (pai, marido, filho), se mostram insuficientes para abarcar toda a complexidade sobre o feminino e a relação mãe e filha.

Eulálio (2015) sintetiza ao delimitar que na leitura freudiana, a mulher se situaria segundo duas vertentes: a primeira como a portadora da falta fálica, derivada do complexo de castração, e a segunda por um excesso traduzido num desejo insaciável de possuir um pênis. Servindo-se da centralidade fálica como operador clínico e teórico, Freud apresenta em 1937 a castração enquanto limite das análises, tanto em homens quanto em mulheres. No masculino haveria uma aversão ao que ele postula como “postura passiva” ou “feminina”, e no feminino haveria sempre a aspiração positiva por possuir um genital masculino.

Caminhando nessa esteira, o autor acaba por delinear algumas consequências do desenvolvimento psicosssexual na menina: a ausência de razões para sepultar o complexo de Édipo acabaria por produzir na mulher um “menor senso de justiça” e uma “menor inclinação para se submeter às grandes necessidades da vida”, já que a instância do supereu seria menos

desenvolvida<sup>8</sup>. Clinicamente tal postulado teórico não se mostra tão verificável, visto que é bastante frequente observar na clínica feminina, e em especial na clínica da devastação junto à mãe, um supereu feroz e obscuro em que a autoacusação e a autocensura são maciças. O próprio Freud percebeu este aspecto quando esboçou o caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica, pois ele salientou a presença da figura da mãe numa instância de “consciência” repreendendo e cerceando os passos dados pela filha. Portanto, a afirmação de que o supereu em mulheres seria mais refratário que em homens, dada as implicações da travessia edípica, soa no mínimo surpreendente. Pretendo retomar esse ponto em outro momento.

A partir dos desenvolvimentos teóricos engendrados por Freud no que concerne essa relação, é possível, portanto, situar a catástrofe na dificuldade de se produzir uma separação entre mãe e filha. Ainda que a filha consiga fabricar o afrouxamento dessa conexão primitiva junto à mãe pela ação da hostilidade e se dirigir ao pai, pode-se depreender, caminhando com Freud (1931/2018), que essa “relação com a mãe foi a originária, sobre ela se construiu a ligação ao pai” (p. 261), ou seja, o que a filha transpõe ao pai são apelos que outrora eram dirigidos a mãe, sendo este, portanto, apenas um substituto. Nesse sentido, vislumbra-se que há um resíduo desse enlace que insiste em não esmaecer.

Com Freud, pode-se compreender que esse resíduo que produz a catástrofe se encontra no seio da decepção proveniente do *Penisneid*, dado que a reivindicação fálica parece abrigar a especificidade dessa ligação mãe e filha. Ao retomar a citação de Lacan em que se ancora essa pesquisa, no que tange a interrogação de qual a subsistência esperada pela filha de sua mãe, tem-se como resposta, através da leitura freudiana, o falo. Seguindo seu desenvolvimento teórico sobre a sexualidade feminina e os embaraços produzidos pela inveja do pênis, depreende-se que a catástrofe freudiana seria de alguma forma estrutural, pois a menina não conseguiria não reivindicar o pênis faltoso, dado que a inveja do pênis e a culpabilização materna pela ausência dele fazem composição com o desenrolar psicosssexual feminino. Conforme constata Bessa (2012), essa vertente da devastação pela via fálica surge no impasse de que “quanto mais reivindica, mais o sujeito se remete a “não é isso” (p. 65).

---

<sup>8</sup> Tal afirmação se ampara especialmente nas formulações do texto “Introdução ao narcisismo” (1914), no qual o autor afirma que o narcisismo feminino é intensificado para compensar sua não completude ante a ausência do pênis. Ainda segundo Freud, o investimento libidinal no Eu faz com que para a menina seja mais importante ser amada do que amar; isto produziria consequências sobre a constituição de um amor objetual regular em detrimento de um amor narcísico. Tal impasse incidiria na estruturação do supereu que viria assentar a interdição do incesto.

Aqui faz-se necessário lançar uma questão: é possível compreender a devastação apenas em termos da reivindicação fálica, a qual não se apazigua mesmo com sua transposição ao pai, tal como os apontamentos conduzidos por Freud? Em minha leitura, Lacan sinaliza haver algo a mais nessa relação que não se deixa reduzir a termos fálicos, especialmente por conseguir forjar o deslocamento entre mãe e mulher, apresentando uma outra leitura a respeito do feminino: um feminino que não está submetido à lógica fálica de maneira toda. Nesse sentido, os contornos entre a relação mãe e filha também avançam para meandros distintos, embora, a princípio, Lacan tenha seguido as exortações freudianas em situar a relação mãe e filha junto ao componente fálico, pensando “no mais além” apenas num momento mais tardio em sua obra. Situarei tais questões no próximo subcapítulo.

### 1.3 A mãe lacaniana

Conforme tratei na seção anterior, a ausência de diferenciação entre a mãe e a mulher fez Freud se deparar com um limite intransponível já que suas soluções para a sexualidade feminina se davam em termos fálicos, o que o levou a definir o feminino como um *dark continent*<sup>9</sup>. Dado que a égide do falo se mostra insuficiente para abarcar toda a complexidade da questão feminina, e é Lacan quem se incumba da tarefa de diferenciar a posição feminina da posição materna, faz-se fundamental esmiuçar o que ele pôde situar quanto a um objeto de investigação precioso nessa pesquisa: a mãe. Afinal de contas, de que mãe estamos falando quando pensamos na devastação? Assim como Freud, Lacan efetuou um percurso similar estabelecendo que a maternidade seria a via para uma mulher operar a substituição fálica, mas conseguiu avançar à medida que caminhou com sua teoria e se afastou do inconsciente freudiano para pensar no “nosso”<sup>10</sup>. Nesse sentido, é oportuno verificar de que maneira Lacan

---

<sup>9</sup> Freud fez essa nomeação em seu texto “Sobre a questão da análise leiga” (1926/2016) enquanto ainda tentava realizar uma correspondência entre o Édipo masculino e feminino, encontrando aí um limite para sua abordagem. Segundo Heliodoro e Iannini (2018), a recepção dos artigos freudianos sobre a sexualidade feminina não foi muito acolhedora, especialmente em relação aos psicanalistas ingleses. Ainda segundo os autores, os últimos dois artigos sobre o feminino na década de 30 foram publicados por Freud na tentativa de responder às polêmicas e repercussões sobre seus escritos sobre a temática, principalmente no que tange ao complexo de castração na mulher.

<sup>10</sup> Referência a aula “O inconsciente freudiano e o nosso” proferida na ocasião do “Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Sabe-se que o Seminário 11 foi o seminário subsequente à excomunhão de Lacan da IPA.

pensou, em alguns recortes de seu ensino, essa função materna. Esse movimento torna possível franquear duas questões importantes que desenvolverei nas próximas subseções.

Para iniciar esse mapeamento, é importante ressaltar que do início ao fim de seu ensino Lacan produziu questões referentes à figura materna. Miller (1995) comenta acerca disso em *“A lógica na direção da cura”*, acentuando que, ainda que o pai lacaniano pareça mais famoso, há uma mãe lacaniana. Para o autor trata-se de um preconceito pensar que a teoria lacaniana apenas tenta restabelecer, em sua dignidade, a função do pai, sem mencionar nada da mãe. Tais elaborações sobre a mãe em relação ao sujeito se apresentam em articulações feitas por Lacan em leituras clínicas de casos da literatura analítica e outros fora dela: Édipo, Electra, Antígona, O pequeno Hans, Leonardo Da Vinci, Hamlet, André Gide, Dora e a Jovem Homossexual.

Já em suas produções iniciais faz alusões a uma aproximação entre a imago materna e a morte. É o que se observa em *“Os complexos familiares”* (1987/1938), texto em que Lacan elucida a estruturação familiar humana, compreendida enquanto uma instituição que se organiza a partir de leis fundamentais de parentesco. Lacan faz o apontamento de que são essas leis fundamentais que fundam a instituição familiar, não algum aspecto biológico ou instintual. O autor faz uma leitura da organização familiar se apoiando em elementos da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, dando enfoque, portanto, aos modos de transmissão e filiação, às leis de sucessão familiar e aos laços de parentesco.

Nessa produção, Lacan sinaliza ser possível observar na criança um conhecimento muito precoce da presença que a função materna preenche, podendo haver aí uma substituição dessa presença por um papel de traumatismo causal decorrente de algumas neuroses e “certos distúrbios de caráter”. Aqui, Lacan apresenta essa imago materna “de maneira kleiniana” (Miller, 2005, p. 12), ou seja, matizada de moções agressivas advindas da própria atividade pulsional da criança, especialmente na relação de ausência-presença com o seio materno. Lacan não chega a pessoalizar essa imago materna, abordando-a enquanto parte fundamental dessa estrutura simbólica familiar e como uma fonte primária das satisfações originárias infantis. A perda provocada pelo desmame poderia causar um mal-estar no qual residiria esse desejo de morte.

Nesse contexto, a imago materna e a vivência da perda originária junto ao seio deveria ser sublimada, ainda que houvesse aí uma dificuldade característica. Segundo Lacan (1938/1987, p. 28): “essa relação orgânica explica que a imago da mãe se atenha às



profundezas do psiquismo, [...] o que se manifesta na ligação da criança “às saias da mãe” e na duração às vezes anacrônica desse elo”. Ainda conforme o autor, a sublimação dessa imago se torna necessária para que novas relações se introduzam com o grupo social e para que novos complexos se integrem ao psiquismo. Caso haja uma resistência a essa sublimação que se denota primordial para a constituição do laço social, a imago materna “torna-se fator de morte” (Lacan, 1938/1987, p. 28).

É visível que aqui se encontram os primeiros rascunhos das futuras propostas feitas por Lacan para pensar a trama edípica junto das funções maternas e paternas, pois para ele essa “função de sublimação” seria aliada a uma “função de repressão”, ambas advindas do pai. Somente a autoridade da função paterna produziria uma separação entre mãe e criança. Sublimando a imago materna, a criança conclui, então, que sua relação com a mãe possui algo de interdito, o que a faz renunciar e transformar esse objeto de satisfação pela via sublimatória em um ideal.

Como se observa, é possível verificar que as questões relativas a essa relação delicada do sujeito junto à função materna estão presentes desde as mais remotas produções lacanianas. Sem dúvidas, é especialmente em seu “*Seminário 4: a relação de objeto*”<sup>11</sup> (1956-57/1995) e em seu “*Seminário 5: as formações do inconsciente* (1957-58/1986)”<sup>12</sup> que Lacan apresenta com mais consistência essa função junto aos tempos de Édipo e também traz alguns elementos interessantes que aventam um melhor delineamento para pensar sobre a devastação materna.

No “*Seminário 4*”, Lacan apresenta a relação entre a criança e a mãe junto a um terceiro elemento que, a seu ver, estaria sendo deixado de fora pelos pós-freudianos: o falo<sup>13</sup>. Lacan critica a situação analítica de sua época que tentava reduzir a relação mãe-criança a uma relação dual em que toda a continuação da gênese analítica não passava de traços e reflexos dessa posição inicial. Considerando mãe, criança e falo — uma triangulação —,

---

<sup>11</sup> A partir daqui tal seminário será denominado “*Seminário 4*”.

<sup>12</sup> Igualmente, daqui em diante será denominado “*Seminário 5*”.

<sup>13</sup> Não há uma univocidade sobre o conceito de falo na obra de Lacan. Ele é abordado como um significado num primeiro momento, situado no registro imaginário. Como significante do desejo num outro momento, articulado ao simbólico. E posteriormente como significante do gozo relacionado ao real. De maneira simplificada, Tendlarz (2002, p. 85, tradução minha) elucida o falo: “no imaginário nomeia a castração simbólica, no simbólico é o símbolo que nomeia uma falta, e no real está articulado ao gozo”. No período do “*Seminário 4*” Lacan apresenta o falo enquanto um “objeto no plano do imaginário” (p. 30).

Lacan afirma que a criança se insere nesse jogo enquanto engodo numa tentativa de completar a mãe que a toma numa parceria imaginária para tamponar sua falta. Essa tríade abrange uma significação metonímica do falo, que se desloca de um objeto a outro. Contudo, é preciso que o pai entre nessa triangulação como um quarto elemento que reorganizará a relação entre os três, e posteriormente se edificará como “pivô do drama” (Lacan, 1956-57/1995, p. 204), ou seja, da separação que irá esmaecer esse laço imaginário entre a criança e a mãe. Essa entrada introduz uma outra vertente, metafórica, articulada a ordem simbólica e se vincula a atuação da metáfora paterna.

Inicialmente, para trabalhar com essa trama, Lacan propõe retomar as postulações freudianas sobre o objeto perdido<sup>14</sup> discorrendo sobre as três apresentações da falta de objeto: frustração, privação e castração. Para cada uma dessas apresentações da falta de objeto, Lacan localiza junto delas um agente e um objeto. Nesse momento, ele situa a frustração como central na relação mãe e criança, diferenciando-a da castração e da privação.

Eis o quadro apresentado por ele:

AGENTE	FALTA DE OBJETO	OBJETO
Pai real	Castração simbólica	Falo imaginário
Mãe simbólica	Frustração imaginária	Seio real
Pai imaginário	Privação real	Falo simbólico

Figura (2): Recuperado de Lacan (1956-57/1995, p. 274).

A noção de frustração se refere aos primeiros anos de vida da criança. De acordo com Lacan, ela está intimamente ligada à investigação dos traumas e impressões provenientes de

<sup>14</sup> Lacan (1956-57/1995) sinaliza, nesse seminário, que não existe objeto a não ser metonímico, visto que “o objeto é sempre, somente, um objeto reencontrado a partir de uma *Findung* primitiva, e portanto, a *Wiederfindung*, a redescoberta, jamais é satisfatória” (p. 60). Assim, ele propõe uma diferença nas leituras produzidas pelos psicanalistas pós-freudianos, como Melaine Klein (posições paranóides e depressivas em relação ao objeto) e D. W. Winnicott (objetos transicionais), ao postular que o sujeito se relaciona é com a falta do objeto, primordialmente perdido. Posteriormente esse objeto faltante se constituirá como uma das vertentes do objeto pequeno *a*.

experiências pré-edípicas. Isso não significa que a frustração seja exterior ao Édipo, ao contrário, ela lhe dá o terreno preparatório, sua base e seu fundamento. A frustração modela a experiência do sujeito e prepara nele certas inflexões que darão a vertente segundo a qual o conflito edípico será levado a se infletir. Portanto, no início, tem-se um conjunto de impressões reais, vividas pelo sujeito “num período de desenvolvimento em que sua relação com o objeto real está centrada habitualmente na imago dita primordial do seio materno” (Lacan, 1956-57/1995, p. 62). O agente da frustração é, por conseguinte, a mãe simbólica e o objeto é o seio real<sup>15</sup>. Embora o seio seja situado enquanto um objeto real, a falta dele, na frustração, é vivenciada pelo sujeito como um dano, um prejuízo, uma lesão que está no registro do imaginário, e é, por essência, o domínio da reivindicação: “ela diz respeito a algo que é desejado e não obtido, mas que é desejado sem nenhuma referência a qualquer possibilidade de satisfação nem de aquisição” (Lacan, 1956-57/1995, p. 36), visto que o sujeito supõe saber precisamente aquilo que quer, mas o objeto real, por razões contingentes, não é ofertado pelo agente materno.

Lacan assim define a mãe nesse momento:

A mãe é outra coisa que não o objeto primitivo. Ela não surge como tal desde o início, mas, como frisou Freud, a partir desses primeiros jogos, jogos de domínio sobre um objeto perfeitamente indiferente em si mesmo e sem nenhuma espécie de valor biológico. No caso, é uma bola, mas poderia ser igualmente qualquer coisa que uma criancinha de seis meses deixasse cair da beira da cama para tornar a apanhar em seguida. Este acoplamento de presença-ausência, articulado de modo extremamente precoce pela criança, conota a primeira constituição da agenda da frustração, que é originalmente a mãe (Lacan, 1956-57/1995, p. 67).

Sendo assim, a mãe, para Lacan, não é situada objetivamente, mas articulada pelo sujeito. A mãe simbólica encarna o Outro como tesouro do significante que irá circunscrever a perda do objeto junto à introdução da criança no universo da demanda, dando significação à necessidade, além de se apresentar como par de opostos presença-ausência. O grande Outro, noção essencial para o pensamento lacaniano, denuncia a alienação estruturante do sujeito à linguagem. Definido por Lacan como o lugar da palavra, campo simbólico e fiador da linguagem, o grande Outro, representado na figura materna ou em quem exerce tal função, é o primeiro Outro da criança.

A operação de presença-ausência é, para o sujeito, articulada no registro do apelo infantil que se apresenta nas vocalizações primárias, uma vez que a linguagem propriamente dita não é ainda apreendida pela criança. O objeto materno é chamado quando está ausente, e

---

<sup>15</sup> A noção de real aqui ainda parece estar muito relacionada à realidade.

quando se presentifica, é rejeitado. A escansão do apelo infantil é o começo da estruturação da ordem simbólica. Nessa perspectiva, a criança se situa entre a noção de um agente, que já participa da ordem simbólica, e o par de opostos presença-ausência, a conotação mais-menos, que abre a possibilidade, a condição fundamental, o primeiro elemento de uma ordem simbólica, embora Lacan já advirta que esse elemento não basta por si só para constituí-la. É em função do apelo, da reivindicação e da frustração agenciada pela mãe que se funda a ordem simbólica: “se o apelo é fundamental, fundador na ordem simbólica, é na medida em que aquilo que é chamado pode ser rejeitado. O apelo já é uma introdução, totalmente engajada na ordem simbólica, a palavra” (Lacan, 1956-57/1995, p. 186).

Lacan interroga: “o que acontece se o agente simbólico, o termo essencial da relação da criança com o objeto real, a mãe como tal, não responde mais? Se, ao apelo do sujeito, ela não responde mais?” (Lacan, 1956-57/1995, p. 68), e responde: “Ela decai. Quando, antes, estava inscrita na estruturação simbólica que a fazia objeto presente-ausente em função do apelo — ela se torna real” (Ibidem). Até então a mãe existia na estruturação como agente, distinta do objeto real que é o objeto de satisfação da criança, o seio. Quando ela para de responder ou só responde segundo seu critério, ela sai da estruturação, tornando-se real e realiza-se como potência. Nesse momento, a posição se inverte, pois a mãe torna-se real e o objeto simbólico. A partir do momento em que a mãe vira potência e real, os objetos que até então eram para a criança, pura e simplesmente, objetos de satisfação, tornam-se, em razão dessa potência, objetos de dom. O objeto-dom é articulado como um signo de amor e vale como testemunho da potência materna. Segundo Lacan, esse é um momento decisivo, pois a partir da onipotência materna “a mãe pode dar qualquer coisa” (1956-57/1995, p. 70), e o que “se situava até então no plano da primeira conotação presença-ausência, passa, de súbito, a um outro registro, e torna-se algo que se pode recusar e que detém tudo aquilo que o sujeito pode necessitar” (Ibidem), e mesmo que ele não precise disso, Lacan salienta, a partir do momento em que isso depende dessa potência materna, isso se torna simbólico.

Em “*A significação do falo*” (1958/1998), Lacan articula a noção da demanda junto ao registro da frustração e ao objeto de dom:

A demanda em si refere-se a algo distinto das satisfações por que clama. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta, por ser prenhe desse Outro a ser situado *aquém* das necessidades que possa suprir. Ela já o constitui como tendo o “privilégio” de satisfazer suas necessidades, isto é, o poder de privá-las da única coisa pela qual elas são satisfeitas. Esse privilégio do Outro, assim, desenha a forma radical do dom daquilo que ele não tem, ou seja, que chamamos de seu amor (Lacan, 1958/1998, p. 697, grifo do autor).

O Outro materno, nesse momento, está investido de um poder implacável e inextricável, pois situando-se nesse aquém das necessidades que pode suprir, escancara a possibilidade de frustrar a criança dos objetos cuja demanda parece apontar. Com isso, a mãe, em sua onipotência, pode conceder ou negar o dom do amor. Ao retirar o objeto do campo apenas da necessidade, ele se torna o sinal da espera do amor do Outro, o que torna possível demarcar que toda demanda é uma demanda de amor. Ao articular a demanda em palavras, o objeto se inscreve no campo da dádiva simbólica, sujeito às leis de troca, pois é preciso que haja ao menos dois sujeitos ligados por algo que pode ou não ser fornecido, um doador e um donatário.

Segundo Brousse (2019), o dom está localizado entre duas categorias de objeto: a dos objetos comuns, retirados das imagens pela função fálica e funcionando a nível simbólico como valor, e os objetos êxtimos a troca, que se originam do corpo não como imagem, mas como um resto de gozo arquivado. O objeto correlato ao dom coloca em jogo então as coordenadas da demanda, do desejo e do gozo do Outro. Aqui, definitivamente, estamos no campo da devastação. A devastação não se situa na frustração que a mãe opera na criança acerca de seus objetos de satisfação, pois é precisamente isso que possibilita a constituição da ordem simbólica e da demanda. Se a devastação se apresenta nesse momento, é porque estruturalmente a mãe ocupa um lugar onipotente do Outro primordial, emissário do simbólico, dos tesouros significantes e da lei de significação que pode denegar o amor. A frustração é vivenciada como uma frustração de amor, ou seja, trata-se menos do objeto e mais do dom: “o dom é, em sua própria essência, uma prática ambivalente que une ou pode unir paixões e forças contrárias. Ele pode ser, ao mesmo tempo ou sucessivamente, ato de generosidade ou ato de violência” (Godelier, 1934/2001, p. 23).

A ausência materna é subjetivada pelo sujeito como negação do amor. “Por que ela se ausenta? O que ela busca além de mim? Ela não me deseja?”. Para garantir a presença da mãe e poder acessar o dom de seu amor, a criança se oferece ilusoriamente como objeto que irá satisfazer a mãe. Identificando-se com o que supostamente a mãe deseja, a criança crê que assim conseguirá obter os signos de seu amor: “O importante, com efeito, não é apenas a frustração como tal, ou seja, um mais ou menos de real que tenha ou não tenha sido dado ao sujeito, mas aquilo pelo qual o sujeito almejou e identificou o desejo do Outro que é o desejo da mãe”, nesse sentido, “o importante é fazê-lo reconhecer, em relação ao que é um x de

desejo na mãe, de que modo ele foi levado a se tornar ou não aquele que atende a esse desejo, a se tornar ou não o ser desejado” (Lacan, 1957-58/1999, p. 283).

Esse é o primeiro tempo do Édipo, no qual a mãe aparece enquanto uma lei caprichosa, onipotente e incontrolada. Este ponto é extremamente interessante, pois Lacan diz da mãe enquanto uma lei, anterior a lei do pai. A instância paterna, segundo Lacan, aparece nesse momento veladamente ou ainda não aparece. Caminha assim, na esteira de Freud ao apontar para algo anterior a entrada do pai e de sua lei, isso “não impede que o pai exista na realidade mundana, ou seja, no mundo, em virtude de neste reinar a lei do símbolo” (Lacan, 1957-58/1999, p. 200).

Diante desse Outro todo-poderoso, a criança só pode se situar enquanto assujeitada, “isto é, no bem-querer ou no malquerer da mãe, na mãe boa ou má” (Lacan, 1957-58/1999, p. 195). Como assinala anteriormente, com a mãe respondendo ao apelo infantil apenas segundo seu próprio critério, uma vez que seu desejo se encontra alhures, resta a criança buscar satisfazer o desejo da mãe, “*to be or not to be* o objeto de desejo da mãe” (Lacan, 1957-58/1999, p. 197). A criança se identifica especularmente com aquilo que é o objeto de desejo da mãe, constituindo o seu eu como alienado. Nessa ocasião nota-se como as elaborações de Lacan acerca do estádio do espelho e da alienação imaginária se entrelaçam à função materna. Essa imagem com a qual o sujeito se identifica é ordenadora da função do eu e organiza o narcisismo, o que nos relança aos fundamentos da tópica do imaginário e da constituição do Eu. Ora, relembremos que desde “o estádio do espelho como formação da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949/1998), o Outro, além de introduzir o sujeito na linguagem e na cultura, também se apresenta no pequeno outro, semelhante, que serve de suporte especular para que a criança adquira consistência e constitua sua imagem corporal: “o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (Lacan, 1964/1985, pp. 193 e 194).

Em sua prematuridade anatômica, neurológica e completa incoordenação motora, o sujeito só pode apreender sua unidade corporal através da imagem de um semelhante. Lacan nomeia de “eu-ideal” a imagem unificada com a qual o sujeito se identifica, indicando, entretanto, que essa imagem necessita do consentimento do Outro, “matriz simbólica”, portador do “ideal do eu”. Tal consentimento, presentificado no olhar materno, traz validação para essa imagem. Intimamente relacionado ao desejo materno, esse olhar carregado de

investimento libidinal conforme atestado por Freud em 1914 ao dizer sobre “sua majestade o bebe”, constitui o narcisismo e é indicado pelo autor como necessário. “Não é isso que a criança lê no olhar da mãe — ser tudo ou nada?” (Zalcborg, 2003, p. 96). A maneira como tal desejo irá infletir na criança se traduz na ficção egóica que, nos termos do falo imaginário, a criança buscará completar tal desejo.

Segundo Lacan, essa é a etapa crucial que se situa logo antes do Édipo junto da frustração primitiva: “esta é a etapa em que a criança se engaja na dialética intersubjetiva do engodo! Para satisfazer o que não pode ser satisfeito, a saber, esse desejo da mãe, que, em seu fundamento é insaciável” (1956-57/1995, p. 198). A criança, conforme estabelece Lacan, se engaja na via de fazer a si mesma de objeto enganador. Visto que o desejo fálico da mãe não pode ser saciado, é preciso enganá-lo, precisamente “na medida em que mostra a sua mãe aquilo que não é, constrói-se todo o percurso em torno do qual o eu assume sua estabilidade” (Ibidem).

Acerca da mãe insaciável, Lacan assim a descreve:

Esta mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar, *quaerens quem devoret*<sup>16</sup>. O que a própria criança encontrou outrora para anular sua insaciedade simbólica, vai reencontrar possivelmente diante de si como uma boca escancarada. A imagem projetada da situação oral, vamos reencontrá-la também no nível da satisfação sexual imaginária. O furo aberto da cabeça da Medusa é uma figura devoradora que a criança encontra como saída possível em sua busca da satisfação da mãe (Lacan, 1956-57/1995, p. 199).

Essa figura devoradora retorna anos mais tarde no “*Seminário 17: o avesso da psicanálise*”<sup>17</sup> no qual Lacan trabalha o desejo da mãe numa dimensão mais-além do Édipo, dizendo que o “desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos” (Lacan, 1969-70/1992, p. 118). Retornarei a essa questão no momento em que estiver trabalhando em torno da interrogação sobre a devastação ser ou não estrutural.

No segundo tempo do Édipo é possível adentrar no terreno da privação. A privação, segundo Lacan a situa, em sua natureza de falta, é essencialmente uma falta real. Trata-se de um furo real e o objeto da privação, este, não passa jamais de um objeto simbólico. Lacan elucida a questão da seguinte forma:

---

<sup>16</sup> Tradução livre: procurando a quem possa devorar.

<sup>17</sup> Mencionado daqui em diante como “*Seminário 17*”.

A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. É na medida em que definimos pela lei o que deveria estar ali que um objeto falta no lugar que é seu. Não há melhor referência do que esta: pensem no que acontece quando vocês pedem um livro numa biblioteca. Dizem-lhes que não está no lugar, ele pode estar bem ao lado, mas ainda assim, em princípio, falta no seu lugar — ele é, por princípio, invisível. Isso quer dizer que o bibliotecário vive inteiramente num mundo simbólico. Quando falamos de privação, trata-se de objeto simbólico, e de nada mais (1956-57/1995, p. 38).

Para que o sujeito constate a falta no real e tenha acesso à privação, é preciso que ele conceba o real como sendo diferente do que é, ou seja, que já consiga simbolizá-lo, situando o simbólico antes. No que concerne ao agente da privação, tem-se nesse momento a entrada do pai imaginário que se distingue do pai simbólico e do pai real, conforme Lacan os apresenta. O pai imaginário é aquele com quem lidamos o tempo todo. “É a ele que se refere, mais comumente, toda a dialética, a da agressividade, a da identificação, a da idealização pela qual o sujeito tem acesso à identificação ao pai” (1956-57/1995, p. 225). O pai imaginário está integrado à relação imaginária que forma o suporte das relações com o semelhante e que se encontra no fundo de tantas experiências neuróticas. O pai simbólico, por sua vez, é uma construção simbólica que se situa num mais-além, quase que numa transcendência, pois não está representado em parte alguma, sendo alcançado apenas através de uma construção mítica. Já o pai real é de difícil apreensão devido à interposição de fantasias e à necessidade da relação simbólica<sup>18</sup>.

Para pensar a privação, Lacan traz à discussão as construções freudianas sobre a ausência do pênis na mulher: “Em lugar de ficar “cozinhando” o peixe, vamos tentar, ao contrário, isolá-lo. A privação é a privação do peixe. É, em especial, o fato de que a mulher não tem pênis, que ela é privada dele” (1956-57/1995, p. 223). Depreende-se daí que a privação está no cerne da distinção anatômica. É na constatação do pênis faltante, situado simbolicamente, pois é só no simbólico que um objeto pode faltar, que a criança se deslocará para o registro da privação. Lacan declara que a privação é uma operação real, mas a falta que ela estratifica é simbólica, já que na realidade não falta nada à mulher.

Aqui há uma distinção inédita em como Lacan apreende a função do pai nessa travessia da mãe com a criança, pois sendo o pai imaginário o agente dessa operação, ele não

---

<sup>18</sup> Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros (2015) esclarecem que neste momento de seu ensino, ao abordar o pai real, Lacan não o explora a partir de sua elaboração posterior sobre o real como um equivalente do impossível. Há um certo realismo presente cujo significante funciona na medida em que ganha carne, já que existe “uma ação, uma atuação de um real”. Segundo os autores, o pai real “poderia ser outra criança, uma mulher, ou mesmo um extraterrestre. O que é essencial aqui é que a função simbólica não seja imaterial, pois a função de pai real exige a atuação de alguém que diz não” (p. 39).



privará a criança da mãe, mas a mãe de seu objeto de desejo, o objeto fálico, em última instância. Com a interdição paterna recaindo sobre a mãe, a criança não pode mais responder do lugar em que se identifica com o objeto fálico materno. A criança constata que o Outro materno deseja outras coisas para além dela, o que traz a dimensão de que o “significado das idas e vindas da mãe é o falo” (Lacan, 1957-58/1999, p. 181). A introdução do pai nesse momento é essencial, pois introduz a possibilidade de instaurar um mais além da lei caprichosa e onipotente da mãe, o que faz com que a criança se desloque da posição de objeto metonímico e consiga subjetivar a castração. O pai se afirma como presença privadora, “como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei” (Lacan, 1957-58/1999, p. 200). Ainda segundo Lacan, é na medida que o desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que “o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente objeto do desejo da mãe” (Ibidem, p. 210).

Questionando-se sobre o desejo do Outro, a criança situará, então, o pai como aquele que porta a promessa do objeto do desejo da mãe, o falo. Nesse sentido, o falo se desprende do estatuto puramente imaginário e entra na rede simbólica enquanto significante que está tutelado pelo pai. Tal operação é indispensável para instituir a lei paterna, por essa razão, Lacan afirma que a castração requer, anteriormente, a operação de privação. A criança precisa franquear, portanto, duas decepções fundamentais: ela é privada do falo, assim como sua mãe, que também se direciona a um Outro para se questionar sobre seu desejo: “a demanda endereçada ao Outro, caso transmitida como convém, será encaminhada a um tribunal superior, se assim posso me expressar” (Lacan, 1957-58/1999, p. 198). O Outro materno enquanto caprichoso, onipotente e autocrático é destituído. Conforme Lacan destaca, a estreita ligação desse reenvio da mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo.

Nesse ponto, a divisão entre mãe e mulher da qual citei anteriormente, irá fundamentar-se na teoria lacaniana e apontar para desdobramentos dessemelhantes da perspectiva de Freud. A mãe, aqui, também precisará se reposicionar junto à tríade (ela, o falo e o filho), e ao quarto elemento que incidirá sobre os últimos três (o pai real). Fazendo uma operação de “dobradiça”, a mãe precisará dividir-se entre seu lugar materno e seu lugar de mulher, para que “o sujeito assumira essa duplicidade ou esse desdobramento da figura materna que entra nas condições do equilíbrio terminal” (Lacan, 1956-57/1995, p. 431).

Nessa perspectiva, Lacan retoma que Freud introduziu, muito precisamente, a importância da função “mãe fálica” e “mulher fálica”. A importância reside menos na mãe/mulher e mais na criança que depende desse sujeito. Miller (2014) sintetiza ao apontar que mais do que ser privada pelo pai de seu desejo insaciável pela criança/falo, é preciso ainda que a mãe ofereça “uma divisão do desejo a qual impõe, nessa ordem do desejo, que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno” (p. 3). Para que a criança possa se estruturar enquanto sujeito desejante, ela depende do desejo da mulher, ou seja, é preciso que a mãe seja não-toda mãe e que a criança não obture a falta em que se apoia o seu desejo. Conforme comenta Soler (2005), foi exatamente por isso que Lacan, no “*Seminário 4*”, acentuou tanto a falta de objeto e a necessidade de a criança encontrar, além da mãe como potência preenchedora ou preenchida, a mãe desejante, a quem a falta fálica está em seu lugar de desejo. Nessa direção, o desejo feminino como tal cria a ausência da mãe, extremamente necessária, pois descortina a dialética da separação.

Assim, a fase pré-edípica chega a seu termo quando a criança assume “o falo como significante, e de uma maneira que faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas” (1956-57/1995, p. 204). A castração será a operação decisiva para que o sujeito entre na ordem simbólica. Segundo Lacan, a “castração foi introduzida por Freud de uma maneira absolutamente coordenada à noção da lei primordial, do que há de lei fundamental na interdição do incesto e na estrutura do Édipo”, e sumariza que a “castração só pode se classificar na categoria da dívida simbólica” (1956-57/1995, p. 36). O agente nesse terceiro tempo é o pai real, a falta fundamental é concebida no simbólico, como uma dívida, e o objeto é o falo, enquanto imaginário. Lacan assim o distingue do objeto no tempo da privação:

O objeto de que se trata no caso é o pênis. No momento e no nível em que falamos de privação, este é um objeto que nos é dado em estado simbólico. Quanto à castração, na medida em que ela é eficaz, experimentada, presente na gênese de uma neurose, incide, como indica a ordem necessária do quadro, sobre um objeto imaginário. Nenhuma castração, daquelas em jogo na incidência de uma neurose, é jamais uma castração real. Ela só entra em jogo na medida em que atua no sujeito sob a forma de uma ação incidindo sobre um objeto imaginário (Lacan, 1956-57/1995, p. 224).

O terceiro tempo de Édipo, que desemboca em seu sepultamento, está alinhado com o tempo da castração, no qual se apreende que a criança assume para sua mãe a função simbólica de sua necessidade imaginária, portanto “a ordem simbólica intervém precisamente no plano imaginário” (Lacan, 1956-57/1995, p. 233). A criança, nesse momento, precisará inscrever a falta de objeto, que não falta só a ela, mas a todos. Ela “tem que descobrir essa

dimensão, a de que alguma coisa é desejada pela mãe para além dela mesma, isto é, para além do objeto de prazer que ela sente inicialmente ser ela mesma para a mãe, e que aspira a ser” (Ibidem, p. 248). O pai real, nessa ocasião, precisa fazer valer sua promessa de que pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui. Aqui a potência realiza-se no pai, momento no qual a criança pode, então, identificar-se com ele, justamente por intervir como aquele que tem o falo. Assim “o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina” (Lacan, 1957-58/1999, p. 201).

Do Outro absoluto e onipotente, a mãe passa a ser o Outro barrado, que está submetido a castração: “A castração materna — como vemos na descrição da situação primitiva — implica para a criança a possibilidade da devoração e da mordida. Existe uma anterioridade da castração materna, e a castração paterna é um seu substituto” (Lacan, 1956-57/1995, p. 377). A castração paterna, no dizer de Lacan, pode não ser menos terrível que a materna, “mas é certamente mais favorável que a outra, porque é suscetível de desenvolvimentos, o que não é o caso do engolimento e devoração da mãe. Do lado do pai um desenvolvimento dialético é possível” (Ibidem). Junto a identificação ao pai real, Ideal do eu, surge para o sujeito as possíveis ordenações para sua posição sexuada, afinal de contas, declinado o complexo de Édipo, que possui função ordenadora e de caráter normativo, não introduzirá apenas a “estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo” (Lacan, 1957-58/1999, pp. 170 e 171). Não se ocupando mais da pergunta hamletiana de ser ou não ser o falo da mãe, o que aparece para o sujeito é a problemática de quem tem ou não tem o falo. O menino encontra uma significação junto ao seu órgão pela identificação viril ao pai como aquele que tem o falo, e a menina, com os atravessamentos do *Penisneid*, prossegue de maneiras distintas com a ausência do seu ter. Tais desdobramentos serão abordados de maneira específica e detalhada posteriormente.

É possível aferir que nesse momento de seu ensino, Lacan, signatário de Freud, pensava o desejo materno imbricado na dimensão fálica. Assim, a criança ou o pai, com sua promessa fálica, são aqui pensados enquanto mobilizadores da falta feminina. No dizer de Lacan: “se a mulher encontra na criança uma satisfação é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que o satura” (1956-57/1995, p. 71). Quanto ao pai e ao falo: “Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem” (Lacan, 1957-58/1999, p. 202). Mesmo quando aponta sobre a bifurcação entre mãe e mulher,

usa como referencial o falo para desfazer a diplopia tão marcante na teoria freudiana. Tal questão ganhará posteriormente uma dimensão mais além do falo que para essa pesquisa é de igual importância, pois também se refere à devastação.

Com os desdobramentos efetuados por Lacan acerca dessa figura, o que desponta de mais importante para pensar sobre o lugar da mãe na devastação, tange à formalização acerca de seu desejo. Extremamente essencial, mas, ao mesmo tempo, perigoso, esse elemento estruturante carece de mais detalhes para articular-se ao fenômeno clínico da devastação.

#### **1.4 Devastação**

Quando se fala sobre a devastação em Psicanálise usualmente não há muita hesitação quanto a seus modos de apresentação: localizável na matriz relacional materna, podendo estender-se para as relações amorosas, o sujeito, desarrazoado, padece intensamente denotando ao analista uma grave crise subjetiva que parece ameaçar sua existência. Trata-se de um fenômeno clínico recorrente e de difícil manejo, pois, “assinala um ponto de real clínico que exige do analista um tratamento sério” (Brousse, 2004, p. 58), algo que também se expressou como um impasse para Lacan em sua função de analista: “tenho experiência analítica suficiente para saber como pode ser devastadora a relação mãe-filha” (Lacan, 1975/2006, pp. 23 e 24).

Da devastação na relação materna, tem-se notícia de maneira incontestável nas análises. Colette Soler (2005) ressalta que a mãe sempre foi colocada no palco das causas pelos analistas. Várias mães foram descritas por teóricos importantes da psicanálise: a mãe com seu corpo cheio de objetos (Melanie Klein), a mãe do cuidado (Winnicott), e a mãe do amor primário (Balint). Em todos os casos têm-se elidido uma culpabilização pelas causas da infelicidade subjetiva junto dos fracassos exercidos por essa delicada função. Ainda segundo a autora, tal culpabilização em muito se apoiou nos ditos dos analisandos, que de maneira sistemática e infalível se queixam e convocam a figura materna, sempre inscrita no cerne das memórias mais marcantes. Sem cair no engodo de ficar atribuindo falhas à mãe e produzindo uma causalidade familiar, o que interessa à Psicanálise lacaniana é tentar cotejar o que cada um traz no mais íntimo de si dessa marca do Outro primordial e quais particularidades provenientes daí podem levar a devastação. É nesse sentido que se insere minha pesquisa.

Sabe-se que os ecos dessa marca do Outro ressurgem nas narrativas dos pacientes. Nessa acepção, Soler (2005) diz da mãe enquanto um objeto vital por excelência, que figura “o pólo das efervescências sensuais, a figura que cativa a nostalgia essencial do ser falante, o próprio símbolo do amor” (p. 90). A autora apresenta os dois aspectos mais frequentes dessas narrativas em torno da figura materna, a angústia e a recriminação.

[...] na associação livre, sejam quais forem as variações individuais, é mais como acusada que a mãe se instala. Imperiosa, possessiva, obscena ou, ao contrário, indiferente, fria e mortífera, presente demais ou ausente demais, atenta demais ou distraída demais, quer cubra de mimos, quer prive, quer se preocupe, quer se mostre negligente, por suas recusas ou por suas dádivas, ela é, para o sujeito, uma imagem de suas primeiras angústias, lugar de um enigma insondável e de uma ameaça obscura. No cerne do inconsciente, as falhas da mãe sempre têm lugar, chegando até a “devastação”, às vezes, quando se trata da filha, diz Lacan (Soler, 2005, p. 91).

No momento em que Lacan fala sobre essa questão pela primeira vez, diz da devastação como uma realidade que se constitui para a maioria das mulheres em sua relação com a mãe. Mas, do que se trata a devastação? Miller em seu texto “*Uma partilha sexual*” (2003) a localiza como uma “uma depredação, uma dor que não para, que não conhece limites” (p. 20). Um sofrimento tão intenso e tão lancinante imiscuído na relação do sujeito com o Outro primordial, fez-me querer lançar um olhar mais atento sobre essa realidade tão presente para ser possível uma aproximação a essa problemática.

Ora, se me proponho resgatar o tratamento conceitual dado à devastação através do enquadre psicanalítico, situar melhor o termo junto de seus desdobramentos linguísticos me parece providencial. Para me ajudar a pensar nisso, recolhi de Ivonne Bordelois (2007), poeta, ensaísta e linguista: o ensinamento de que a linguagem é fonte de perguntas inesgotáveis. No alvorecer do acontecimento humano, o ser humano foi proferindo vocábulos que se referiam aos seus sentimentos mais primordiais marcando poderosas pegadas de um conhecimento assombrado e assombroso acerca de sua própria existência. Ainda segundo a autora, a partir do imediatismo de seu próprio corpo, o homem constrói o seu mundo ainda indiferenciado de seus sentidos, sentimentos, paixões e pensamentos que se relacionam entre si. Essa dinâmica relacional continua a reverberar através das palavras que ecoam em idiomas distantes que, com o passar do tempo, vão sendo desmembrados e distinguidos.

Com isso, Bordelois faz um convite para assistirmos a essa vida escondida das palavras, pois elas não apenas formam a fala: elas se relacionam, elas adivinham e elas predizem, se soubermos escutá-las, ou, como propõe Lacan (1972-73/2008) ao adentrar no registro do discurso analítico, lê-las. O estudo etimológico pode ser considerado então uma

espécie de arqueologia da sabedoria coletiva submersa na língua. A viagem do resgate etimológico, “pode comparar-se a uma exploração que se orienta a encontrar joias escondidas entre ruínas” (Bordelois, 2007, p. 18). Investigar o seu passado pode levar a descobertas reveladoras.

Nessa esteira, retomo as particularidades dessa pesquisa. Na citação original de “*O Aturdido*”, texto no qual Lacan aborda sobre o tema de minha dissertação, a palavra “devastação” aparece como “*ravage*” na língua francesa, substantivo utilizado pelo psicanalista para situar essa relação. Investigando esse saber submerso da língua, encontro que, etimologicamente, a palavra *ravage*, conforme consta no dicionário Larousse (2005), possui a definição de “destruição”, “desolação”, “pilhagem”, “efeito desastroso de algo em alguém”, ou ainda “danos causados de maneira violenta pela ação dos homens”. Essa palavra deriva do verbo “*ravir*”, que, curiosamente, produz uma bifurcação em sua definição, significando por um lado “arrebatar”, “raptar”, e por outro, “deslumbramento”, “encantamento”. Em conformidade com sua raiz etimológica, Miller (2015) pontua que na experiência de devastação trata-se de uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites.

Tal ambiguidade do termo me leva a outra derivação, “*ravissement*”, termo que conserva o radical de *ravage*, e que também retém a significação de “arrebatamento”, “deslumbramento”, além de “êxtase”. Lacan (1965/2003) aborda o *ravissement* quando presta sua homenagem à Marguerite Duras pelo “*Deslumbramento de Lol V. Stein*” (1964), uma de suas produções literárias. Nesse texto Lacan aponta para a nebulosidade presente no termo: “arrebatamento – essa palavra constitui para nós um enigma. Será objetiva ou subjetiva naquilo em que Lol V. Stein a determina?” (Lacan, 1965/2003, p. 198).

Miller (2015) explicita o caráter místico de *ravissement*, já que o sentido clássico dessa palavra quer dizer que se é conduzido a um estado de felicidade extrema, no qual se é transportado, raptado, por uma força que conduz ao êxtase. Segundo Laurent (2012), esse termo aparece como paradoxal e antitético, como são, frequentemente, os termos que vêm da mística. Ele cita o “*Dictionnaire Historique de la Langue Française*” de Rey (1953/1998), para marcar esse ponto: “arrebatamento, introduzido no fim do século XIII, expressava, até a época clássica, o fato de extrair por força, hoje realizado pela palavra raptó (da mesma família) e, correntemente, por transporte”. E ainda: “no vocabulário místico, a palavra designa

uma forma de êxtase na qual a alma se sente tomada por Deus, como que por uma força superior à qual não se pode resistir”.

Enquanto produção linguística, é interessante notar essa nuance ambígua na raiz etimológica de *ravage*, pois, ao mesmo tempo em que a destruição aparece, um certo deslumbramento, fascínio e encantamento também tem seu lugar. Encontro isso com frequência nos casos clínicos em que o ponto da devastação com a mãe se apresenta. Ouço de uma paciente: “não sei o que acontece... Mesmo sabendo que voltar a ter contato com minha mãe vai me destruir, permaneço cedendo quando ela me procura e retorno sempre nesse mesmo lugar”. Essa constatação também se apresentou a Brousse (2004) que lança, então, a hipótese de que a devastação é uma consequência do arrebatamento e que ela comporta duas vertentes, uma fálica, como já abordei parcialmente, e outra mais além. Situarei este ponto mais adiante.

#### *1.4.1 A devastação materna é estrutural?*

O sujeito não está instituído desde o início, trata-se sempre de um efeito definido por sua articulação significativa. É falado pelo Outro antes mesmo de ser concebido na realidade concreta, ou seja, é precedido por sua existência e encarcerado pela linguagem. Como abordei anteriormente, a mãe encarnando esse Outro da linguagem, possui papel preponderante na estruturação do sujeito uma vez que o introduz na dialética da demanda e do desejo, afastando-o do campo apenas das necessidades. Lacan em “*Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*” (1966/1998) diz ter ficado encantado com a observação de Lagache de que, “antes de existir em si, por si e para si, a criança existe para e por outrem; já é um pólo de expectativas, projetos e atributos” (p. 659). Lacan realiza que o sujeito é precisamente isso antes de seu nascimento, um pólo de atributos, os quais ele define como significantes mais ou menos ligados no discurso, significantes estes que, segundo o psicanalista, talvez sob seu acúmulo, o sujeito claramente pode vir a se sufocar. Além disso, há algo que de maneira ainda mais profunda repercute, “coisa de que temos a experiência segura, o desejo dos pais” (Ibidem, p. 660). Conforme abordei na seção anterior, a mãe também é dependente da ordem simbólica e é através dela que a criança receberá a incidência dessa lei simbólica:

[...] a criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de nada mais. Através dessa simbolização, a criança desvincula sua dependência efetiva do desejo materno da pura e simples vivência dessa dependência e alguma coisa se institui, sendo subjetivada num nível

primário ou primitivo. Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode ou não estar presente. No desejo da criança, em seu desejo próprio, esse ser é essencial. O que deseja o sujeito? Não se trata de simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas da apetência do seu desejo (Lacan, 1957-58/1999, p. 188).

Mencionei anteriormente sobre uma primeira tentativa de formalização de Lacan acerca do desejo da mãe em seus seminários 4 e 5, apontando para o “caráter” insaciável de seu desejo e algumas implicações acerca disso na constituição subjetiva do sujeito. Aqui, a criança se situa de maneira metonímica em relação ao falo desejado da mãe, e é daí que a criança precisará se deslocar. Nesse momento é oportuno retomar, por conseguinte, o trecho presente no “Seminário 17” no qual Lacan caracteriza melhor quanto a tal desejo:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a bocarra. O desejo da mãe é isso. Então, tentei explicar que havia algo de tranquilizador. [...] Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha (Lacan, 1969-1970/1992, p. 118).

Qualificando o desejo da mãe como insuportável e produzindo estragos para ambos os sexos, Lacan se serve da metáfora de um crocodilo com a bocarra aberta para dizer que é dentro dela que se encontra o sujeito. Seria possível concluir daí que há algo de estrutural na devastação? Se há uma dimensão de estrago inerente a tal desejo que se apresenta a todo ser vivente, como não depreender daí que a devastação se situa no campo do universal? Há dois apontamentos de Lacan que podem ajudar a responder tal questão. O primeiro se encontra no próprio trecho acima, no qual Lacan fala de algo tranquilizador que, ao nível de potência, está na bocarra emperrando seu fechamento completo: o falo. Lacan não diz que o falo, rolo de pedra, consegue impedir que a boca se feche, mas diz ser isso que coloca o sujeito a salvo da devoração se de repente isso se fecha. Portanto, há alguma salvação possível se o falo se apresenta como mediador desse desejo, aludindo a operação da metáfora paterna que apresentarei a seguir. O segundo apontamento está presente no “*O Aturdido*”, no qual Lacan diz da realidade de “devastação que constitui, na mulher, **em sua maioria**, a relação com sua mãe” (Lacan, 1972/2003, p. 465, negrito meu), ou seja, não é algo que está posto para todas, sendo difícil, portanto, afirmar que a devastação é estrutural. Clinicamente também não se trata de algo verificável, que todos os sujeitos ou todas as mulheres tenham relações devastadoras com a mãe.

De acordo com Brousse (2004), a devastação localiza-se no campo da relação entre o sujeito e a mãe, campo este que inclui o Outro da linguagem e, nesse sentido, vincula-se a



relação do sujeito com a fala. A autora assinala que esse campo, em Lacan, é precisamente o “desejo da mãe”. Caminhando nessa esteira, é preciso verificar o que Lacan esboçou acerca desse desejo e verificar de maneira mais contundente de que forma ele se relaciona à devastação.

Tratando-se de Lacan, é questionável que ele tenha pensado no crocodilo enquanto metáfora para esse desejo de maneira aleatória. Pesquisando sobre esse animal, encontro algumas curiosidades interessantes que talvez possam ilustrar a potência dada por Lacan a esse desejo. A mordida de um crocodilo é a mais vigorosa do reino animal e consiste em sua principal arma. Sua mandíbula é abastada de dentes, podendo chegar ao número de 80. Para se ter uma noção de sua força, uma dentada de crocodilo pode chegar a marca de 1.5 toneladas, podendo perfurar inclusive cascos de tartaruga. Isso não é qualquer coisa.

Anteriormente apresentei uma designação de Lacan no *"Seminário 5"*, sobre o desejo da mãe ser um “x” frente ao qual o sujeito se interroga se é ou não o objeto desejado. Sigo com Lacan: “a pergunta é: qual o significado? O que quer essa mulher aí? Eu bem queria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela — é o x, o significado. E o significado das idas e vindas da mãe é o falo” (1957-58/1999, p. 181). Esse primeiro significante introduzido na simbolização será nomeado por Lacan como Desejo da Mãe, que com seu ir e vir suscita na criança o enigma de seu desejo e a subserviência a ele. O enfrentamento da criança junto a esse enigma, inicialmente sem resposta, traz a presença angustiante de um desejo obscuro que não diz o que deseja.

Já nesse seminário, Lacan começou a introduzir uma operação formalizada para pensar o Édipo. Considerando mãe e pai enquanto significantes e não pessoas, tece uma crítica aos pares de sua época que pareciam querer reduzir as perturbações psíquicas dos pacientes numa dimensão ambientalista. A mãe é então apresentada por Lacan nos termos do Desejo, com D maiúsculo para se diferenciar do desejo, e o pai no da metáfora, que “é um significante que surge no lugar de outro significante” (Ibidem, p. 180). No mesmo período, apresentou a fórmula da metáfora paterna em seu artigo *“De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”* (1957-58/1998):

$$\frac{\text{Nome-do-pai}}{\text{Desejo da mãe}} \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-pai} \left( \frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

Figura (3): Recuperado de Lacan (1957-58/1998, p. 563).

A metáfora paterna diz respeito a esse processo no qual há uma substituição do desejo da mãe pelo Nome-do-pai. No argumento lacaniano, é o Nome-do-pai que ocupará o lugar da ausência deixada pela mãe substituindo-a por um nome. Dentro desse processo, Lacan trabalha ambos os complexos, de Édipo e de castração. Relembremos que nesse tempo a mãe aparece nesta estrutura enquanto presença e ausência que com suas idas e vindas faz a criança se dar conta de que há algo que ela deseja, um desejo que se encontra alhures. Eis o enigma. Mencionei anteriormente que para garantir a presença da mãe e poder acessar o dom de seu amor, a criança se oferece ilusoriamente como objeto que irá satisfazê-la. É precisamente nesse momento que a criança adentra o cativo imaginário tentando completá-la na tentativa de ali tentar calcular o seu lugar, pois a decifração desse enigma “é o próprio lugar de seu ser é sua identificação última que a criança busca, perscrutando e interrogando o Outro materno, de maneira ainda insistente por ter a expectativa de encontrar nisso a chave de sua indizível e estúpida existência” (Soler, 2005, p. 95). É com a entrada do pai e a metaforização do desejo dessa mãe que “permite ou não à criança ser um ‘filho demandado ou não’; para além do cativo imaginário, algo permite à criança ser significada. Esse algo é um símbolo, um significante por meio do qual o sujeito deve se fazer reconhecer” (Brousse, 2004, p. 60).

Segundo Barros (2015), o objetivo da metáfora paterna é definir a incógnita, “x”, situada na fórmula como “significado do sujeito”. O Nome-do-pai é o pai simbólico, elemento mediador essencial do mundo simbólico e de sua estruturação, além de ser introduzir um limite, uma borda entre a mãe onipotente do primeiro tempo do Édipo e a criança, moderando assim a ação incontrolável e insaciável do desejo materno, instalando o falo como o significado referido a esse desejo e é “exatamente porque o sujeito pode significar o que vale no desejo do Outro que ele pode se separar desse objeto a que ele encarnou e encontrar um pouco de liberdade” (Drummond, 2011, p. 7). A partir disso produz-se no lugar do Outro (A) a significação fálica. Se retornarmos a metáfora do crocodilo proposta por Lacan, o rolo de pedra, o falo, em sua articulação com o Nome-do-pai, veicula dois “nãos”: um à mãe, “não reintegrarás teu produto”, e um à criança, “não te deitarás com tua mãe”.

Apreendendo essa formulação promovida por Lacan para pensar sobre o desejo materno, cabe aqui indagar de que forma ele se relaciona a devastação. Brousse (2004, p. 61) deslinda:

Nossa experiência nos cartéis do passe da Escola da Causa Freudiana foi muito instrutiva acerca desse x do desejo da mãe. Ali descobrimos efetivamente que, qualquer que seja a estrutura do sujeito feminino, quaisquer que tenham sido as contingências da história do sujeito, qualquer que tenha sido o sintoma, uma invariante se destacava. O x do desejo materno assumia sempre, num determinado momento da análise, o valor da morte. O significado para o sujeito era o filho cuja morte se desejara. Esse dado clínico vem esclarecer o termo "devastação".

Embora comente nesse trecho especialmente sobre os sujeitos femininos, a autora sinaliza algo de suma importância para essa discussão ao dizer que nos casos de devastação esse enigma do desejo da mãe se apresenta para o sujeito com um valor de morte, afinal de contas, tal como numa operação algébrica, esse "x" pode adquirir qualquer valor.

Assim, é possível articular o desejo da mãe junto a devastação quando "a função paterna se demonstra incapaz de apaziguamento" (Ibidem, p. 63), ou seja, de alguma forma, algo dessa mediação paterna se mostra claudicante, o que não significa dizer que seja inoperante, tal como nos casos da psicose. A psicanalista esclarece que, tal como já alertado por Lacan, não se trata de uma relação dual entre mãe e criança em que o campo simbólico está excluído, pois, em síntese, desde a incidência da alternância presença/ausência da mãe pode-se apreender que o Outro já foi instituído.

Nessa falha da mediação da lei materna incontrolável, retorno à discussão anterior sobre a mãe permanecer elevada à condição de potência simbólica, como aquela que detém os poderes da fala e, com isso, detém a marca das primeiras frases originárias: "o dito primeiro decreta, legifera, sentencia, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade" (Lacan, 1960/1998, p. 822). Ao longo da análise, os pacientes sofrem e dão testemunho desses ditos que remetem a devastação ou a perseguição, comentários inesquecíveis ou ditos imperiosos: "é o que a devastação designa: um sujeito à mercê da vontade do Outro, a palavra "vontade" tendo aí suas ressonâncias múltiplas" (Soler, 1995, p. 127). Isso toca precisamente no comentário de Lacan de que "não é por nada que chamamos a linguagem que usamos como nossa língua materna" (1975/2006, pp. 23 e 24). Brousse (2004) diz que a devastação leva a especificar o tipo de emergência singular na linguagem do sujeito, pois para ela a devastação se relaciona a uma maneira singular com a qual a linguagem despontou num sujeito, e sumariza: "Os tratamentos a partir dos quais me instruo permitem-me qualificar essa

particularidade (tal como portadora da marca da reconstrução em análise) como o que "aconteceu de primordial na infância" (Ibidem, p. 62). A lei materna insensata é articulada a esse tempo primitivo e Lacan os apresenta na origem da formação de um supereu materno:

Na medida em que a regressão oral ao objeto primitivo de devoração vem compensar a frustração de amor, essa reação de incorporação dá seu modelo, seu molde, seu *Vorbild*, a este tipo de incorporação que é a incorporação de certas palavras dentre outras, que está na origem da formação precoce daquilo a que se chama o supereu. O que o sujeito incorpora sob o nome de supereu é algo de análogo ao objeto de necessidade, não na medida em que ele mesmo seja o dom, mas na medida em que ele substitui a falta do dom, o que não é absolutamente o mesmo (Lacan, 1956-57/1995, p. 178).

É nesse sentido que Lacan se indaga se não haveria “um supereu materno ainda mais exigente, mais opressivo, mais devastador, mais insistente?” (Lacan, 1957-58/1999, p. 167), visto que a lei materna insensata é anterior à lei paterna, capaz de mediá-la. Desde os “Complexos familiares” Lacan caminha junto da concepção kleiniana<sup>19</sup> sobre a presença de um supereu arcaico que se reporta ao materno. No “*Seminário 5*”, Lacan retoma o supereu dizendo que ele opera como um mandamento autônomo em sua articulação com a lei da palavra. Esse supereu se vincula a interrogação abissal que o sujeito faz diante do desejo da mãe “*Che vuoi?*”, assim sendo, o “supereu materno, arcaico, aquele a que estão ligados os efeitos do supereu primordial de que fala Melaine Klein, está ligado ao Outro primário como suporte das primeiras demandas, das demandas emergentes — eu quase diria inocentes — do sujeito” (Lacan, 1957-58/1999, p. 512). Lacan circunscreve essa questão no nível das “primeiras articulações balbuciantes de sua necessidade, e daquelas primeiras frustrações nas quais tanto se insiste atualmente” (Ibidem). Assim, o supereu materno se formula na articulação significativa interligando-se à dependência do sujeito ao Outro primordial. Os comandos desse supereu arcaico retornam em momentos elementares, como quando o sujeito e o espaço do desejo desaparecem e o sujeito surge mais na qualidade de objeto para o Outro materno.

No texto “Nota sobre a criança” (1969/2003, p. 369), Lacan assim define as funções materna e paterna: “Da mãe, na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse

---

<sup>19</sup> Em “*Simpósio sobre análise infantil*” (1927), Melaine Klein apresenta a concepção de um supereu arcaico, cruel e impiedoso, proveniente das primeiras relações objetais da criança. Esse supereu arcaico seria antecessor ao que viriam a ser as formas do supereu no declínio do complexo de Édipo. Em “Estágios iniciais do conflito edípiano” (1928), Klein localiza que há uma diferença entre o supereu feminino e o masculino: “a diferença deve ser que a ansiedade do menino é determinado pelo superego paterno e da menina pelo superego materno”(p. 186). Assim, Klein elabora a existência de um supereu materno particularmente severo para as mulheres que contradiz a debilidade do supereu em mulheres esboçado por Freud.

particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas. Do pai, na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei do desejo”. Lacan salienta que:

A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), **deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas**. Ela se torna o "objeto" da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto. A criança realiza a presença do [...] objeto a na fantasia. Ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica. Ela aliena em si qualquer acesso possível da mãe a sua própria verdade, dando-lhe corpo, existência e até a exigência de ser protegida (Ibidem, p. 370, negritos meus).

Aqui, Lacan apresenta a criança ocupando o lugar de objeto pequeno na fantasia materna, sinalizando que este pode ser o seu destino na relação com a mãe, não se reduzindo a possibilidade de ser apenas um objeto fálico. No “Seminário 10: a angústia” (1962-63/2005), Lacan retoma essa possibilidade e diz que o filho pode se tornar um objeto real para a mãe, como sucede com as mães de pacientes esquizofrênicos que, durante a gravidez, realizam a presença do objeto a no fantasma materno: “[...] o que a mãe do esquizofrênico articula sobre o que seu filho era para ela no momento em que estava em seu ventre — nada além de um corpo, inversamente cômodo ou incômodo, ou seja, a subjetivação do a como puro real” (p. 133).

É notório identificar na clínica o quão devastadora essa relação entre mãe e filha pode se tornar quando precisamente a criança fica presa nesse período anterior ao Édipo, da frustração primitiva, em que sua única função é ser o objeto da mãe. Barros (2015), ao comentar em seu livro “*Mães*”, sobre as discussões promovidas em Lacan para tratar do caso do Pequeno Hans, define de maneira provisória esse desejo insaciável como aquele em que, sem a mediação do Nome-do-Pai, pode levar a criança a responder a isto com o seu próprio ser. Postula-se então duas saídas: ou a criança responde ao devoramento materno pela metáfora, fazendo-se de objeto enganador desse desejo que não pode ser satisfeito, ou ela responde no real com a sua própria destruição. Quando isso ocorre, a mãe permanece nesse lugar de um Outro maciço, onde não há espaço para negociação. Conforme explica Brousse (2004), a devastação que se constata nesses casos remete ao desejo fálico da mãe numa posição de reivindicação sem limites em que a criança é convertida numa função de objeto fetiche, única em seu afã.

Aqui, de maneira muito semelhante às formulações de Freud, Lacan pensava a mãe como correlata à falta fálica, objeto essencial no desejo feminino. A insaciabilidade do desejo materno é sempre referenciada ao falo, quer seja tomando a criança como seu substituto ou

apontando para a mesma que ela deseja o falo em outro lugar, junto a um homem, por exemplo. Até então, essa era a saída adotada por Lacan para estruturar o complexo de Édipo, masculino e feminino, servindo-se do falo como recurso para dar conta de tal questão.

Assim, é possível concluir, ao menos provisoriamente, que há uma vertente da devastação que ocorre quando a mãe se situa enquanto toda, exigindo a recuperação do objeto de sua falta à criança, não apresentando a sua divisão subjetiva na história e não sendo o Nome-do-pai uma mediação bem-sucedida em seu desejo. Interroga-se: para além da devastação articulada ao desejo fálico insaciável da mãe, articulado à estruturação do sujeito, como ela se apresenta na particularidade da mãe com a filha? É possível pensar na devastação mais além da reivindicação fálica? Somente mais tarde Lacan percebe que para pensar em tal questão é necessário caminhar mais além do falo para dar conta do Édipo feminino, campo sobre o qual se funda a especificidade da relação mãe-filha.

#### *1.4.2 A especificidade da relação mãe e filha*

Feito todo esse caminho, finalmente será possível adentrar no terreno peculiar da devastação entre mãe e filha. É importante retomar o trecho no qual Lacan define tal relação:

Nesse contexto da elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (Freud dixit), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais subsistência que do pai — o que não combina com ele, sendo secundário, nessa devastação (Lacan, 1972/2003, p. 465, tradução modificada).

É interessante observar que Lacan aborda essa dificultosa relação entre mãe e filha de maneira muito precoce em suas produções, embora esse seja o primeiro recorte em que cunhou o termo devastação para se referir a questão. Já em *“Intervenciones en la SPP”*, quase 40 anos antes do texto *“O Aturdito”*, Lacan diz que “as mães têm um caráter mortífero e muito especialmente nas relações mãe-filha” (1933-37/1988, p. 22, tradução minha), mas não é da opinião de que isso se desenvolva pela questão da emancipação feminina, pois a emancipação se trata de um fenômeno recente, e o mortífero dessa relação é um problema demasiadamente antigo. Em 1938, Lacan, ao comentar sobre os complexos familiares em patologia, salienta o quão propício é para o surgimento de “algum distúrbio mental”, a formação de um “casal psicológico”, formado por uma mãe e uma filha. O argumento se manteve décadas depois como se vê acima. Observa-se que há um apontamento sobre a

discussão em torno do Édipo e da castração feminina ao mesmo tempo em que situa um campo que se contrasta a isso. É preciso, nesse sentido, acompanhar de que maneira Lacan desenvolveu as nuances dessa complexa relação.

Previamente tratei dos três tempos edípicos junto das três formas de apresentação da falta de objeto, teorização que recobria até então ambos os sexos. Ao final do terceiro tempo, o sujeito irá se ocupar do embaraço de quem tem ou não tem o falo, este operando enquanto um significante primordial que norteará sua posição sexuada. Em 1958 na conferência “A significação do falo”, Lacan diz ser através do complexo de castração e da lei introduzida pelo pai nessa sequência edípica que dependerá o futuro da conjunção do desejo com a ameaça (meninos) ou com a nostalgia da falta-a-ter (meninas). Os que são designados meninos ou que se identificam como tal, sairão do Édipo definidos por sua identificação viril ao pai como aqueles que têm o falo, já as designadas meninas, identificadas como aquelas que não tem, se situarão pela via do ser, sendo o falo para alguém.

O falo é apresentado aqui enquanto um significante “que se estabelece desconsiderando a diferença anatômica entre os sexos e que, por essa razão, é de interpretação especialmente espinhosa na mulher e em relação à mulher” (Lacan, 1958/1998, p. 693). Embora o situe assim, Lacan ainda recorre à anatomia para desdobrar seus argumentos. O psicanalista apresenta 4 tópicos que definem essa relação espinhosa do falo na e à mulher, três deles relacionados à mãe: 1) a menina se considera castrada, na acepção de privada do falo, pela operação de alguém, que primeiro é sua mãe, “ponto importante” diz Lacan, e em seguida seu pai; 2) em ambos os sexos, a mãe, mais primordialmente, é considerada como provida do falo; 3) correlativamente, a significação da castração só adquire seu alcance a partir da descoberta da castração materna; 4) esses três últimos desembocam no “desconhecimento” da vagina para ambos os sexos e na promoção do clitóris à função do falo no caso da menina. Essas considerações estão em consonância com os apontamentos freudianos sobre o feminino. É importante lembrar que toda a história da menina com a mãe está centrada no *Penisneid* na acepção de Freud, sendo oportuno entender como, para Lacan, a mulher entra nessa lógica.

Essa questão ganhará contornos em vários textos lacanianos, especialmente em “*Observações sobre o relatório de Daniel Lagache*” (1958), no já citado “*A significação do falo*” (1958), “*Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*” (1958), “*Subversão do sujeito e dialética do desejo*” (1960), além de alguns recortes e passagens dos

*Seminários 4 e 5*. De maneira resumida, é possível verificar que Lacan se servia do falo como operador para ler o feminino, movimento coerente com o seu “retorno a Freud”, sendo infrutífero, portanto trazer todos os seus comentários acerca disso, pois em muito pouco se diferenciam do que Freud propôs para o feminino. Feminino, nesse momento, podendo ser definido como isso que não tem o “mesmo modo de acesso que a simbolização do sexo do homem” (Lacan, 1955-56/1988, p. 201), ou tem “de aceitar a si mesma como um elemento do circuito das trocas” (Lacan, 1957-58/1999, p. 296). Retomarei, então, os aspectos mais importantes para pensar a relação mãe-filha e também para ser possível apresentar uma leitura posterior de Lacan sobre a mulher, para além do falo.

No “*Seminário 5*”, na lição intitulada “A menina e o falo”, Lacan recupera e comenta as construções do Édipo feminino. Só existe uma única maneira de desejar, segundo Lacan, e esse primeiro desejo é a mãe. A menina se supõe, de início, provida do falo, bem como acredita que sua mãe também o seja. Isso faz com que a filha se apresente na “posição masculina” em relação à mãe. “É preciso, por conseguinte, que intervenha alguma coisa, mais complexa no caso dela que no do menino, para que ela reconheça sua posição feminina” (Lacan, 1957-58/1999, p. 286). A decepção será a via de entrada para a menina assumir sua “posição feminina”. A saída da fase fálica é concebida por essa decepção:

É por intermédio do desapontamento, da desilusão em relação a essa fase fantasística da fase fálica, que a menina é introduzida no complexo de Édipo, [...]. **A menina apresenta-se no complexo de Édipo, inicialmente, em sua relação com a mãe, e é o fracasso dessa relação** com a mãe que lhe descortina a relação com o pai, com o que depois será normatizado pela equivalência entre o pênis, que ela jamais possuirá, e o filho que ela de fato poderá ter, e que poderá dar em seu lugar (Ibidem, p. 288, negritos meus).

Lacan afirma, nesse momento, que, no mundo dos objetos, existe um cuja função é paradoxalmente decisiva, a saber, o falo. Sendo um objeto definido enquanto imaginário e não podendo ser confundido com o pênis em sua realidade, possui um papel decisivo nas meninas especialmente sob a forma da nostalgia. Para o autor, a presença ou a instância do falo no imaginário parece ter um papel muito mais importante “para os membros da humanidade a quem falta o correlato real, a saber, as mulheres” (Lacan, 1956-57/1995, p. 70). Embora diga que esse objeto não pode ser confundido com o pênis, Lacan explica que esse objeto tem maior importância para as mulheres precisamente porque, embora de forma simbólica ela possa ter o falo, ela não possui o seu correlato imaginário, o pênis. “A criança feminina, é na medida em que não possui o falo que ela se introduz na simbólica do dom. [...] A menina, se



entra no complexo de Édipo, é na medida em que ela não tem, ela tem que encontrá-lo no complexo de Édipo” (Ibidem, p. 125).

Lacan recupera, assim, a questão do *Penisneid*<sup>20</sup> e o apresenta sob três modalidades distintas: 1) no sentido da fantasia em que o anseio e o desejo de que o clitóris seja um pênis fica guardado por muito tempo ou às vezes conservado por toda vida; 2) o pênis desejado é o do pai. Momento em que o sujeito se apega à realidade do pênis lá onde ele está e tenta buscar-lhe a posse, não lhe restando senão a frustração tanto pela proibição edipiana quanto pela impossibilidade fisiológica; 3) na fantasia de ter um filho do pai, isto é, na tentativa de possuir o pênis paterno sob uma forma simbólica.

*O que ela não tem, o que quer dizer isso? Já estamos, aqui, no nível em que um elemento imaginário entra numa dialética simbólica. Ora, numa dialética simbólica, o que não se tem é tão existente quanto o resto. Simplesmente, é marcado pelo sinal de menos. Ela entra, portanto, com este menos, como o menino com o mais. Resta que é necessário haver alguma coisa para se poder colocar mais ou menos, presença ou ausência. O que está em questão aí é o falo (Ibidem, grifos do autor).*

Do ponto de vista da menina, o falo entra no circuito da dialética das trocas junto à mãe aliado ao dom de amor. Se a mãe fornece o falo é porque ama, se não fornece é porque nega o amor. O caminho “normativo” proveniente do fracasso citado por Lacan, seria a menina constatar que isso que pede a mãe, ela não pode lhe dar visto que o suporte imaginário do falo também lhe falta, o que a faria demandar do pai ou conseguir isto via maternidade, concebendo um filho, tal como nas três modalidades apresentadas por Lacan para dizer do *Penisneid*. O pai entra aqui na posição de substituto, via metonímia, daquilo em que ela se viu primordialmente frustrada junto à mãe, e é por isso que ela passa para o plano da experiência da privação. Lacan salienta que com a crise provocada pela privação, resta à menina duas saídas: renunciar ao pai ou identificar-se com ele. A mulher encontra-se presa num “dilema insolúvel” segundo Lacan, pois “é sempre como aquele que é e que não é o falo que o sujeito terá de se situar, no final das contas, e encontrará sua identificação de sujeito” (Lacan, 1957-58/1999, p. 362). A menina se vê ligada à exigência implicada na função do falo, e ela se torna, então, precisamente esse falo na medida em que ele é o próprio signo do que é desejado. “O fato de ela se exhibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito como falo desejado, significante do

---

<sup>20</sup> Lacan comenta sobre esse termo: “Não se esqueçam que o *neid* não quer dizer simplesmente um anseio, mas significa que isso me deixa literalmente enfurecido. Todas as subjacências da agressividade e da cólera estão nesse *neid* original, tanto no alemão moderno quanto, mais ainda, nas formas antigas do alemão, e até do anglo-saxão” (1957-58/1999, p. 465).

desejo do Outro” (Ibidem, p. 363). A isso Lacan nomeia de mascarada, aspecto que já havia abordado anos antes:

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada e, ao mesmo tempo, amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada (Lacan, 1958/1998, p. 701).

Lacan conclui, pensando nesses termos, que “o Édipo, como caminho de integração na posição heterossexual típica, é muito mais simples para a mulher” (Lacan, 1956-57/1995, p. 207). Pensando o feminino como uma ausência, um furo e um vazio, no qual o sexo da mulher não está simbolizado uma vez que o imaginário só fornece ausência, Lacan, em consonância com o que já produzira em seu “*Seminário 3: as psicoses*” (1955-56/1988, p. 201), aponta ser a “prevalência da Gestalt fálica que, na realização do complexo edípico, força a mulher a tomar emprestado um desvio através da identificação com o pai”, nesse sentido “um dos sexos é forçado a tomar a imagem do outro sexo por base de sua identificação” (Ibidem, p. 202), isto é, ao final do Édipo lhe restaria uma identificação masculina. É só posteriormente que Lacan perceberá que, na verdade, não é muito mais simples. Essa identificação fálica produzida pela menina em sua saída edípica, ainda que a ajude, não será suficiente para ela poder resolver sua posição identificatória, conforme prestarei mais detalhes adiante.

Nesse momento é preciso dar um passo atrás para retornar a problemática da devastação na relação da menina com a mãe. A entrada da menina no Édipo, conforme foi dito, provém do fracasso da relação inicial com a mãe articulada ao *Penisneid*. Segundo os termos lacanianos, é primordial que a filha se retire da posição de saturar a falta da mãe, constate sua falta e dirija ao pai sua demanda. Ela precisa orientar-se para o pai, pois é dessa orientação que encontrará a possibilidade para simbolizar a falta materna e dela mesma, além de transformar a rivalidade imaginária na qual a falta estava incluída em sua relação com sua mãe (Drummond, 2011). Do lado materno, como já foi abordado, é preciso que a mãe se deixe dividir pela troca fálica, enquanto legitima a transposição ao pai com sua promessa de dom.

Pode-se dizer que na devastação esse fracasso não acontece, o que ocorre é um extravio. “Não é a mesma coisa se a criança se fixou numa reivindicação fálica dirigida ao pai ou à mãe” explica Drummond (Ibidem, p. 8). A menina permanece numa posição de espera de que sua mãe lhe dê isso que ela não tem, ou insiste em apostar que a mãe não lhe deu porque

não a amava suficientemente. Disse Lacan: “a menina fica em um estado de reprovação, de desarmonia com ela” (1975/2006, pp. 23 e 24), ou seja, a falta fálica é vivenciada aqui enquanto um dano narcísico que se apresenta sob a forma da frustração. O objeto fálico é exigido como algo que lhe pertence, contudo, não há possibilidade de satisfação dessa reivindicação, o que recai no “domínio das exigências desenfreadas e sem lei” (Lacan, 1956-57/1995, p. 36). Lacan, interrogando com Freud (1933/2018, p. 267) sobre “O que a menininha demanda da mãe?”, acentua a dimensão da espera na qual a menina permanece.

Esta **espera** daquilo que, a partir de então, constitui para ela apenas o que lhe deve ser dado, **vai colocá-la numa dependência muito particular**, que faz nascer paradoxalmente, em um dado momento [...], fixações propriamente narcísicas. Ela é, de fato, o ser mais intolerante a certa frustração (Lacan, 1956-57/1995, p. 208, negritos meus).

[...] a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, **ela realmente parece esperar mais subsistência que do pai** — o que não combina com ele, sendo secundário, nessa devastação (Lacan, 1972/2003, p. 465, tradução modificada, negritos meus).

Miller em “*A erótica do tempo*” (2000), relata que a espera é uma categoria temporal essencial na erótica do tempo enfatizada por Lacan. É ela que mantém o Outro em suspenso, para fazer com que ele me dê seu objeto demanda. Brousse (2019) sinaliza que nos tratamentos das pacientes que manifestam a problemática da devastação é verificável a importância dos objetos de dom para esses sujeitos. Uma leitura possível para tal ocorrência clínica, surge no momento em que Lacan se serve do termo “regressão” para franquear os episódios em que a criança, diante da frustração do amor, da recusa do dom, do objeto enquanto signo de amor, ordena mais ainda o seio real, numa recusa de aquiescer ao simbólico: “O termo regressão é aplicável ao que se passa quando o objeto real, e ao mesmo tempo a atividade feita para captá-lo, vem substituir a exigência simbólica” (Lacan, 1956-57/1995, pp. 192-93). Lacan continua: “Cada vez que há uma frustração de amor, esta é compensada pela satisfação da necessidade. É na medida em que a mãe falta à criança que a chama que esta se agarra ao seu seio, e que este seio se torna mais significativo que tudo” (Ibidem, p. 174). Pode-se pensar no falo fazendo às vezes desse objeto primordial que era o seio.

É preciso que a criança faça a operação de frustração desembocar não na regressão, mas nas operações seguintes a frustração, isto é, a privação e a castração, ambas agenciadas pelo pai. Isso fará com que o objeto materno perca consistência possibilitando que o sujeito

subjete o Outro como uma instância barrada, e também faltante, abertura possível para um mais-além da demanda que sinaliza algo da ordem do desejo.

Quando se pondera sobre o comentário de Lacan acerca da subsistência esperada pela filha da mãe, mais do que do pai, no contexto teórico aqui situado, encontro no “*Seminário 5*” uma observação pertinente: “[...] desde a origem, desde as primeiras relações com o objeto, desde a primeira relação da criança com o objeto materno como objeto primordial, primitivo, [...] depende sua subsistência no mundo” (Lacan, 1957-58/1999, p. 231). Uma primeira abordagem desta subsistência se expressa na mãe enquanto Outro primordial, para ambos os sexos, lugar do significante do desejo da mãe, que fornece apetência ao sujeito, mas que em algum momento precisará ser metaforizado. No caso da menina, pensando nos termos da especificidade dessa subsistência, se esboça um impasse, pois se o menino em seu desenrolar na trama edípica “carrega [...] o título de posse no bolso” (Lacan, 1957-58/1999, p. 212), a menina, ao contrário, primeiro se dirige à mãe, alguém que não pode lhe fornecer, pois a ela também falta, e com alguma sorte, secundariamente se remete ao pai, que mesmo que dele possa extrair uma identificação masculina, só o pode fazê-lo numa “dimensão de álbi” (Ibidem, p. 202).

É precisamente o embaraço do feminino junto ao significante fálico que possibilitará a abordagem lacaniana para tais questões a partir de um lugar distinto. De certa forma o psicanalista já antecipa o que formulará anos depois sobre a devastação e o que é isso que a filha espera de sua mãe. “Qualquer que seja o ângulo sob o qual vejamos sua incidência em nossa experiência analítica, **esses laços poderosos entre a filha e a mãe, essa espécie de nó, colocam-nos mais uma vez diante de um fenômeno que vai além da distinção carnal entre os seres**” (Lacan, 1957-58/1999, p. 515, *negritos meus*).

Com esse trilhamento, é possível fazer uma confluência<sup>21</sup> sobre o que se pode apreender da devastação nessa articulação entre o desejo da mãe e a face fálica: 1) a mãe, tomada por sua insaciabilidade fálica, toma a criança neste lugar; 2) a criança fica “congelada” nessa posição, apresentando dificuldades em fazer-se de engodo; 3) a mãe não destaca a criança da imagem fálica e não direciona seu desejo fálico para outrem; 4) a mediação paterna se apresenta, mas possui algo de impotente; 5) algo da mãe permanece como Outro onipotente, fiador do simbólico e do ordenamento significante com um viés

---

<sup>21</sup> Não se trata de um esgotamento sobre a temática, apenas alguns apontamentos possíveis dado o percurso elaborado na pesquisa.

legislador caprichoso; 6) a filha interpreta as faltas maternas como ausência de amor e encerra-se numa posição de reivindicação e demanda infinita, não deslocando sua demanda para o pai. É fundamental, agora, lançar luz sobre esse nó numa perspectiva para além do falo.

#### 1.4.3 A devastação mais além do falo

Parto do questionamento de Lacan em “*Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*” (1958/1998): “convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher” (p. 739). Tal indagação prenuncia, de certa forma, o que Lacan propõe na década de 70 sobre uma leitura outra para o campo da sexualidade, especialmente sobre a posição materna e a posição feminina. Dessa proposta, nasce a formalização do que Lacan nomeou como sexuação<sup>22</sup>, apresentada no texto “*O Aturdido*” (1973), no qual pude extrair o apontamento sobre a devastação. Se a sexualidade é relativa à diferença sexual e às identificações ao falo, a sexuação, por sua vez, coloca em questão a localização do sujeito no campo do gozo, ainda que seja o gozo fálico. A sexuação foi uma tentativa lacaniana de elucidar tal questão através de fórmulas extraídas do campo da matemática. Segundo Rosa (2019), para introduzir a lógica nessa discussão, Lacan se serve da teoria dos conjuntos bem como da lógica clássica e da lógica moderna para com isso articular a relação do sujeito com o gozo.

É particularmente no “*Seminário 20*” (1972-73/2008) que Lacan elabora de maneira mais explícita a sexuação abordando a noção de “gozo fálico” e distinguindo-o da noção de “gozo suplementar”. O gozo fálico está relacionado e mediado de maneira simbólica pelo falo, que opera enquanto significante da falta. Já o gozo suplementar ou gozo Outro, feminino, diz respeito a algo que escapa ao simbólico e que não pode ser completamente inscrito em suas leis. No momento em que Lacan se indaga se a mediação fálica drena tudo o que há de pulsional em uma mulher, possibilita a abertura de um campo que permite repensar a complicação do complexo de Édipo feminino tal como fora estruturado por Freud e até por ele mesmo, no início de seu ensino. Essa estruturação tentava compreender a sexualidade

---

<sup>22</sup> A nomeação “sexuação” não surgiu imediatamente na obra lacaniana. No “Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante” (1971/2009) ele fala de “identificações sexuais”. No “Seminário 19: ...ou pior” (1971-72/2012) ele diz de “valores sexuais produzidos pelo discurso”. No “Seminário 20: mais, ainda” (1972-73/2008) fala sobre “definições possíveis da parte dita homem ou bem mulher para o que quer que se encontre na posição de habitar a linguagem”. No “Seminário 21: Os não-tolos erram/Os nomes do pai” (1973-74/inédito) apresenta a expressão “fórmulas quânticas da sexuação”.

feminina e masculina sob a égide do complexo de Édipo e castração de tal forma que, no que tange a maneira feminina, não haveria diferenciação entre uma mãe e uma mulher. Com a introdução do “gozo feminino”, Lacan mostrou que a “investigação da mulher e da identidade feminina dentro dos estreitos limites do complexo de Édipo é estéril” (Van Haute & Geyskens, 2016, p. 163), pois a disjunção operada por ele sobre o que é uma mãe e uma mulher aponta para algo no desejo da mãe que não é inteiramente saturado pelo significante fálico, o que permite progredir sobre a questão da devastação.

É importante lembrar que, a princípio, a sexualidade foi abordada por Lacan através da dialética fálica centrada nos três tempos edípicos articulada ao Nome-do-Pai e a lógica da castração. A função paterna nomearia o desejo materno pelo falo, o desejo receberia assim a significação fálica e, a partir daí, orientaria a posição masculina e feminina conforme os destinos do falo.

A partir do “*Seminário 17*” (1969-70/1992), Lacan apresenta um “mais além” do Édipo se indagando qual a serventia do que ele nomeou como sonho freudiano. Essa visada não edípica anuncia sua formulação a respeito dos modos de gozo e das chamadas fórmulas da sexuação. O que ele irá fazer no referido seminário é opor o mito de Édipo ao mito de “Totem e Tabu” (1913) forjado por Freud. Diferentemente da história de Édipo em que a lei que sanciona uma proibição antecede o acesso do filho ao gozo materno, em Totem e Tabu, Freud apresenta o assassinato do pai de outra maneira, pois o gozo já está presente desde o início, sendo o gozo paterno o ponto fundamental para que o assassinato ocorra. O pai da horda goza de todas as mulheres, enquanto interdita o acesso dos filhos a elas. Contudo, os filhos também desejam poder gozar de seus corpos, desejo que os leva a decidirem por matar o pai para poderem possuí-las. Entretanto, logo após realizarem o assassinato, são tomados por um grande sentimento de culpa que os interdita de acessarem as mulheres. De um gozo presente já na origem surge a lei que irá operar a proibição das mulheres. A equivalência entre o pai morto e o gozo é qualificada por Lacan como um operador estrutural, já que “o pai morto é aquele que tem o gozo sob sua guarda, é de onde partiu a interdição do gozo, de onde ela procedeu” (Lacan, 1969-70/1992, p.116). O pai mítico se apresenta enquanto uma exceção, pois não se submete aos enunciados da cultura e da civilização que integram as leis da interdição do incesto, as quais todos estão submetidos. A partir dessa constatação, Lacan produzirá um deslocamento acerca da inscrição sexual interrogando tal questão a partir da lógica e do escrito.

No “*Seminário 18*”, Lacan apresenta as categorias de “homem” e “mulher” enquanto semblantes e pela primeira vez aborda a noção de “não todo” e faz a afirmação de que “A mulher não existe” (Lacan, 1971/2009, p. 69). Lacan sinaliza que o que definirá o que é um homem ou uma mulher é a forma como um se apresentará ao outro, isto é, a partilha se ordenará em relação a um “parecer”. Nesse momento, Lacan apresenta a relação sexual como algo que nada tem a ver com o biológico: “nada tem a ver com um nível celular, seja ele cromossômico ou não, nem com um nível orgânico, quer se trate ou não da ambiguidade deste ou daquele feixe concernente à gônada” (Ibidem, p. 31). Trata-se de pensar em homem e mulher nos limiares do discurso, pois os semblantes são veiculados a ele assim como falo, que é situado aqui enquanto “muito propriamente, o gozo sexual como coordenado com um semblante, como solidário a um semblante” (Ibidem, p. 33). A abordagem para a diferença sexual nos termos lógicos e não biológicos começa a ganhar mais consistência em textos como “*O Aturdido*” (1973) e “*Televisão*” (1974).

A sexuação será escrita, então, por Lacan, a partir do “quadrado das proposições” elaborado por Aristóteles — universal afirmativa, universal negativa, particular afirmativa e particular negativa —, com o conjunto vazio de Peirce e com a formalização matemática de Frege a respeito dessas mesmas proposições, com o adicional de pensá-las com os quantificadores existenciais. Eis o que é apresentado por ele no “*Seminário 20: mais, ainda*”:

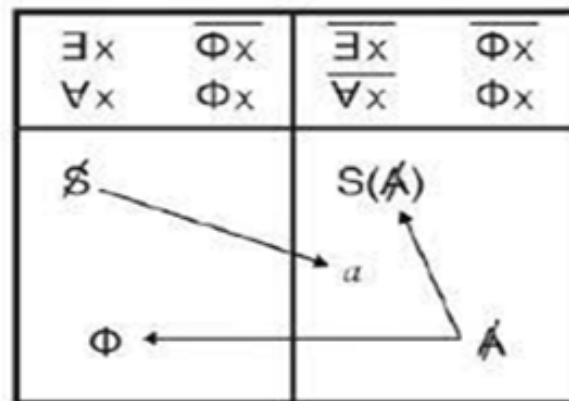


Figura (4): Recuperado de Lacan (1972-73/2008, p. 84).<sup>23</sup>

<sup>23</sup> § = sujeito dividido; S(A) = significante da falta no Outro; Φ significante do falo; LA = significante de uma mulher; a = objeto pequeno a.

A chamada “Tábua da sexuação” produz uma repartição entre o lado esquerdo que representa a “parte dita homem” e o lado direito que representa a “parte dita mulher”. Contudo, Lacan deixa claro que as nomeações homem e mulher são abreviamentos, em nada tem relação com o sexo anatômico: “a todo ser falante, como se formula expressamente na teoria freudiana, é permitido, qualquer que ele seja, quer ele seja ou não provido dos atributos da masculinidade — atributos que restam a determinar — inscrever-se nesta parte” (Lacan, 1972-73/2008, p. 86), e “a gente se alinha aí, em suma, por escolha - as mulheres estão livres de se colocarem ali se isto lhes agrada” (Ibidem, p. 97).

Trata-se, então, de abordar possibilidades de existência do sujeito falante em relação à função fálica e às modalidades de gozo. A referência fálica é agora formalizada nos termos de uma função. Bessa (2012) explica que na matemática, uma função denota um caso especial de relação. Essa relação se apresenta como um conjunto de pares ordenados  $(x, y)$  no qual cada elemento pertence a um dos conjuntos implicados nessa relação. Ela é representada por  $f(x)$ , e cada argumento  $x$  vai se associar a um único valor da função  $f(x)$ . Ainda de acordo com a autora, Lacan, ao abordar o falo como função, coloca em relevo que sua especificidade consiste na relação do ser falante com o gozo que determinará um modo particular de gozar para cada sujeito.

Dividida em quatro partes, na parte superior da tábua temos  $\exists x$  e  $\overline{\exists x}$ , que são os quantificadores existenciais, a serem lidos como “existe um” e “não existe um”, na devida ordem. Embaixo desses temos  $\forall x$  e  $\overline{\forall x}$ , quantificadores universais, a serem lidos como “para todo  $x$ ” e “para não-todo  $x$ ”, respectivamente. No lado “homem” temos primeiro  $\exists x$   $\overline{\phi x}$ , escritura que corresponde ao pai primevo da horda de Totem e Tabu, que goza de todas as mulheres e portanto é “ao menos um” que diz não à castração, isto é, existe um  $x$  para quem não funciona a castração. Trata-se de uma proposição particular afirmativa. É essa exceção que funda o conjunto universal dos homens, apresentado na fórmula  $\forall x \phi x$ , ou seja, para todo  $x$  há a inscrição da castração, isto é, para todo homem a castração funciona. Trata-se de uma proposição universal positiva que só se faz possível pela proposição particular negativa. Lacan explicita ser pela função fálica que o homem como todo toma inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um  $x$  pelo qual a função fálica é negada, sendo assim, “o todo repousa, portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que, esse  $\phi x$ , o nega integralmente (Ibidem, p. 107).



Na parte “mulher” há primeiro o escrito  $\overline{\alpha x} \phi x$ , ou seja, não existe um x para quem a castração não opera, o que impossibilita a fundação de um todo, universal, pois não há ao menos um que não se submeta à castração. Trata-se de uma particular negativa. É justamente a falta deste ao menos um que funda o “não-todo” da mulher em sua relação com a função fálica, sem que ela seja negada. Não há como falar então sobre “todas as mulheres”, corolário do aforismo lacaniano de que A mulher não existe, “não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher pois - já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? - por sua essência ela não é toda” (Ibidem, p. 98).  $\overline{\alpha x} \phi x$  é a proposição que representa o não-toda, lê-se, então, que para não-todo x há a incidência da função fálica. Trata-se de uma universal negativa. Lacan segue daí: “[...] por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar. Vocês notarão que eu disse suplementar. Se estivesse dito complementar, onde é que estaríamos! Recairíamos no todo” (Ibidem, p. 99).

Digressão inédita para abordar a questão do feminino, Lacan o situa nos termos de uma “divisão” e de uma “indeterminação”, até finalmente postular a presença do gozo suplementar. Não se trata mais de pensar o feminino enquanto “menos” no que diz respeito a vertente fálica, mas enquanto “mais” que inclusive não se deixa recobrir de maneira toda pelo falo. Com a partilha sexual pensada nos termos da sexuação, e com as especificidades com que cada lado irá se relacionar com a função fálica e com o gozo, Lacan sumariza a questão da inexistência da relação sexual. Conforme se verifica na tábua, os sujeitos que se posicionarem do lado “homem” estarão do mesmo lado que o significante fálico e se relacionarão com o lado “mulher” através do objeto pequeno a. Já os sujeitos que se posicionarem do lado “mulher”, terão relação com o S(A) e com o significante fálico e estarão do mesmo lado que o objeto pequeno a. É nessa disjunção entre as posições sexuadas que Lacan explicita a não proporção entre os sexos: “Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado - perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto a - e do outro, eu direi louco, enigmático” (Ibidem, p. 197). É preciso elucidar esse gozo louco e enigmático que se localiza no gozo suplementar.

O que é o gozo? Aqui ele se reduz a ser apenas uma instância negativa. O gozo é aquilo que não serve para nada [...]. Ai está o dito para o que concerne ao gozo enquanto sexual. De um lado, o gozo é marcado por esse furo que não lhe deixa outra via senão a do gozo fálico. Do outro lado, será que algo pode ser atingido, que nos diria como aquilo que até aqui é só falha, hiância, no gozo, seria realizado (Lacan, 1972-73/2008, pp. 11-16).

Essa interrogação de Lacan é o que lhe permite desenvolver a noção de gozo Outro. Previamente, ao compor o grafo do desejo em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960), apresentou o matema  $S(\bar{A})$  como um “significante de uma falta no Outro, inerente à sua função mesma de ser o tesouro do significante”, e continua, “a falta de que se trata é, com efeito, aquilo que já formulamos: que não há Outro do Outro” (p. 833). Quase quinze anos após esse trabalho, Lacan irá retomar o matema  $S(\bar{A})$  no “Seminário 20”, abordando-o enquanto um furo, uma falha, algo da ordem do impossível e o relaciona à mulher.

A mulher tem relação com o significante desse Outro, na medida em que, como Outro, ele só pode continuar sendo sempre Outro. Aqui, só posso supor que vocês evocarão meu enunciado de que não há Outro do Outro. O Outro, esse lugar onde vêm se inscrever tudo que se pode articular de significante, é, em seu fundamento, radicalmente Outro. É por isso que esse significante, com esse parêntese aberto, marca o Outro como barrado -  $S(\bar{A})$  (Lacan, 1972-73/2008, p. 109).

À vista disso, o  $\bar{A}$  barrado situa a impossibilidade de tudo ser enunciado pela via significante. Portanto, “A mulher tem relação com  $S(\bar{A})$ , e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com  $\Phi$ ” (Ibidem), isto é, há um gozo suplementar, mais além do falo, chamado gozo Outro que não está inscrito sob a lei do significante. A posição feminina se define por uma duplicação, entre o gozo fálico, nomeado por Lacan como o “gozo do idiota”, relacionado ao órgão e à linguagem, e o gozo suplementar, nomeado por Lacan como um “um gozo que, em vista de tudo que serve na função  $\Phi_x$ , é da ordem do infinito” (Ibidem, p. 140)

Lacan se serve das experiências místicas como paradigma para abordar o gozo Outro, trazendo a figura de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. Para ele não é possível considerar essas experiências nos termos do gozo fálico, submetidas às leis do simbólico. É difícil precisar essa experiência apenas no que Lacan expressa em seu texto, o que é possível entrever é que esse gozo suplementar se articula a um não saber, pois para acessar esse saber, seria preciso abordá-lo pela linguagem, e o gozo feminino, segundo Lacan (1972-73/2008), se experimenta sem compreendê-lo. Esse campo do gozo feminino, não regulável pelo falo, demonstra uma abertura ao ilimitado. É necessário, nessa perspectiva, interrogar quais são as consequências para o sujeito feminino em relação a essa duplicidade de sua posição e de que forma é possível pensá-la relacionada à devastação na relação mãe e filha.

Quando se trata de tentar rastrear o que Lacan pôde precisar quanto ao gozo suplementar, têm-se poucas referências para determinar de que maneira isso se apresenta num sujeito, algo que se expressa na dificuldade de Lacan em situá-lo, dizendo que esse gozo “a

gente o chama como pode” (Ibidem, p.101). Além disso, o psicanalista aponta que nem todas as mulheres podem experimentar tal gozo, e aquelas que o experimentam, sobre ele nada sabem dizer, e que “em suma, não é nada além da expressão da contingência” (Lacan, 1971-72/2012, p. 202). Trata-se de um gozo não passível de ser circunscrito completamente na linguagem, uma vez que não há um significante que produza uma ordenação e garanta um suporte ao corpo tal como na universalidade da lei fálica. A inexistência desse significante pode se apresentar ao sujeito de maneira perturbadora, pois se tratando de algo que está num ordenamento “mais além” — mais além do falo, do objeto, da consistência do dizer —, tem caráter potencial de ultrapassar o sujeito (Soler, 2005). Nesse efeito de ultrapassagem, o sujeito pode experimentar uma ausência de consistência e de identidade, “observável nos testemunhos de um sentimento de fragmentação corporal”, aliados a uma sensação de “falta de controle, esse afeto segundo o qual se sente escapar o domínio do corpo”, além de uma “dor psíquica ligada a um afeto de não ser, de ser nada, com momentos de ausência de si mesmo” (Miller, 2010, p. 5).

Se ser mãe (Lacan, 1972-73/2008), mascarar-se (Lacan, 1958/1998), reivindicar (Lacan, 1957-58/1999) e identificar-se ao pai (Lacan, 1956-57/1995) são saídas possíveis para a posição feminina no que se refere ao falo, no campo do gozo suplementar os sujeitos dão testemunho de experiências de devastação (Lacan, 1972/2003), êxtase (Lacan, 1972-73/2008), arrebatamento (Lacan, 1965/2003b) e extravio (Lacan, 1957-58/1999). Se a devastação é um dos nomes do gozo feminino, é neste ponto que tentarei lançar luz para abordar a relação mãe e filha.

Até então pude versar a problemática da devastação pelo que Freud pôde elucubrar (*Penisneid*), e pelo que Lacan, no início de seu ensino, pôde prosseguir e acrescentar (significação fálica, desejo da mãe, *Penisneid*). Entretanto, à medida que Lacan avançava com suas elaborações e deslocava o falo como central no pensamento psicanalítico, se deu conta de um gozo que ex-siste, e que também aí a devastação poderia se localizar:

[...] eu não imporia às mulheres a obrigação de medir pelo calçador da castração a cinta encantadora que elas não elevam ao significante (Lacan, 1972/2003, p. 465).

Nesse contexto da elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (Freud dixit), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais subsistência que do pai — o que não combina com ele, sendo secundário, nessa devastação (Ibidem, tradução modificada).

O que Soler (2005) destaca com o que Lacan propõe no texto “O Aturdido” é que, mais além da devastação relacionada à reivindicação fálica, há um outro tipo de devastação que se diferencia bastante desta. A reivindicação, derivada da inveja do pênis, pode assumir formas extremamente devastadoras, especialmente por suscitar um sentimento de “falta de ter” que culmina, em alguns sujeitos, numa convicção deletéria de menos-valia. A autora se interroga: “[...] além dessa dimensão reivindicatória, não haverá nisso a solicitação de que a mãe revele o segredo supremo?” (p.186). A devastação relacionada ao gozo suplementar evidencia fenômenos de outro tipo: “nada diferente do que os efeitos patemáticos que o gozo Outro induz no sujeito, e que se desdobram e dividem entre a abolição subjetiva e a absolutização do Outro” (Ibidem).

Miller (2016), coteja a devastação exatamente na relação da mulher com o S(A), e apresenta a devastação na partilha sexual e na relação entre os sexos como “a outra face do amor”. O autor retoma o fortíssimo comentário de Lacan no “*Seminário 23: o sinthoma*” (1975-76/2007), “pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um sinthoma. Vocês podem inclusive articular isso como lhes for conveniente. Trata-se mesmo de uma devastação” (p. 98), junto ao que ele postula a respeito da não-toda loucura feminina, em relação ao amor por um homem em “Televisão” (1973/2003): “Não há limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (p. 588), para abordar a vertente erotomaníaca presente no gozo feminino, normalmente se apresentando sob a forma de uma demanda de amor incessante ao parceiro na tentativa de extrair alguma consistência para o seu ser<sup>24</sup>.

Retornando à relação mãe-filha, no “*Seminário 20*”, Lacan diz: “Se há um discurso que lhes demonstre isto, é mesmo o discurso analítico, ao pôr em jogo o seguinte, que a mulher não será jamais tomada senão *quoad matrem*. A mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe” (p. 49). O que Lacan aponta nesse momento é que a função materna está referenciada ao lado esquerdo da tábua, do lado “todo fálico”. Nesse sentido, diferentemente de quando ele abordou sobre a hiância entre mãe e mulher pelos seminários 4 e 5, em que ambas desejariam o falo, a hiância produzida aqui se apresenta contemplando o “não todo fálico”. Isto é, o “que a mãe, enquanto mulher, faz da sua liberdade em relação à

---

<sup>24</sup> Conferi a dissertação de mestrado de Andréa Eulálio (2015) “A devastação materna e suas repercussões nas parcerias amorosas” para ter mais notícias da devastação na parceria amorosa. Restringi-me a apresentar esse pequeno recorte da discussão, pois seu exame detalhado ultrapassa as pretensões desta pesquisa, que estão limitadas à relação mãe-filha.

castração — colocar-se de um lado ou de outro, das fórmulas da sexuação — é, então, fundamental para a forma pela qual a criança se constitui como sujeito” (Zalberg, 2003, p. 134).

Brousse em seu texto “Uma dificuldade na análise de mulheres” (2004), reitera que a disjunção operada por Lacan entre a mãe, vertente universal fálica, e a mulher, vertente inconsistente do universal, permite repensar a devastação relacionando-a a um sem limite que diz respeito à particularidade da sexuação feminina, uma vez que o desejo da mãe está longe de ser inteiramente saturado pelo significante, já que há na mãe, ao lado do desejo, um gozo desconhecido, feminino, suplementar, Outro. Se o desejo da mãe se vê supostamente saturado/metaforizado pela significação fálica, ligada ao Nome-do-Pai, há o gozo suplementar, não redutível ao desejo e refratário ao limite simbólico. A devastação pode ser deflagrada aí no ponto de um gozo enigmático e indizível percebido pela filha em sua mãe, um gozo não limitado pelo falo, daí “a afirmação recorrente nesses sujeitos femininos da loucura materna, da deflagração materna contra a ordem do discurso” (p. 62). Este é um dos pontos que se apresentará na relação da jovem homossexual com sua mãe, conforme abordarei posteriormente.

Nesse sentido, é possível inferir que na devastação há duas posições em jogo, a de mãe e a de mulher. O importante não é tão somente que a mãe também seja uma mulher, mas que ela se sirva de sua duplicidade, que ela opere com essas duas posições, sem que uma delas se sobreponha à outra, isto é, não-toda mãe, mas também não-toda mulher.

Retornando à citação de Lacan, ele diz que a filha espera algo da mãe, enquanto mulher, uma certa subsistência. No contexto em que estamos, pensando sobre o gozo suplementar e a sexuação, parece ser possível depreender que se trata da espera de uma consistência não fornecida pela inexistência do significante que designe o ser da mulher. Esthela Solano Suárez em seu artigo “*As mulheres e suas paixões*” (2006), apresenta a sua pesquisa em torno desse termo, subsistência. A autora revela que o termo “subsistência” deriva do latim clássico “*subsistere*”, o qual significa habitar um lugar e, em simultâneo, não ceder, resistir. Na idade média, esse termo possuía a significação de ficar ou permanecer vivo. Contudo, em relação aos objetos, tomou o sentido de duração, de algo que dura, que subsiste. O prefixo “*sub*” marca a posição de inferioridade de algo em relação a algo, por outro lado, o verbo “*sistere*” deriva do verbo “*stare*” que também é proveniente do latim. Trata-se de um verbo desaparecido, mas que se apresenta em espanhol, italiano e inclusive no português sob a

forma do verbo estar. “*Stare*” se encontra presente também na etimologia de “*existere*”, que significa existir. Suaréz demonstra a diferença entre existir/estar e ser, pois há algo distinguido entre o que é da ordem do ser e do que é da ordem da existência. Se o ser não pode ser muito mais do que aquilo que é atribuído das palavras, do que é dito e do que se diz, a existência, ao contrário, “é algo que não se pode qualificar a partir do que se diz de alguém. Vocês não podem qualificar a existência de uma mulher através das categorias que declinariam seu ser e essa é a problemática fundamental da feminilidade” (s.p).

Não se trata de pouca coisa o que uma filha espera de sua mãe, portanto. A problemática repousa no fato de que, seguramente, o que ela espera de sua mãe, enquanto mulher, não há como ser fornecido, uma vez que esse significante é inexistente também à mãe, pois não há substância, essência feminina. Talvez, o que possa ser apreendido é a maneira com a qual a mãe lidou com esse furo da linguagem: se foi inventiva, se tomou isso como algo enlouquecedor, insuportável, se o articulou ao amor, a arte, a escrita, aos semblantes etc.

Brousse (2004) articula, ainda, a devastação como correlata ao arrebatamento, e explica que o arrebatado comporta duas vertentes, uma ao roubo, e outra ao ser arrebatado, ou seja, extraviado de si mesmo. É assim que a mãe pode se apresentar à filha, como uma arrebatadora: “Ser arrebatada é ser descompletada de seu corpo, com o efeito de gozo que acompanha a deslocalização” (p. 63). É precisamente isto que se apresenta ao sujeito devastado, ele é despossuído de seu lugar. A inexistência desse lugar pode se manifestar em relação à fala; o sujeito é reduzido ao silêncio, e em relação ao próprio corpo; o sujeito não passa de um corpo em excesso ou uma carne desfalicizada, um buraco negro. No próximo capítulo sintetizarei alguns dos efeitos clínicos pertencentes a isso.

#### *1.4.4 O lugar do pai na devastação*

Por que produzir uma seção a respeito do pai se a pesquisa gira em torno da devastação na relação entre mãe e filha? Ora, seguindo a orientação lacaniana de pensar mãe e pai enquanto funções significantes e deixando de lado a dimensão ambientalista, não restam dúvidas de que para pensar sobre o desejo da mãe necessariamente será preciso situar a metáfora paterna, nem que seja para dizer de sua inoperância ou impotência. Pensando nisso e acolhendo um apontamento precioso de Lacan em “*O Aturdido*” sobre essa questão, questionar

sobre o lugar do pai na devastação mostrou-se indispensável. Cito: “a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com sua mãe, de quem, como mulher, ela realmente **parece esperar mais subsistência que do pai — o que não combina com ele, sendo secundário, nessa devastação**” (Lacan, 1972/2003, p. 465, tradução modificada, negritos meus).

Ao longo da pesquisa, vimos como o pai<sup>25</sup> entra na história subjetiva da menina como aquele que irá privar a mãe em sua relação de exclusividade com a cria e como aquele que guarda o título de posse do falo: “ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção aquele que o tem” (Lacan, 1957-58/1999, p. 202). Nesse circuito, o pai entra enquanto substituto que poderá conferir o acesso ao falo à menina, visto que sua mãe, além de ser privada do falo, também a trouxe ao mundo enquanto faltosa. Contudo, ao perpassar por todo o escopo da pesquisa, é possível avistar que nos casos de devastação não é assim que se sucede.

Há um consenso entre os autores que pesquisam sobre a devastação que o lugar do pai nesses casos é sempre assinalado por uma grande impotência e/ou insuficiência frente ao desejo, ou ao gozo materno. Trata-se de um pai situado, de certa forma, num lugar apagado ou ausente. Um pai apoucado, parco, incapaz. Por vezes é um pai desqualificado pelo discurso materno, retirado de qualquer valor, o que estorva a eficiência do aparelhamento da função paterna. Nos termos fálicos da devastação, por exemplo, não é incomum observar que o pai pode se tornar cúmplice da mãe em sua relação devastadora com os filhos, tal como o pai do pequeno Hans, que não conseguia dizer “não” à mãe em sua tentativa de fazer do filho seu suporte fálico (cf. Eulálio, 2015). Já no que se refere ao gozo suplementar, trata-se de uma zona obscura não saturada pelo Nome-do-Pai, pois é um gozo que não se deixa reduzir pela lógica significante. Brousse (2004) elabora a questão de maneira primorosa:

É o que se constata nesses casos de devastação em que a função paterna demonstra-se incapaz de apaziguamento, o pai manifestando-se como a serviço do capricho materno, e não como agente de sua privação. Nos tratamentos em que me apóio, o traço que caracteriza o pai é sempre a impotência. Essa impotência deve-se ao gozo desvelado a serviço da mãe. A clínica mostra, por sinal, que essa mesma configuração no menino produz distúrbios precisos da função sexual. O pai da promessa, e portanto do

---

<sup>25</sup> Fazer o esforço de considerar o pai não como o progenitor do sexo masculino. Lacan deixou bastante explícito no “Seminário 5” que a presença desse pai é completamente desnecessária e que em nada acarreta na constituição do sujeito. Por muito tempo na comunidade analítica aventou-se a hipótese de patologias e distúrbios causados por uma “carência do pai”, enquanto pai imaginário. Se tal hipótese fosse verdadeira teríamos um enxame de patologias psíquicas visto que o índice de abandono parental ocasionado pelo pai é alarmante. Lacan criticou duramente essa perspectiva. Tomar o pai de que falo aqui enquanto aquele cuja função é metaforizar o desejo/gozo da função materna.

dom, que vem fazer contraponto à demanda, é afetado por um sentimento de descrença ou então reaviva a dor do roubo sofrido com a mãe (p. 63).

É a crença do amor ao pai, do pai enquanto promessa, que impulsiona a transferência da demanda de ser amada ou completada, antes dirigida à mãe. O deslocamento para o pai produz uma aquietação da devastação experimentada pela menina em relação à mãe, pois é na crença à promessa paterna que se produz a busca por uma envoltura possível da menina com o falo, de onde supõe poder daí extrair consistência em seu ser, servindo de anteparo a voracidade materna ou um confim possível frente ao gozo suplementar.

De acordo com Rosa (2008), é possível destacar três momentos no ensino lacaniano que concernem a noção do pai: um primeiro, localizado em 1938, um segundo em meados dos anos 50 (1956 a 1959), e um terceiro nos anos 70 (1969 a 1975). Em “Os complexos familiares” (1938), Lacan aponta sobre um afrouxamento do liame familiar e de um “declínio social da imago paterna” (p. 60), e diz que a “experiência nos leva a designar sua determinação principal na personalidade do pai, sempre carente de alguma forma, ausente, humilhada, dividida ou postiça” (p. 61). Contudo, Lacan em momento algum propõe uma restauração desse declínio e diz que sobre os psicanalistas: “Não somos daqueles que se afligem com um pretense afrouxamento do liame familiar” (p. 60). Na década de 50, como já foi brevemente citado, Lacan apresenta a função paterna em sua releitura do caso Hans da qual é possível afirmar que quanto mais inoperante se apresenta a instância paterna, mais sujeito ao devoramento materno a criança está. No “Seminário 6: o desejo e sua interpretação” (1958-59), afirma que o pai é castrado e não apresenta garantias quanto à sua lei. Em seu seminário “O Saber do psicanalista” (1971-72), Lacan declara que o pai não ocupa mais um lugar de ideal, de mestre, de herói, ao contrário, ele não surpreende mais, especialmente no âmbito da família. Nesse sentido, a metáfora do pai apresentaria um fracasso em apaziguar ou barrar inteiramente o gozo. Drummond (2011, p. 4), afirma, nessa esteira que a devastação é um dos nomes que Lacan dá ao fracasso da metáfora paterna, pois “A verdadeira função do Pai [...] é, fundamentalmente, unir (e não opor) um desejo à Lei” (Lacan, 1966, p. 824).

Um pai só tem direito ao respeito, e até mesmo ao amor, na medida em que o dito amor, o dito respeito, é, vocês não vão acreditar no que vão ouvir, *père-versement* orientado, isto é, ele faz de uma mulher, objeto *a* que causa seu desejo, mas o que uma mulher acolhe assim não tem nada a ver com a questão. Aquilo de que ela se ocupa, é de outros objetos *a*, que são as crianças, junto a quem o pai intervém, portanto excepcionalmente no bom caso para manter na repressão, no junto mi-dieu, a versão que lhe é própria de sua perversão (Lacan, 1974-75, inédito).



Aqui, novamente, surge a divisão operada por Lacan entre a mulher e a mãe. No caso, Lacan apresenta o funcionamento do pai alinhado a sua *père-version*, isto é, a versão desse pai que toma a mulher como objeto a causa de seu desejo, pois tomada enquanto objeto no desejo do pai, não se trata da mãe e sim da mulher. O pai que opera isso é o pai que merece respeito e amor, segundo Lacan. Na falta da mediação fornecida pela versão do pai, a criança poderia ficar exposta aos estragos da mãe. A criança seria um objeto real nas mãos dessa mãe que, para além dos cuidados ofertados, poderia usá-la como uma possessão. A criança permaneceria assim, como já abordado, na posição de fetiche. Desse modo, a perversão feminina, se ela existisse, encontraria na criança sua orientação (Marcos, 2017).

Anteriormente, no momento em que tratei sobre a dinâmica do primeiro tempo edípico junto à frustração primitiva e a questão do dom, trouxe a observação de Brousse (2019) da importância que os objetos de dom possuem para os sujeitos devastados. A autora, caminhando nesse sentido, apresenta uma hipótese ousada, no que se refere ao lugar do pai na devastação. Retomando a questão da pluralização dos Nomes-do-pai, Brousse relembra que a partir dessa proposta lacaniana, qualquer coisa poderia fazer às vezes, servir de suplência, ao Nome-do-pai. No caso da devastação, a autora propõe que no lugar do Nome-do-pai, haveria um objeto operando. Isto é, trata-se de um objeto ocupando este lugar e não um nome:

Lá onde não há o dom do pai, lá onde persiste a estrutura da competição proveniente do imaginário, tal como se vê na passagem de Santo agostinho que põe em cena a mãe e a criança sob o olhar daquele que ainda não fala, lá onde, conseqüentemente o objeto não está reduzido ao signo, e depois, ao significante, segundo o *Fort-Da*, há a consistência do objeto. [...] “É o objeto que eu quero”, é o objeto que me mantém, não o objeto metaforizado, mas aquele onde se produziu o corte, a separação que nenhum nome do pai ou dom do pai vem recobrir (Brousse, 2019, p. 17).

Sem dúvida, trata-se de uma suposição interessante e intrigante, que nos ajuda a ponderar sobre as possibilidades de situar o pai nessa relação de devastação, que como Lacan observa, vêm nela em segundo. É um convite interessante para nos colocar a trabalho teórica e clinicamente.

## **2 A CLÍNICA DA DEVASTAÇÃO**

Meu trabalho com essa pesquisa nasceu, como pontuei anteriormente, da minha prática clínica. Isso me fez perceber, ao longo do tempo, que no contexto da clínica psicanalítica é comum, ao atender ou escutar relatos de casos de colegas em que esse ponto da devastação aparece, surgir questões que se desdobram em dúvidas diagnósticas até à verificação de estados extremamente graves nos pacientes.

Recordo-me de maneira cristalina do primeiro caso atendido por mim na clínica escola da faculdade, momento em que escutei uma jovem apresentar um sofrimento agudo tendo como mote os dizeres de sua mãe: “você não presta”, “fiquei grávida de barriga podre”, “eu sei de você mais do que você mesma!”. O peso das enunciações maternas reverberavam no corpo desta paciente de forma tão significativa que não era incomum ela tentar tirar a própria vida após escutá-las, o que fez seu corpo adquirir várias marcas que jamais desapareciam. Me vi confrontada com esse ponto opaco e tomei como causa me adentrar de maneira aprofundada no campo das devastações.

### **2.1 Manifestações clínicas da devastação**

Ao coletar aquilo que se repete sobretudo no consultório e nos materiais já publicados de pesquisadores que se dedicam sobre o tema da devastação, verifica-se que as manifestações clínicas da devastação se instalam especialmente no corpo. Em termos clínicos, o que se observa nesses estados devastadores são fenômenos muito aproximados da loucura: despersonalização, aflição extrema, automutilação, desorientação, angústia profunda.

Encontro aporte para tentar destrinchar a relação entre o corpo e a devastação com Brousse (2004), em seu já visitado texto acerca da dificuldade na análise de mulheres acometidas pela devastação. A autora afirma: “em todos os tratamentos que constituem o real clínico no qual apoio essa reflexão, a irrupção da perspectiva da devastação no elo transferencial coincidia com uma ênfase colocada sobre o corpo” (p. 65). É preciso deslindar tal ênfase e examinar, nesse sentido, as possíveis formas de manifestação desse sofrimento tão intenso, dado que as relações marcadas pela devastação, recortadas aqui no enquadre mãe e filha, se expressam violentamente, intensa, passional e pouco dialetizável.

“Como uma mãe dá corpo?” é a pergunta que faço junto a Brousse (2004, p. 66). Ao retornar ao percurso da pesquisa, detendo-me especialmente na construção acerca da mãe lacaniana, o que se deslinda é que a função materna se configura enquanto um pólo privilegiado capaz de conferir muitos destinos em razão mesmo do lugar ocupado por ela na estruturação do sujeito. Seja enquanto outro, Outro, objeto (seio, voz, olhar) ou Desejo, a depender de como se dão esses arranjos em torno do sujeito, contingencialmente ou não, é possível formular algumas conjecturas que podem se mostrar pertinentes para tentar responder à pergunta supracitada. Com base nessa reflexão clínica, verifica-se que a relação entre o corpo e devastação coloca em jogo os três registros, imaginário, simbólico e real. No simbólico se deflagra um “corpo que decai na relação com o Outro incólume pela fala” (Ibid.), no imaginário que é “de onde quero ser amado” (Zalberg, 2003, p. 176), e “no registro do real, no nível do objeto (a) este, “lugar de onde nunca sou olhado” (Ibid.).

De mãos dadas com o percurso dessa pesquisa, destacam-se alguns pontos de convergência que podem ajudar a explicar a articulação entre a devastação e o corpo. Pontos estes que serão trabalhados a seguir: 1) o estágio do espelho e o olhar materno; 2) a demanda de amor; 3) a incorporação dos significantes do Outro; 4) os impasses da posição feminina.

Sabemos que a apropriação do corpo pelo sujeito depende do assentimento de um outro que com seu olhar ratifica e legitima o corpo percebido no espelho como sendo inteiro e pertencente ao sujeito. Esse olhar, muitas vezes exercido pela mãe, acolhe e assente a existência do sujeito, significando essa imagem enquanto algo separado de si (da mãe) ao mesmo tempo em que lhe confere um desejo particularizado, tal como salientou Lacan. É no olhar materno, inicialmente, que se tece a urdidura que exprime as primeiras demandas, identificações e desejos. Isso fornece suporte para que a trama se estabeleça, isto é, para que esse corpo se sustente. Não é raro constatar que a ausência ou não recobrimento do olhar materno nesta fase tão primordial que é a da constituição do eu, se revela enquanto embaraçosa:

Mesmo para crer ilusoriamente nessa primeira identificação — ser o falo do Outro — a criança depende da confirmação do outro materno, de que tem um corpo através do qual poderá realizar essa aspiração fálica. Para que a criança se veja existir, então, três instâncias que devem se articular nesse mecanismo óptico: a mãe, a criança e o espelho. A essas, irá se acrescentar a instância paterna que, por uma inscrição simbólica, arranca a criança tanto do olhar materno quanto da impregnação da imagem (idealizada) do espelho dada por esse olhar. A imagem a fascinar a criança e da qual ela quer se apropriar é justamente a que o olhar da mãe aponta como ideal. Enquanto miragem de si mesma, através da identificação imaginária que a faz sentir-se capaz de merecer um olhar de aprovação por parte do outro, a criança se sustenta inicialmente em uma situação satisfatória do ponto de vista do amor (Zalberg, 2003, p. 176).

No “*Seminário 10: a angústia*” (1962-63/2005), Lacan chama a atenção para alguns fenômenos no corpo, salientando precisamente sobre a não inscrição do corpo no desejo do Outro. A despersonalização, tão presente na clínica da devastação, é descrita por ele como sendo evidentemente o não reconhecimento da imagem especular: “todos sabem como esse fenômeno é sensível na clínica, e com que frequência é ao não se encontrar no espelho, ou em qualquer coisa análoga, que o sujeito começa a ser tomado pela vacilação despersonalizante”, portanto, ele continua, se “o que é visto no espelho é angustiante, é por não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro” (Ibid., p. 134). Para explicitar essa questão, Lacan nos refere “a um momento que assinalei como característico da experiência do espelho e paradigmático da constituição do eu ideal no espaço do Outro”, trata-se do “momento em que a criança vira a cabeça, [...] para o Outro, a testemunha, o adulto que está atrás dela, a fim de lhe comunicar com um sorriso as manifestações de seu júbilo, digamos, por alguma coisa que a faz comunicar-se com a imagem especular” (Ibid., p. 135). Segundo o psicanalista, o sentimento de desapossamento se esboça quando a relação dual pura promove o despojamento da relação do sujeito com o grande Outro.

Ao vislumbrar essa questão junto à especificidade entre mãe e filha não podemos nos furtar da constatação de que o olhar materno, que confere reconhecimento e existência ao corpo, e a conseqüente dependência do sujeito sobre esse olhar, se tornam muito mais pungentes para a menina. Se mãe e filha habitam um corpo biológico feminino e com ele se identificam, entre seus corpos há também uma identificação conferida pela semelhança, o que notabiliza a mãe como suporte especular para a filha. A dificuldade a mais estabelecida por Freud no desenrolar psicosexual da menina também se apresenta aqui. Além de precisar do recobrimento do olhar materno que lhe fornece a imagem de seu próprio corpo e a base necessária para fundar seu eu, a menina se volta, ainda, à mãe, para tentar encontrar nesse olhar algo que a ajude a significar seu corpo de mulher. A questão é que tal semelhança imaginária entre mãe e filha não se presta a dar subsistência completa ao corpo da menina, pois, uma vez confrontada com esse outro imaginário, ela se depara com um “espelho inacabado” (Zalberg, 2003, p. 177). Daí se rascunha toda a dificuldade na ancoragem da menina em relação à sua identidade e corpo em termos simbólicos e em termos imaginários.

A depender de como a mãe se relaciona com seu próprio corpo e com a semelhança presente entre ela e sua filha, alguns caminhos difíceis podem despontar. O campo do eu, do

narcisismo, das identificações e da relação com o semelhante torna-se um terreno fértil para o surgimento de algumas questões. A rivalidade entre mãe e filha pode se fazer presente, bem como a dificuldade da mãe em acolher a filha e ajudá-la com esse corpo recortado por indefinições e faltas que talvez a lembrem de suas próprias, experimentadas enquanto uma “feminilidade insuportável” (Brousse, 2004, p. 63). A mãe pode se recusar a assentir com qualquer artifício forjado pela filha para dar conta desse corpo ou apontar para a absolutização de alguns deles, transformando tais recursos em imperativos que não deixam espaço para uma inventividade singular.

Mais além da dimensão do olhar, a demanda de amor também expressa suas dificuldades. Tal demanda, engajada ao desejo de reconhecimento, demanda do Outro signos de amor sob a forma da presença. O Outro materno surge aqui denunciado sob duas vertentes: uma mãe-que-tudo-dá ou uma mãe-que-nada-deu. A frustração desse dom do amor materno aliada à demanda incessante do sujeito, relacionadas aqui a referência fálica, sinalizam uma circunstância atribulada na forma com a qual o sujeito se localiza e se organiza junto às relações de objeto. Nessa vertente, há uma crença maciça de que se o Outro materno houvesse lhe fornecido algo, precisamente isso que lhe falta, não mais haveria conflitos, dificuldades de qualquer ordem ou de que finalmente seria possível encontrar seu lugar junto ao desejo do Outro, uma vez que “o homem encontra sua casa num ponto situado no Outro” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 58), concluindo que só assim é possível encontrar algum respaldo para reconhecer-se minimamente. O fracasso materno de que se queixa o sujeito, situa-se aqui em algo que não foi dado ou transmitido por essa mãe, ou que, se sim, foi excessivo ou insuficiente.

Lembro-me de uma jovem adulta atendida alguns anos atrás, extremamente desorientada pelas relações constituídas por ela. A cada separação, afastamento, ou intervalo produzidos pelas pessoas com as quais ela se envolvia (relações amorosas, amigas ou colegas de trabalho), ela caía num estado completamente mortificante e se tornava irascível, numa vã tentativa de que, se conseguisse comandar todos os movimentos do outro, poderia evitar a possibilidade de uma ruptura. Com muita dificuldade, após algum tempo, deu conta de localizar esse insuportável experimentado nas relações com o período do nascimento do irmão. O irmão nasceu com uma doença grave e passou a demandar da mãe cuidado em tempo integral. Relembrou-se de cenas nas quais a mãe não respondia aos seus apelos e justificava-se dizendo-lhe que seu irmão possuía questões mais sérias e graves do que as dela.

Desde então, a paciente apresentou-se nas relações enquanto “pobretona” (sic), tornava-se uma pedinte e a qualquer sinal de uma possível ausência do outro, desestabilizava-se completamente. Tratava-se de um corpo que se montava e desmontava apoiado inteiramente numa demanda de amor que era atendida ou que deixava a desejar. Há um excerto significativo do “Seminário 5” no qual Lacan esboça essa questão:

É isso que provoca o que santo Agostinho nos descreve em suas Confissões - a palidez mortal do recém-nascido ao ver seu irmão de leite no seio da mãe. Há nisso, com efeito, alguma coisa de radical, de verdadeiramente mortífera para o sujeito, que se exprime bem nessa passagem. [...] Não é à toa que é nessa dimensão, entre o objeto materno primitivo e a imagem do sujeito - dimensão na qual se abre em leque toda a gama dos intermediários em que se constitui a realidade -, que vêm situar-se todos esses outros que são o suporte do objeto significativo, isto é, do chicote. A partir desse momento, a fantasia, em sua significação - refiro-me a fantasia em que o sujeito figura como criança espancada -, torna-se a relação com o Outro por quem se trata de ser amado, enquanto ele mesmo não é reconhecido como tal. Essa fantasia situa-se, então, em algum lugar da dimensão simbólica entre o pai e a mãe, entre os quais, aliás, ela efetivamente oscila (1957-58/1999, p. 256).

O amor torna-se uma espécie de invólucro capaz de estear esse corpo, uma vez que o sujeito “encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada” (Lacan, 1958/1998, p. 701). Zalcberg (2003) relembra sobre como a demanda da criança ao outro, manifesta-se a princípio na ordem do corpo, isto é, caminhando com Freud, na ordem da pulsão. Pulsão essa definida por ele enquanto uma fronteira entre o psíquico e o físico. A oralidade, primeira pulsão a evidenciar as relações primordiais da criança com a mãe, implicam num campo que não tem por finalidade a nutrição, nas palavras de Freud (1905), e que tal relação é prenhe de um outro a ser situado aquém das necessidades que pode suprir, com Lacan (Ibidem). Na pulsão anal, por sua vez, a demanda se inverte, e é a mãe quem espera que a criança lhe dê algo.

Segundo Van Haute (2002), um corpo só é um corpo conforme tenha recebido uma significação da linguagem. Um corpo reúne, portanto, forçosamente imagem e significante, o que pode ser determinante na construção de um corpo apoiado na linguagem. Não é inusual ouvirmos de pacientes que possuem na relação materna a marca da devastação, a fixação de significantes advindos do Outro que sumarizam o funcionamento da relação do sujeito com seu próprio corpo. “A devastação deve-se a essa maneira particular com que a linguagem despontou num sujeito”, reitera Brousse (2004, p. 60), de tal maneira que essa emergência da linguagem se apresente sob a forma do insulto. Ouve-se na clínica as mais variadas injúrias, humilhações, nomes pejorativos que o sujeito rememora do Outro materno: “nojenta, merda, lixo, você não presta, só causa desgosto, você é horrorosa”. A autora explicita que no lugar de

um estofo (*capitonnage*) surge a fixidez de um objeto de gozo que bloqueia a deriva metafórica dos significantes-chave, rebaixando o sujeito ao ser do objeto que ele foi para esse Outro, isto é, a designação de um ser como objeto rebotalho.

A emergência da linguagem apreendida e incorporada pelo sujeito do Outro se revela sob a forma do rejeito ou ainda do imperativo do silêncio. O que se verifica de comum dessas emergências, ainda de acordo com Brousse, é a conexão dessas experiências de fala enquanto trauma. A fala do Outro materno ricocheteia e marca o corpo com seus significantes que funcionam como um S1, incidindo devastadoramente. Trata-se de um corpo desfalcizado, desfalcado. Brousse ilustra esse emblema numa pequena vinheta clínica: “a dama está bonita em seu vestido verde, diz uma menina. Não, não é a dama que está bonita, diz a mãe, é o vestido” (Ibid., p. 63).

Na articulação entre o sujeito, seu corpo e os impasses da posição feminina, o que se observa é como o gozo suplementar, no que lhe concerne, pode precipitar-se sobre o sujeito enquanto uma vivência insuportável e mortífera, retirando as balizas fálicas que de certa forma poderiam vir em auxílio para que o sujeito se sustentasse e não se extraviasse ao infinito, próprio da estrutura do não-todo. Nessa vertente da devastação, o sujeito parece perder de vista todas as suas referências e suas bases identificatórias e se vê confrontado sempre a um “não lugar”. Apresentam-se também vivências de mortificação, diluição dos contornos do corpo, algo que Soler (2005) nomeia de eclipse, pois a maneira com a qual a devastação aniquila o sujeito acontece no espaço de um instante. Ainda segundo a autora, esses efeitos subjetivos vão “da mais leve desorientação até a angústia profunda, passando por todos os graus de extravio” (Soler, 2005, p. 185).

Não é fortuita a aproximação com a noção de arrebatamento quando se trata do gozo suplementar. Esse rapto de si, aparece na fala desses sujeitos: “estou fora de mim”, “sinto meu corpo derreter”, “não consigo me reconhecer mais”, “estou perdendo a cabeça”, “estou desorientada”, são algumas falas que venho recolhendo. O sujeito pode testemunhar segundo Fuentes (2012, p. 115) uma “angústia, despersonalização, melancolia”, e ainda, “o sentimento de falta de identidade, de incompletude radical, momentos de ausência de si mesmo, de fragmentação ou perda corporal” (Ibidem). Embora muitos desses efeitos sejam sentidos no corpo, diferentemente do sintoma histérico, por exemplo, o que se verifica na devastação são fenômenos que ao invés de produzirem um dizer sobre esse corpo, ao contrário, o fazem permanecer num silêncio. É relevante resgatar um comentário feito por Miller em “*O osso de*

*uma análise*” (2016) acerca da distinção entre o sintoma e a devastação. Orientando-se pela partilha sexual relacionada à Tábua da sexuação, o autor sustenta que o sintoma está ao lado “masculino”, já que o sintoma tem qualquer coisa de localizado, algo de elementar. Podemos identificar um sintoma, cingi-lo, podemos tomá-lo enquanto unidade, classificá-lo e dele extrair um sentido, uma mensagem. A devastação relacionada ao não-todo, ao contrário, manifesta-se pelo ilimitado, por aquilo que não se deixa reduzir às classificações e se furta do sentido. Sua apresentação repousaria, portanto, ligada ao “feminino”.

Junto a Brousse (2004) é possível defrontar os estranhamentos relacionados ao corpo na devastação ao lado da ideia do arrebatamento, tanto no campo do ter (vertente fálica), quanto no campo do ser (não-toda fálica). Discutindo o trabalho de Jacques-Alain Miller e Éric Laurent, produzido a partir do texto de Lacan dedicado a Marguerite Duras e a Lol V. Stein, Brousse assevera haver de um lado o arrebatamento ligado a um dos aspectos da sexualidade feminina em sua referência à função fálica relacionada ao roubo, tal como Lacan a caracteriza no seminário “*O saber do psicanalista*” (1972), como “querer arrebatá-la ao homem”. Nessa lógica, é precisamente pelo fato de ter um corpo que o sujeito pode dele ser extraviado. A mãe, por essa perspectiva fálica, se posiciona enquanto uma arrebatadora de corpos, em razão mesmo dos cuidados que presta aos corpos dos filhos.

Por outro lado, há o arrebatamento relativo ao extravio, isto é, quando o sujeito é extraviado de si mesmo, “ser roubado”, surrupiado de si, aspecto tão bem lembrado por Lacan ao evocar Santa Teresa de Ávila em seu êxtase divino colocando ênfase num outro gozo em questão. Nessa via, o arrebatamento indica uma forma de perda corporal não simbolizável pelo significante fálico, no qual há uma não redução das imagens cativantes à imagem central do corpo, destacando a não inscrição do corpo no desejo do Outro. Resta ao sujeito acessar esse Outro inescrutável por sua vertente não fálica, o que o faz desembocar “entre a destruição odiosa e a loucura, perspectivas igualmente nefastas” (Ibid., p. 65). É nessa faceta da devastação que encontramos, eventualmente, uma fascinação do sujeito pelo gozo feminino que não extrai sua consistência do falo, com isso o sujeito “se encerra no território do não-todo feminino, sem o suporte do falo como garantia do extravio” (Guimarães, 2014, p. 9). As consequências disso no corpo se esboçam precisamente, pois não há um consentimento do sujeito em colocar o corpo na troca simbólica, uma vez que é o falo enquanto significante que permite o registro das trocas.



## 2.2 A jovem homossexual e a devastação

A abertura à contingência permitiu-me topar com alguns achados preciosos que certamente deram-me o aporte necessário para dar corpo a essa pesquisa. Tal como a proposta inicial, foram desses achados que pude ir costurando pouco a pouco um grande remendo, que, ainda que inacabado, pôde tornar os objetivos da dissertação menos distantes e o mergulho junto à temática menos ininteligível. O pré-projeto para dar entrada ao mestrado se propunha a trabalhar a devastação junto ao primeiro caso clínico atendido por mim, ainda na graduação, conforme já pincelei em alguns momentos anteriores<sup>26</sup>. O caso dessa paciente esbarrava em três pontos principais, a saber, a relação devastadora com a mãe, uma escolha objetal homossexual e questões relativas à posição feminina. Na ocasião dos atendimentos me foi indicado, numa supervisão clínica, revisitar o caso da “jovem homossexual”, riquíssimo em vários âmbitos, e muito preciso em evidenciar os embaraços entre mãe e filha. É neste caso que Freud trabalha o que nomeou de fase pré-edípica, que, como já abordado, alude à história primitiva dessa relação, tão importante para deslindar a problemática da devastação.

Entretanto, é só *a posteriori*, em uma disciplina da pós-graduação, que tenho notícias da biografia produzida desta paciente de Freud, intitulada como “Desejos Secretos: história de Sidonie C.: a paciente homossexual de Freud” (2008). Ao lê-la sou tomada de surpresa, pois em seus relatos biográficos a relação conturbada com a mãe torna-se explícita e é central nos trilhamentos psicopatológicos de sua vida, algo não tão evidente na construção do caso realizada por Freud. Perto de seu falecimento, a emblemática jovem homossexual confessa sua aposta de advir de sua história com a mãe grande parte de seus inúmeros infortúnios, especialmente pelo modo como se organizou em torno do amor.

No intuito de tentar responder às questões suscitadas pelo que pude testemunhar na clínica sobre a devastação feminina que se constitui junto à mãe, escolhi abordar a casuística

---

<sup>26</sup> À medida que a pesquisa foi caminhando, alguns elementos foram surgindo e vários outros foram sendo enxutos. Esse caso não pôde aparecer na dissertação enquanto uma construção de caso clínico, principalmente por não ter mais acesso aos prontuários da paciente e conseqüentemente seu contato. Contudo, mais detalhes sobre esse caso em específico podem ser lidos no artigo publicado: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2019000100009#:~:text=O%20conceito%20de%20devasta%C3%A7%C3%A3o%2C%20para,escapando%2C%20assim%2C%20%C3%A0%20simboliza%C3%A7%C3%A3o](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2019000100009#:~:text=O%20conceito%20de%20devasta%C3%A7%C3%A3o%2C%20para,escapando%2C%20assim%2C%20%C3%A0%20simboliza%C3%A7%C3%A3o)>, escrito por mim e por minha supervisora à época.

da jovem homossexual, ou Sidonie C.,<sup>27</sup> para estruturar a discussão proposta nesta dissertação. Desde que Ines Rieder e Diana Voigt, biógrafas que conduziram as entrevistas, publicaram, no ano de 2000, sua biografia, é possível saber que a jovem homossexual viveu até os seus 99 anos. A partir de sua publicação diversas discussões na comunidade analítica aconteceram. O alvoroço se desdobrou em duas principais vertentes: o diagnóstico diferencial e a condução de Freud enquanto analista. Desde já, é importante ressaltar que não poderei esmiuçar muitas questões que, embora inéditas e interessantes, fogem do escopo da pesquisa. Buscarei apenas esboçar em seu caso as principais referências que podem nos ajudar a realizar uma leitura e nos instrumentalizar acerca da devastação na relação mãe e filha. Será feito o situamento do caso pelo relato freudiano, seguidamente dos aspectos que interessam relatar sobre sua biografia, e por fim as contribuições lacanianas acerca do caso. Em todos esses momentos serão empreendidos comentários ou discussões articuladas à devastação e ao percurso feito até aqui.

### 2.2.1 Uma fixação à mãe

Em 1920, Freud publica em seu artigo “*Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*”, o caso nomeado e popularmente conhecido enquanto a “Jovem Homossexual”, cuja verdadeira identidade é Margarethe Csonka. De acordo com Iannini (Freud, 1920/2016)<sup>28</sup>, esse ensaio foi escrito em janeiro de 1920, no intervalo de um de seus mais importantes trabalhos, “*Além do princípio de prazer*” (1920). Sua intitulação seria “Sobre a gênese de um caso de homossexualidade feminina”. A modificação de “gênese” por “psicogênese” é notável, segundo o editor, “como resultado da investigação, e não como seu ponto de partida” (Ibid., p. 137). Desde a reformulação da teoria das pulsões, Freud não havia publicado mais nenhuma história clínica notável, sendo o caso da jovem homossexual,

---

<sup>27</sup> Não se trata do nome verdadeiro da paciente atendida por Freud. “Sidonie C.” resulta de uma escolha de suas biógrafas. A contextualização da escolha e das implicações que envolvem seu nome serão detalhadas posteriormente.

<sup>28</sup> Gilson Iannini coordena e produz a edição da Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, publicada pela Editora Autêntica. Ao final de cada ensaio de Freud, o editor esboça uma nota contendo alguma notícia bibliográfica, a apresentação do contexto discursivo de cada texto, sua recepção ou repercussão na história da psicanálise, como também indica as principais linhas de força do texto.

portanto, inaugural no que se refere a uma nova modalidade de escrita clínica. Passemos ao relato freudiano.

O caso refere-se a uma jovem<sup>29</sup> de 18 anos, da alta classe de Viena, levada a Freud com grande preocupação por seus pais pelo fato de insistir em uma relação com certa “dama da sociedade”, cerca de dez anos mais velha que ela e com “má reputação” por manter relações com homens e mulheres. Segundo os pais, a dama, apesar do sobrenome renomado, era uma cocota, espécie de prostituta de luxo. O grande estigma que a circundava não produzia nenhum constrangimento ou inibição na jovem, também nenhum tipo de proibição ou vigilância surtia efeito, pois ela acabava por descobrir todos os seus hábitos, esperava por ela, horas a fio, na porta de sua casa ou nas paradas de bonde, lhe enviava flores etc. Seu interesse pela dama subsumiu todos os outros. Já não se preocupava em continuar seus estudos, tampouco manter as relações sociais e o contato com amigas de sua idade. A maior consternação dos pais em relação a sua conduta fora a ausência de escrúpulo em exibir publicamente a amada de fama duvidosa nas ruas movimentadas, ao mesmo tempo em que não descartava nenhum meio de mentir, encobrir e fazer o possível para que os encontros entre elas ocorressem. Melhor dizendo, havia muita sinceridade, por um lado, e completa dissimulação, por outro. Seus pais informaram desconhecer se os limites de um entusiasmo carinhoso já haviam sido ultrapassados. Ressaltaram a ausência de interesse da filha pelos homens e seus galanteios, e reiteraram que o desejo por mulheres já se anunciava há algum tempo, o que provocou a suspeita e a inclemência do pai.

Certa vez, acabou acontecendo algo não muito surpreendente, pelas circunstâncias tracejadas. A jovem passeava em companhia da dama perto do trabalho de seu pai quando acabaram por topar com ele. Ele passou por elas com um olhar furioso que não anunciava nada de bom. Subitamente, a jovem correu e jogou-se por cima do muro em direção à linha de trem que ali passava. Feriu-se gravemente, mas sobreviveu à queda e, por sorte, não sofreu lesões permanentes. Após sua recuperação, encontrou uma situação bem mais favorável para seus desejos. Os pais já não ousavam impugná-la com tanta determinação, e a dama, que até então havia se mostrado inacessível, passou a tratá-la mais gentilmente.

A jovem foi levada a Freud seis meses após a séria tentativa de suicídio. Os pais confiavam no médico a árdua tarefa de reconduzir a filha à “normalidade”. O psicanalista se mostrou reticente em recebê-la em análise, pois a demanda partiu dos pais e não dela, além de

---

<sup>29</sup> “Jovem” refere-se à jovem homossexual e “dama” à mulher com quem ela se relacionava.

não identificar nenhum tipo de sofrimento neurótico. A tarefa solicitada não era a de solucionar um conflito, mas a de converter uma variante da organização sexual para outra. Assim, Freud evitou promessas quanto ao tratamento da jovem e assinalou aos pais que iria tomá-la por algumas semanas ou meses de modo a estudá-la e se manifestar sobre as probabilidades da continuação da análise. Segundo Freud (1920/2016), a análise decompõe duas fases claramente distintas. Na primeira fase, o médico extrai do paciente os conhecimentos necessários, familiariza-o com as premissas e os postulados da análise e desenvolve diante dele a construção da matriz do seu sofrimento, para a qual se acredita autorizado a partir do material oferecido pela análise. Em uma segunda fase, é o próprio paciente que se apropria do material que lhe foi exposto, trabalha nele, recorda o que consegue daquilo que nele está aparentemente recalçado e repete o material remanente, revivendo-o. Apenas durante esse trabalho que ele experimenta a alteração interna pela desejada superação de resistências e adquire as convicções que o tornam independente da autoridade médica.

Para Freud, a análise da jovem se desenvolveu de acordo com esse esquema de duas fases, mas não continuou depois do início da segunda fase. No entanto, ele afirma ter sido possível um entendimento geral para poder elucidar o curso do desenvolvimento de sua homossexualidade. Com isso, é possível apreender que a investigação de Freud acerca do caso se concentrava em entender como ela havia se tornado lésbica. Cabe aqui ressaltar, que o interesse desta pesquisa não repousa aí, e nesse sentido, me servirei da anamnese da paciente para trabalhar a relação da paciente com a mãe.

Tal como Freud, tratemos da figura dos pais separadamente. O pai da jovem era um homem respeitável, sério e, no fundo, muito afetuoso, embora um tanto distante dos filhos por sua postura rígida. A relação com a filha era fortemente atravessada por influências de sua esposa, mãe da jovem. Ao tomar conhecimento do interesse da filha por mulheres ficou enfurecido, e quis refreá-la com ameaças. Oscilando entre diversas e igualmente penosas concepções possíveis sobre o que estava acontecendo com a filha, aventou se ela era “um ser vicioso, degenerado ou mentalmente perturbado” (Freud, 1920/2016, p. 116). Mesmo após a tentativa de autoextermínio, ele não conseguiu se resignar quanto a homossexualidade da jovem que, para ele, incitava uma completa amargura. Estava disposto a extingui-la de qualquer forma. Voltou-se para a psicanálise para encontrar nela um auxílio e se também aí

fracassasse, arranjaria um casamento, alvitando com isso a possibilidade de aguçar os “instintos naturais” da filha e sufocar sua orientação “não natural”.

A mãe permanecia enquanto um enigma: “A atitude da mãe da jovem não foi tão fácil de visualizar” (Ibid., p. 117), comenta Freud. Uma mulher ainda jovem, atraente, que claramente não queria renunciar à pretensão de agradar por sua própria beleza. A surpresa para o analista residia no fato de que ela não tomava a situação da filha de forma tão trágica e enérgica quanto o pai: “Durante algum tempo, ela até mesmo havia usufruído da confiança da jovem com relação ao enamoramento por aquela dama; parece que basicamente tomou o partido contrário por causa da prejudicial franqueza com a qual a filha proclamava seus sentimentos diante do mundo inteiro” (Ibid.). Segundo Freud, a mãe da jovem havia sido acometida pela neurose durante vários anos, regozijava-se com a grande atenção por parte do marido, e no que concernia aos filhos, tratava-os de forma extremamente desigual. Com seus três filhos homens era demasiadamente carinhosa e com a filha excessivamente dura. O psicanalista destacou sobre a diferença nas indicações da paciente a respeito dos pais; sobre a sua mãe tais indicações sempre continham uma grande reserva, que, no caso do pai, não se mantinham: “Não foi fácil apurar algo mais preciso sobre seu caráter [...] em consequência de motivos que só mais tarde serão compreendidos” (Ibid.).

Após realizar essa introdução, Freud nos apresenta de forma sucinta e panorâmica a história libidinal da jovem. Conforme o analista, na infância, a jovem passou, de maneira pouco chamativa, pelo desenvolvimento “normal” do complexo de Édipo feminino, e também posteriormente substituiu o pai por um irmão um pouco mais velho. A paciente não se lembrou e nem Freud descobriu qualquer tipo de trauma sexual sofrido na juventude. A prática da masturbação na primeira infância não foi esclarecida, e a comparação dos genitais do irmão com os seus, que ocorreu por volta dos seus 5 anos, deixou-lhe forte impressão. O nascimento de seu segundo irmão, quando ela tinha entre 5 e 6 anos, não produziu nenhuma influência especial em seu desenvolvimento. Quanto ao período de sua puberdade, familiarizou-se vagarosamente com os fatos da vida sexual, relacionando-se com isso de forma ambígua, mescla de volúpia e temerosa recusa, algo que Freud considerou normal e sem exageros.

Entre 13 e 14 anos, manifestou uma carinhosa e exagerada predileção por um garotinho de quase 3 anos que encontrava em um parque infantil. Afeiçoou-se tanto à criança que passou a ter uma relação longa e amistosa com os pais do menino. Freud interpreta que

desse “acontecimento é possível concluir que, na época, ela foi dominada por um forte desejo de ser mãe e de ter um filho” (Ibid., p. 123). Pouco tempo depois ficou indiferente ao garoto, e começou a manifestar um interesse por mulheres maduras, mas ainda jovens. A vigência dessa mudança coincidiu com um acontecimento na família, uma nova gravidez da mãe e o nascimento de seu terceiro irmão, ocasião em que estava com 16 anos. Para Freud, antes, “sua libido estava focada na maternidade, e depois ela se tornou uma homossexual apaixonada por mulheres maduras, o que seguiu sendo desde então” (Ibid.). O psicanalista conclui que a análise da jovem permitiu confirmar, sem sombra de dúvidas, que a dama amada era um substituto da mãe. Contudo, ela não havia sido seu primeiro amor e tampouco era mãe. Desde o nascimento do último irmão, expressou interesse por mulheres, mães, entre 30 e 35 anos, cujos filhos ela conheceu nas férias de verão ou no círculo familiar da cidade. Gradualmente, a condição para a maternidade foi abandonada.

Mas como podemos entender que, justamente por causa do nascimento tardio de uma criança – quando a jovem já estava madura e tinha os próprios desejos intensos –, foi levada a orientar sua ternura apaixonada à mulher que deu à luz essa criança, sua própria mãe, e a expressá-la em um substituto da mãe? (Freud, 1920/2016, p. 123).

Segundo Freud, a partir dos postulados da psicanálise, esperava-se o contrário. Nessas situações, as mães não costumam envergonhar-se diante das filhas já em idade de compreender, ao mesmo tempo em que as filhas têm pela mãe um sentimento misto composto por desprezo, pena e inveja, que em nada contribui para aumentar a ternura pela mãe. No caso da jovem, especialmente, ela tinha bem poucos motivos para bem-querer a mãe. Ela era uma despropositada concorrente para a mãe e preterida em relação aos irmãos. A mãe havia limitado ao máximo sua autonomia e a fiscalizava com entusiasmo, para mantê-la longe do pai. Assim se via justificada a necessidade da paciente desejar ter uma mãe mais amorosa, no entanto, a “razão pela qual ela se inflamou naquele momento, e na forma de uma paixão ardente, é difícil de entender” (Ibidem, p. 124).

A hipótese de Freud era a de que, a jovem, ao entrar na adolescência, fase de reatualização do complexo de Édipo, se decepcionou profundamente. Haveria nela um desejo consciente de ter um filho, e inconscientemente, que esse fosse um filho de seu pai. Mas daí ocorreu de não ter sido ela a gerar o filho, e sim a mãe, concorrente odiada no inconsciente. Enraivecida e amargurada, teria se afastado absolutamente do pai e dos homens num geral. A partir desse primeiro fracasso, rejeitou sua “feminilidade” e procurou outra colocação para a

sua libido. Assim, comportou-se de maneira bem semelhante à de muitos homens misóginos, que ante uma decepção, difamam e odeiam mulheres. Para Freud, ela se transformou em homem e tomou a mãe, em vez do pai, como objeto de amor.

**Sua relação com a mãe foi certamente ambivalente** desde o início; foi fácil reanimar o anterior amor pela mãe, e com a ajuda desse amor supercompensar a atual animosidade contra a mãe. **Tendo em vista que com a mãe real pouco havia o que fazer**, produziu-se, desse deslocamento de sentimentos, a procura por um substituto da mãe, no qual se poderia apoiar com apaixonada ternura. Um motivo prático decorrente de suas relações reais com a mãe veio a se acrescentar ainda como “ganho da doença”. A própria mãe ainda apreciava ser cortejada e admirada pelos homens. Então, se ela se tornasse homossexual e deixasse os homens para a mãe, lhe “deixasse o caminho livre”, por assim dizer, ela tiraria do caminho algo que até então tinha carregado a culpa pela antipatia da mãe (Freud, 1920/2016, p. 125, negritos meus).

Se com a mãe ela adotara essa posição de supercompensação, em relação ao pai, tratava-se de realizar uma vingança: “Agora ela permanecia homossexual para desafiar o pai. Também não tinha escrúpulos por enganá-lo e por lhe mentir de todas as maneiras” (Ibid.). Por isso, segundo Freud, o pai tinha de ficar sabendo, ocasionalmente, da relação entre ela e a dama, do contrário ela perderia a satisfação pela vingança.

Sua conduta para com a dama assumiu, conforme sustenta o psicanalista, um modo inteiramente masculino, isto é, a jovem passou a produzir uma supervalorização de sua amada, além de renunciar a qualquer satisfação narcísica. Com humildade e doce despreensão, tornou-se alguém que pouco espera e nada pede. Freud a relaciona com seu texto produzido “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*” (1910), cujas peculiaridades ele remeteu à ligação com a mãe, na qual permanece a condição de que a amada tenha, de alguma forma, “má reputação sexual”. A má fama da dama, nesse sentido, era condição para o seu amor. Tendo notícias sobre o estilo de vida da amada, que vivia da entrega de seu corpo, a jovem apresentou uma reação de extrema compaixão, desenvolvendo planos de como poderia salvá-la de circunstâncias tão indignas. Segundo seu pai, ela já havia dirigido sua paixão a outras mulheres, mencionando, por exemplo, uma atriz por quem ela se interessou em um local de veraneio. A questão é que ela nunca se interessou por mulheres assumidamente homossexuais que poderiam lhe oferecer a perspectiva de uma satisfação, questão relevante para se considerar.

Acerca da tentativa de suicídio, Freud fornece a seguinte leitura. No momento em que passeava com a dama sendo flagrada pelo olhar furioso do pai, ela confessou à dama que o senhor que as olhara de maneira tão feroz era seu pai, que não queria saber nada sobre essa relação. A decisão para se jogar no vão da linha do trem tornara-se, a partir disso,

inteiramente plausível para Freud. A dama ficou colérica com tal afronta, e ordenou que a deixasse imediatamente, que a jovem não mais a esperasse ou sequer lhe dirigisse a palavra. Desesperada ante a perda da amada, ela quis se entregar à morte. Entretanto, de acordo com Freud, a análise permitiu desvendar uma outra interpretação por trás da sua, apoiada em seus próprios sonhos: “A tentativa de suicídio era, além disso, como esperado, determinada por dois motivos: uma realização de punição (autopunição) e uma realização de desejo. Este último significava a consecução daquele desejo cuja decepção a havia movido à homossexualidade, a saber, ter um filho do pai, pois agora ela caía [*niederkommen*<sup>30</sup>] por culpa do pai” (1920/2016, p. 127).

A cena do encontro com o pai colocou a dama na mesma posição que ele, uma vez que ela apresentou a mesma proibição que o pai, falando exatamente como ele. A respeito da autopunição, para Freud, a ação da jovem expressou que ela desenvolveu em seu inconsciente um desejo vigoroso de morte contra um dos membros do casal parental. “Talvez por ganas de vingança contra o pai, que perturbou o seu amor, mas ainda mais provavelmente também contra a mãe, quando engravidou do irmão menor” (Ibidem). No desejo de matar um objeto com o qual tenha se identificado, no caso sua mãe, ela voltou contra si mesma esse desejo de morte: “Na identificação com a mãe, que deveria ter morrido no parto do filho a ela negado (à filha), essa própria realização de punição é, no entanto, novamente uma realização de desejo” (Ibid.).

No entanto, para Freud, cabia ao pai, “na fundamentação descoberta pela análise, [...] o papel principal” (Ibid., p. 128). O psicanalista postulou que a relação com o pai teve importância decisiva para o andamento e finalização do tratamento analítico, especialmente em relação à ausência de resistências quanto ao mesmo e também na relação transferencial com o analista. A princípio, ele pensava não haver transferência, depois corrigiu-se: “mas é claro que isso é um absurdo ou um modo impreciso de expressão; algum tipo de relação com o médico precisa se estabelecer, e esta é, na maioria das vezes, transferida de uma relação infantil” (Ibid.). Freud concluiu que no enquadre transferencial, a jovem dirigiu à sua figura uma fundamental recusa ao homem, recusa que a dominara desde sua decepção com o pai. Esta é a primeira de suas motivações para interromper o tratamento:

---

<sup>30</sup> *Niederkommen* é um verbo alemão cujo sentido usual é de parir. Composto por *nieder* (para baixo, em baixo) e *kommen* (vir), Freud (1920/2016) associa a noção de “vir para baixo” com o ato de “cair lá embaixo”, algo que expressa, na língua alemã, o ato de dar à luz um filho.



Portanto, interrompi o tratamento assim que reconheci a posição da jovem para com o pai e **recomendei que, se ela dava valor à tentativa terapêutica, devia prosseguir com uma médica**. Nesse meio-tempo, a jovem havia prometido ao pai suspender pelo menos a relação com a “dama”, e não sei se meu conselho, cujo motivo é óbvio, será seguido. Uma única vez ocorreu algo nessa análise que eu pude entender como uma transferência positiva, como uma renovação extremamente enfraquecida da entusiasmada paixão original pelo pai (Ibidem, p. 129, negritos meus).

Havia ainda o acréscimo de uma outra razão:

Durante certo tempo, não muito depois do início do tratamento, a jovem trouxe uma série de sonhos que, devidamente deformados [*entstellt*] e vertidos na linguagem correta dos sonhos, eram fáceis e seguros de traduzir. No entanto, seu conteúdo interpretado era surpreendente. Eles antecipavam a cura da inversão pelo tratamento, expressavam sua alegria pelas perspectivas de vida que agora se abriam para ela, confessavam a ânsia pelo amor de um homem e por filhos, e assim podiam ser acolhidos como uma bem-vinda preparação para a mudança desejada. A contradição com suas simultâneas manifestações na vigília era muito grande. [...] **Advertido por alguma ligeira impressão, disse-lhe certo dia que não acreditava nesses sonhos, eles eram mentirosos e hipócritas, e que sua intenção era me enganar, como ela costumava enganar o pai** (Ibid., negritos meus).

Com o término prematuro do tratamento, a principal conclusão extraída do caso, repousou, para Freud, na afirmação de que não se tratava de um caso de aquisição tardia da homossexualidade, mas a constatação de que ela já era lésbica e já havia demonstrado seu interesse por mulheres desde muito nova, apenas no período posterior à puberdade é que sua orientação sexual pôde ser revelada. Em seu modo de ver, o relacionamento para com as mulheres era uma continuação direta, “sem alteração, de uma fixação infantil na mãe” (Ibid., p. 133). Tal fixação se expressava na conduta da jovem, determinada, aí, pelo efeito da discriminação da mãe.

Mesmo com seus impasses, o caso se mostrou valoroso, pois foi a partir desse encontro que Freud pôde perceber e teorizar sobre uma ligação da menina com a mãe, anterior ao pai, que precisa ser considerada. A ligação da menina com o pai é secundária, fato pertinente para elucidar o lugar do pai da jovem homossexual na configuração de suas demandas e afetos. Há uma relação pré-edípica entre mãe e filha, fundamental para o exercício da escuta de um analista. É nessa fixação, termo que o dicionário bem qualifica como algo que retém, atrai e impregna, que podem se encontrar as marcas abismais entre o sujeito e seu primeiro grande Outro.

### 2.2.2 “Fiquei assim por causa de minha mãe”

Margarethe Csonka von Trautenegg nasceu em 1900 e viveu até seus 99 anos de idade, falecendo no ano de 1999. Ao final de sua vida reuniu-se com duas biógrafas, Ines Rieder e Diana Voight, para tecer sua própria história em longas entrevistas. Como pano de fundo, sua biografia aborda a reconstrução de quase um século, pincelando os aspectos sociais, econômicos, morais, religiosos, sexuais e políticos de uma época, narrando as duas grandes guerras e suas consequências para a vida de Margarethe e sua família.

As biógrafas lhe batizaram com um pseudônimo após o seu falecimento. No prefácio do livro consta que Margarethe lhes pediu para manter em sigilo o seu próprio nome, de familiares e amigos mais próximos, temendo a sua intimidade exposta. Sidonie Csillag passa a ser o seu nome na biografia, publicada um ano após a sua morte (2000), na língua alemã. A escolha se deu, segundo as biógrafas, com o intuito de simbolizar suas origens: Sidonie era um nome de menina muito apreciado nas famílias burguesas, e Csillag, que significa estrela, era um sobrenome comum em Viena, usado com a mesma frequência que Csonka, sobrenome verdadeiro de sua família. Em respeito ao pedido que ela fez sobre sua identidade, abordarei o seu nome da forma como foi utilizado na biografia.



Figura (5): Margareth Csonka em Cuba, 1940. Foto de seu acervo pessoal, doada postumamente por suas biógrafas ao museu Freud.

A biografia se organiza de forma diacrônica, embora não linear. Sidonie, conforme vamos nos inteirando em sua biografia, efetuara três sérias tentativas de suicídio antes de completar 30 anos, relacionou-se com várias mulheres e alguns homens, e sempre se mostrava infeliz e frustrada pelas escolhas amorosas realizadas. Embora o fracasso no amor seja, a princípio, o que salta ao olhar, a figura materna é um tanto quanto emblemática na vida de Sidonie, tendo inclusive — trata-se de uma suposição — ressonâncias na maneira com que se relacionava às mulheres, ao seu encontro com o feminino e à história singular de seu sofrimento: “a mãe tem verdadeira aversão a tudo que seja feminino, toda mulher é sua concorrente e adversária, até mesmo sua própria filha” (Rieder e Voigt, 2008, p. 63). Revisitar sua história com a mãe, portanto, parece nos dar pistas das repercussões com duração de uma vida que tocam no ponto da devastação.

Quatro principais aportes recolhidos de sua biografia foram escolhidos para engendrar a discussão proposta, visto que incluir todos os acontecimentos de sua existência seria impossível: 1) a história precedente à tentativa de suicídio (e às duas tentativas posteriores); 2) a relação com a mãe; 3) o tratamento com Freud; 4) as mulheres e o amor.

Filha de uma família da alta burguesia, Sidonie Csillag era uma bela e inteligente jovem, única mulher entre três filhos homens, Heinrich, Robert e o mais novo, Ernst. Seu pai, Antal Csillag, era um grande empresário da indústria petrolífera, e sua mãe, Emma Csillag, dona de casa. Sidonie conheceu a dama quando estava com 17 anos, imediatamente após o nascimento do irmão mais novo, Ernst, nascido em junho. A mãe foi se restabelecer do parto numa casa de repouso — deu à luz ao filho temporão mais velha e com os outros três filhos então quase adultos —, razão pela qual Sidonie fora despachada no verão junto ao irmão mais novo e uma governanta para Semmering, município Austríaco destinado à elite de Viena como local de descanso e férias. Sobre o nascimento do irmão assim se expressou: “Ainda não sabe como encarar o novo membro da família, que tomará para si ainda mais do **amor, de resto já tão escasso, da mãe**, que adorava seus filhos, em detrimento da filha, **a quem tratava com frieza**” (Rieder & Voight, 2008, p. 16, negritos meus).

Nesta cidade, ao passear pelas ruas com uma amiga, acabou por cruzar e conhecer a dama, que andava sempre de braços dados com outra mulher e, às vezes, com um senhor mais velho. A beleza exuberante e a elegância da dama fizeram com que a jovem se sentisse “inflamada. Não de um fogo sexual, mas, em sua lembrança, de um fogo de reverência e

adoração” (Ibidem, p. 15). Segundo a jovem, a dama não se assemelhava a nenhuma garota de 17 anos que conhecia. Seu corpo estremecia ao ver “aproximar-se a figura esbelta, alta e elegante de sua paixão. Seu andar era maravilhosamente leve e dançante e ela se vestia de um modo peculiar, quase extravagante. Quando passava a seu lado, Sidonie admirava suas belas mãos [...]” (Ibid., p. 20). Ela era a baronesa Leonie von Puttkamer, de uma antiga e nobre família prussiana.

Já nesse momento Sidonie arranhou as coisas de modo a tentar se aproximar de Leonie. Junto de sua amiga, tentava enganar as governantas para encontrá-la. Escreveu muitas cartas e poemas sem coragem de enviá-los. Precisava voltar a vê-la. Por sorte do acaso e alguns contatos, conseguiu saber da rotina da baronesa em Viena, de modo que poderia reencontrá-la ao retornar do descanso de verão. Leonie jantava diariamente no Grand Hotel am Ring, mas Sidonie não poderia se dirigir para lá sozinha, sem um motivo manifesto. Razão que a leva a se oferecer como acompanhante da mãe em suas caminhadas todas as tardes ao redor do Grand Hotel, propondo que, ao final do esforço físico, fossem tomar um chá no hotel. A mãe estranha a ambição esportiva nunca antes manifestada pela filha, mas topa por cogitar encontros com nobres hóspedes e visitantes, “a bela e mimada esposa de um grande industrial, gostava de ser vista e cercada de adoradores e, na companhia da filha, era menos perigoso responder inocentemente a este ou àquele olhar de um senhor de boa aparência” (Ibid., p. 22). Depois de algum tempo, percebeu que a filha não estava interessada nos passeios, mas sim nas pausas para o descanso. Identificou seu entusiasmo púbere e obstinado por aquela “senhora exagerada”, que de modo algum lhe agradava. Irritada, avisou à filha que não tinha nenhum interesse naquelas horas diárias de chá.

Agora sozinha em sua empreitada, não tardou descobrir onde a dama morava. Às vezes chegava a passar um dia inteiro perseguindo o itinerário de Leonie, e em alguns momentos não tomava o cuidado de passar despercebida pela amada, que acabou por notar sua presença insistente em todos os lugares que ela frequentava.

Sidonie era tímida e não ousava dirigir a palavra a Leonie. Até que um dia, finalmente, uma chuva violenta veio em seu socorro. Trêmulas de frio, com a gola do casaco levantada, as duas mulheres esperavam no ponto de parada do bonde. Quando o elétrico chegou, Sidonie era a primeira da fila de embarque. **Tinha visto nas atitudes do pai como se dava passagem a uma dama de forma cortês e conveniente. Poderia experimentar fazê-lo, ela também. Com um giro galante do corpo e um leve gesto da mão, ofereceu passagem a Leonie.** Sentia-se arder em brasa e o sangue cantava em seus ouvidos (Ibid., p. 24, negritos meus).

É neste momento que a relação entre ambas se iniciou. Lisonjeada por ser cortejada por uma jovem galã, o gelo se quebrou e passaram, então, a se ver com frequência e assiduidade. Sidonie manobrou a coisa em casa tranquilamente, já que o pai passava quase todo o tempo no escritório e não tinha tempo nenhum para ela. A mãe, por seu turno, conforme consta na biografia, nunca aparentou “interessar-se de fato por Sidonie, e sua atitude em relação aos movimentos e iniciativas da menina variava entre a tolerância e a indiferença. Jamais lhe ocorreria a ideia de observar um pouco mais detidamente a filha quase sempre ausente” (Ibid., p. 25).

Essa rotina de encontros diários se estendeu por meses a fio, até que se chega no fatídico dia que antecede sua ida a Freud. É importante examinar essa cena em detalhes, dessa vez narrada por ela própria.

Sidonie estava felicíssima de poder estar quase todos os dias ao lado da mulher que lhe agradava como nenhuma outra antes o fizera [...]. Um dia, contudo, na figura de Antal Csillag, o severo e vigilante pai de Sidonie, o infortúnio enfim se anuncia e é deflagrado. Antal Csillag tem seu escritório num prédio bem próximo do Theater an der Wien [...]. Sidonie sempre tomou muito cuidado para não encontrar seu pai quando estivesse por ali passeando com Leonie. Boatos maliciosos sobre as duas já deviam ter chegado aos ouvidos dele, e o pai lhe dera a entender algumas vezes que não desejava que se relacionasse com certas mulheres. [...] Agora, no entanto, acontecia o que tanto evitara e, numa agitação febril, o medo percorre as pernas e os braços de Sidonie. Do outro lado da rua, em frente, ela viu seu pai na companhia de um senhor que reconheceu como um colega de negócios. Com certeza, o pai a viu e atravessaria prontamente a rua para lhe exigir explicações. Não sabia o que fazer. Desesperada, olhou para Leonie e desta para o pai, e viu como ele acabava de apertar a mão do amigo e despedir-se. [...] Leonie, naturalmente, logo percebeu a repentina inquietação da amiga. Contudo, antes mesmo de ter a oportunidade de indagar sobre os motivos da brusca alteração, Sidonie já havia se libertado dela, murmurando “meu pai, ali do outro lado...”, e desaparecido com a velocidade de um raio. Esbaforida, correria na direção oposta. Mas quando se deteve por alguns segundos e olhou à sua volta, percebeu admirada que o pai não pareceu atentar para sua presença; muito pelo contrário, acabara de embarcar no elétrico que nesse momento havia parado no ponto. [...] Vergonha e pesar cresceram dentro dela [...]. Precisava explicar-lhe sem demora. E assim se voltou e correu atrás da baronesa, que, nesse meio-tempo, continuara seu caminho. Quando enfim a alcançou, a expressão no rosto de Leonie não prenunciava nada de bom. Fria e ensimesmada, ela apenas olhou rapidamente para o lado e seguiu adiante. [...] “Agora, o medo te pegou, não é mesmo, minha pequena heroína?” “Você sabe, meu pai, ele...”, Sidonie tentou se justificar. “... ele não quer que você se relacione com uma mulher como eu”, com um gélido sarcasmo Leonie terminou a frase para ela. “Nesse caso, *ma chère*, é realmente melhor que você me poupe de suas manifestações de amor pela metade. Tudo isso só estraga o meu humor”. **Sidonie se sentiu atingida por um raio. Seus pensamentos se precipitam e se atropelam.** O que devia fazer? **Seu pai lhe faria um estrondoso sermão em casa, disso ela estava certa. Mas, afinal, havia algum sentido em escutar os trovões quando a causa de toda tempestade não quer ter absolutamente mais nada a ver com ela?** “Leonie, por favor, gosto tanto de conversar com você, sempre! Queria ficar ao seu lado dia e noite e todos devem saber disso, mas...”. “É exatamente este 'mas' o motivo pelo qual é melhor que de agora em diante não sejamos mais vistas juntas. Cora e passe bem, adeus!” [...] Virou-se e se afastou de Sidonie em passos rápidos. **Como se estivesse anestesiada, Sidonie caminhou aos tropeços pela interminável sequências de prédios [...].** Agora, era indiferente que as pessoas vissem como as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Podiam pensar o que quisessem. [...] **Leonie porventura sabia que toda a sua vida afetiva girava exclusivamente em torno dela, que era uma necessidade vital permanecer em contato com ela?** Como podia suportar tudo isso sem ela? Enquanto isso Sidi alcançou a estação de Kettenbruclemgasse e ali, de repente, soube exatamente o que devia fazer. Sem hesitar nem mesmo um segundo, dirigiu-se ao parapeito sob o qual, lá embaixo, se estendiam as plataformas do trem metropolitano. **É a única solução. Em casa, o pai iria puni-la com**

**toda severidade, sua amada não queria mais tê-la — portanto, para que prosseguir tudo isso?** Apoiando-se na balaustrada [...], sobe, uma perna por cima, depois a outra. Precisa apressar-se, já escuta vozes excitadas atrás de si. Por uma fração de segundo, ainda fica ali sentada, então prende a respiração, aperta as pálpebras bem juntas e salta lá para baixo (Ibidem, pp. 28-29-30, negritos meus).

Diferentemente do relato de Freud, não fica explícito se houve de fato um olhar furioso do pai lançado sobre ela. O que é determinante para que ela se jogue da ponte é a simples possibilidade de o pai tê-la visto em companhia da dama. Após a grave tentativa, já temos notícia de que Leonie se compadece e retoma os encontros e que o pai volta sua atenção para a filha, concluindo que alguma coisa precisa ser feita para trazer a filha à razão. Assim, foi levada a Freud.

Durante quatro meses, cinco vezes por semana, Sidonie se deslocava até o consultório de Freud, para, segundo ela, “se deitar ali e responder a perguntas absurdas. Mas também havia prometido isso” (Rieder & Voight, 2008, p. 44). Não o conhecia pessoalmente, apenas havia ouvido falar de um professor que se ocupava de loucos e que podia curar almas, mas não tinha boa fama em Viena. As impressões iniciais da paciente sobre Freud se mostravam majoritariamente negativas, convicção que sustentou até morrer. Achava-o seríssimo, completamente inacessível, embora não fosse antipático. Reparou que Freud tinha olhos ternos e intensos que a observavam interrogadores. Em geral, o considerava desinteressante, apenas um homem velho que fazia perguntas desagradáveis e afirmava coisas absurdas sobre ela. Oscilava entre achar o procedimento enfadonho ou repugnante.

Sidonie percebeu haver tocado Freud de alguma forma, ao mesmo tempo, também suspeitou ser um caso desafiador para ele, além de despertar-lhe curiosidade. Na primeira sessão, sem saber muito bem o que falar, foi incentivada pelo analista a dizer sobre sua família, especialmente seus pais e irmãos. Conta a origem dos pais, a ascensão financeira da família através dos negócios de Antal, seu pai, além de relatar a história religiosa da família, que se converteu ao catolicismo abandonando o judaísmo. Ao falar da família tornava-se loquaz. Sidonie descreveu para o analista que sua mãe, Emma, era uma mulher muito bela, voluntariosa e vaidosa, vestindo-se sempre de acordo com as últimas tendências da moda, além de ser meticulosamente ciosa dos cuidados com a própria beleza, e afirma, “esse é o único capital que pôde trazer consigo de sua juventude pobre e difícil” (Ibid., p. 49).



Figura (6): Emma Csillag, 1915. Recuperado de (Rieder & Voight, 2008, p. 47).

A mãe, diferentemente do pai, parecia viver recolhida e tímida, sem interesse em estabelecer contatos com a alta sociedade. Um tanto quanto nervosa e neurótica, parecia sentir-se demasiado inculta para se expor a tais situações.

O que mais se destaca no relato da jovem sobre sua mãe se refere ao campo estético, isto é, do modo como Emma se relacionava com sua própria imagem ao mesmo tempo em que isso era definidor em sua relação com o outro, Sidonie incluída aqui. Estamos diante de uma mãe fálica. A paciente comenta sobre a quantidade onerosa de dinheiro que sua mãe gastava de seu pai nesses caprichos com a imagem:

[...] a mãe se precipita enfim para a rua, farfalhando suas roupas de tafetá, musselina, seda ou lã, desenhadas conforme a última moda [...]. Na maior parte das vezes, vai em seguida à costureira, pois as revistas de moda da estação já murmuraram alguma novidade a seus ouvidos, e ela, como esposa de um diretor, não deve usar por muito tempo a mesma peça. Também a modista e o cabeleireiro fazem parte regular do programa da manhã (Rieder & Voight, 2008, p. 58).

Sidonie ficava igualmente atenta à dinâmica dos pais. Achava indigno e inadequado o modo como a mãe tratava o marido, pois sabia agir com doçura quando precisava apaziguar algo, mas também sabia destilar palavras venenosas e raivosas sobre o marido, quando este a

desagradava: “de alguma forma, ela admira a mescla de habilidade, naturalidade e tirania caprichosa da mãe na relação com os homens. Como eles voam a seu redor e o que ela pode obter deles! Ao mesmo tempo tudo isso parece repugnante e corta-lhe o coração” (Ibidem, p. 59).

Freud a interrompe e intervém nessa observação, queria saber mais sobre isso. Pela primeira vez, em quatro meses de análise contínua, Sidonie começa a tremer e os soluços irrompem, sacudindo todo o seu corpo, profundamente comovida, ela chora: “Acho minha mãe tão bonita e faço tudo para ela. Ela, porém, ama apenas meus irmãos” (Ibid.). Essa frase é valiosa, pois sintetiza de forma cirúrgica a posição subjetiva de Sidonie. A mãe ocupando uma posição idealizada e ela num lugar de tudo fazer por essa mulher. Em seguida, seu lugar de preterida logo surge, pois, em relação aos irmãos, ela praticamente não conta.

E continua:

Ela é tão alegre e carinhosa com os três filhos. Com frequência até brinca com eles, engalfinham-se e rolam no chão. Quando ela está com os meninos, a filha deixa de existir. Com eles, permite e releva quase tudo, enquanto em relação a ela é dura, é de fato até mesmo injusta. Embora Sidonie costume lhe trazer presentes e chegue até a mimá-la com flores ou a surpreender com línguas-de-gato de chocolate que ela tanto adora, isso não ajuda em nada. A mãe permanece distante e fria (Ibidem).

Uma outra cena marcante surge na análise, que evidencia com precisão o lugar que Sidonie ocupava para sua mãe. Acompanhava a mãe a um balneário no Semmering por prescrição médica, pois a mãe anualmente sofria dos nervos e às vezes dos mais absurdos temores: ladrões, incêndios, inundações etc. Sidonie explica que a mãe, durante esses tratamentos, se transformava por completo: de mulher medrosa, tímida e insociável, tornava-se uma espécie de mulher fatal. Flertava com vários homens e os via rondando a mãe como traças. A mãe chega a sair com outros homens, como se fosse solteira. Traições acontecem. Certo dia, um desses homens quis cumprimentar a mãe pelo refinamento da filha, ao que Emma respondeu friamente que aquela não era sua filha.

Ela simplesmente a renegara para dar a impressão de ser mais jovem, para desviar da filha o interesse daquele homem, neutralizá-la e tirá-la do páreo. **Aquilo doeu tanto que Sidonie correu para o quarto em prantos e, nos dias seguintes, perambulou pela floresta sozinha, só para não ter que olhar aquela mulher horrível.** A mãe tem verdadeira aversão a tudo que seja feminino, toda mulher é sua concorrente e adversária, até mesmo sua própria filha (Rieder & Voight, 2008, p. 63).

Até mesmo a relação da jovem com seu pai parecia despertar ciúmes na mãe que fazia o possível para dificultá-la. Tornava-se muito desagradável quando os via juntos, torturando pai e filha com um péssimo humor e mordacidade, a tal ponto que Sidi deixou de querer se



aproximar do pai, para não ter mais uma desavença com a mãe. Era sempre tomada como uma concorrente. Ela conta em sua biografia, que uma vez ou outra tentava se envolver com alguns homens, especialmente em suas férias de verão, contudo, no momento em que arriscava observar com uma pontinha maior de interesse recebia “imediatamente um cortante e ameaçador olhar da mãe, que sinalizava: ‘tire suas mãos daí, este já é meu’” (Rieder & Voight, 2008, p. 150). Ainda assim, não se permitia odiar completamente a mãe. Em alguns relatos se demonstrava culpada por não ter uma relação tão boa com a mãe como tinha com o pai, enquanto se culpava também por não ser amada pela mãe. A ambivalência parecia sempre estar presente. A mãe oscilando entre uma posição de exaltação e tormento.

Às vezes observa-a após o almoço, deitada sobre o canapé na sala de estar e, apesar de seu sofrimento, **não consegue não achá-la maravilhosa.** Então corre para ela, pega sua mãe e beija-a precipitadamente. Espantada a mãe ergue os olhos em sua direção e, divertida, espicha as sobrancelhas, para o alto, mas jamais aconteceu de apertar nos braços a filha carente e ansiosa (Ibidem, p. 62, negritos meus).

Chama a atenção a escolha de Freud de não adicionar esse precioso relato ao artigo publicado. O interessante é que após essa sessão o psicanalista passa a interpretá-la dizendo que ela desejava ter tido um filho do pai, o que justificava o ódio que sentia em relação à mãe, bem como seu afastamento dos homens em geral. É notável, lendo a biografia, como a partir de tais intervenções, Sidonie, tomada por revolta, embaraço e desgosto começa a se sentir violentada por Freud. A transferência começou a estremecer.

Embora extremamente incomodada com as interpretações, continuou indo de modo a sustentar o papel de empenho no tratamento para seu pai. Queria fazê-lo bem para que o professor Freud transmitisse ao pai que nada se passou entre ela e Leonie e que ela era inocente, assim não causaria mais nenhuma preocupação. Assim, poderia continuar se arranjando junto a Leonie sem a vigilância constante do pai.

O fato é que Freud percebe a indiferença da paciente nas sessões. Ela não sonha e Freud insiste sobre os sonhos. Questiona-se se o analista desconfia que ela continua mantendo os encontros com a dama. Começa a mentir pensando que, se mentir para o analista que sonha com a amada, poderia passar a impressão de ser alguém que muito sofre com o apartamento entre elas, mas que se mantém firme com a promessa. Já sabemos como Freud reage.

Quando comunica à paciente sua decisão de encerrar o caso, Sidonie fica aliviada e pensa ter conseguido satisfazer o modelo o bastante para mostrar ao seu pai que teve ao menos boa vontade. Ao se despedir, Freud lhe disse: “a senhora tem olhos tão astuciosos. Não

gostaria de encontrá-la nesta vida como inimigo” (Ibidem, p. 77). Ela finaliza sua narrativa dos encontros com Freud afirmando nunca ter esquecido as palavras que Freud havia lhe dito.

Sidonie permaneceu apaixonada por Leonie dos 17 aos 40 anos de idade, lhe ajudou com grande quantia de dinheiro, além de ter sido testemunha a seu favor em um processo judicial do qual foi acusada por seu marido de tentar envenená-lo. Mesmo diante das circunstâncias, nunca estiveram de fato em uma parceria amorosa. As outras tentativas fracassadas de suicídio, inclusive, se relacionam a esse aspecto amoroso. A primeira, conforme vimos, ocorreu aos 17 anos, tendo pulado na plataforma de trem. Na segunda, aos 22 anos, tentou se envenenar após um rompimento com a dama, que continuava a galantear. A terceira tentativa, mais séria dentre as três, ocorreu para tentar evitar um casamento arranjado pelos pais, para o qual tudo já estava organizado. Desesperada, mas sem coragem de promover a ruptura dessa relação indesejada, deu um tiro em seu próprio peito. Não morreu atingindo seu coração por uma questão de milímetros, pois a bala se deslocara e se alojara no pulmão, de onde foi retirada.

Sidonie se interessava por pessoas que não lhe retribuíam sua devoção. Se envolveu com inúmeras mulheres e chegou a se casar com um homem, Eduard von Weitenegg quando contava com 30 anos. É com ele que perdeu sua virgindade, apesar de todo o asco. Ele não a amava, interessou-se em sua fortuna familiar e renome, traindo-a com várias mulheres. Eles se divorciaram posteriormente, e ele se apropriou de seus bens, aproveitando o exílio de Sidonie por ocasião da guerra. Até o final de sua vida se viu presa numa espiral de repetição pulsional: quanto mais demandava em suas parcerias amorosas, mais devastada permanecia. Amava quem lhe era inacessível, e quando finalmente era correspondida, se via impossibilitada de sustentar a posição de amada.

Depois que a Segunda Grande Guerra se instalou, Sidonie começou a viver quase como nômade. Ao fugir de Viena, viajou para muitos lugares, sem conseguir encontrar raízes: Cuba, Rússia, Brasil, Estados Unidos, China, Alemanha, Tailândia, Espanha, França. Sua única relação duradoura foi com um cachorro que adotara em Cuba, chamado Petzi. Sua companhia parecia ser a única que não trazia angústia e ali sua devoção se mostrava bem-vinda: “Apenas Petzi abanava o rabo amigável e parecia dizer: “estou sempre aqui para você” (Rieder & Voight, 2008, p. 301). Após o falecimento do animal, Sidonie ficou profundamente entristecida e nos revela a função importante que o cachorro exercera enquanto esteve com ela:

Apesar de todas as suas paixões, apesar de todas as suas intensas e dolorosas ligações amorosas com mulheres, não vivera ainda algo dessa dimensão. O que experimenta nas semanas seguintes é uma dor profunda que lhe tira a respiração [...]. Esse ser que nunca lhe fizera mal, que sempre vivera a seu lado cheio de amabilidade, confiança e uma vitalidade transbordante, não existe mais. Sidonie está abandonada, sem ninguém a seu lado, nenhum ser humano e nenhum animal, e assim seria por muitos anos (Ibid., p. 367).



Figura (7): Sidonie e Petzi, 1955. Recuperado de Rieder & Voight (2008, p. 342).

Ao final de sua vida, rememora os corpos e rostos de todos os seus grandes amores, além do tema da sexualidade. Além de Leonie, havia se relacionado de modo muito similar com mais três mulheres. Se desdobrava e as cortejava, acompanhando-as onde quer que estivessem e lhes servia no que precisassem. Por fim, era abandonada e muitas vezes não tinha nem acesso aos motivos da ruptura. Ficava desolada. O sexo se apresentava para ela intrusiva e repulsivamente, “havia achado terrível o lugar escuro e a ‘coisa’ ameaçadora dos homens; [...] considerara angustiante [...] esse lugar úmido nas mulheres!” (Rieder & Voight, 2008, p. 415). O prazer sexual permaneceu inacessível para Sidonie, ela então se interroga sobre o que teria acontecido para que “ficasse assim”. “Fiquei assim por causa de minha mãe”, responde sem titubear. Finalmente localiza o ponto da devastação precisamente em sua relação com a mãe.

A mãe faleceu quando Sidonie contava com 66 anos de idade. Em seu relato, diz não ter sentido nada, apenas uma espécie de alívio. Durante o período em que ficou cuidando da saúde da mãe, já bem idosa e debilitada, deixou explícito que a mãe em nada mudara. Continuava com suas tentativas de flerte e às vezes proibia Sidonie de acompanhá-la nos passeios de final de tarde, “a seus olhos, a filha ainda era a concorrente. Para Sidi, isso parecia tão absurdo quanto doloroso e **tocava em sua velha ferida de não se sentir amada. Continuar a ser rejeitada [...], era amargo, como sempre fora**” (Ibidem p. 380, negritos meus). Se questiona se a dor de ter sido a filha não amada poderia ir com a mãe para o túmulo, o que, como se lê acima, em seu próprio relato, não acontece.

### 2.3 Lacan leitor de Freud: deixar-se cair... no abismo da devastação

Lacan discorre sobre o caso da jovem homossexual em dois momentos de seu ensino, o primeiro deles, no seminário sobre a relação de objeto e o segundo em seu seminário sobre a angústia. Tomarei algumas das discussões produzidas pelo psicanalista de modo a produzir uma leitura que possa contemplar a história do sofrimento de Sidonie, a jovem homossexual, junto à problemática da devastação materna.

Ao iniciar suas lições sobre o caso em seu “*Seminário 4*” (1956-57/1995, pp. 102-103), disse se tratar de “um dos textos mais brilhantes de Freud, e diria quase um dos mais perturbadores”, o que já causa inquietações. Nesse Seminário, Lacan se serviu do caso da jovem homossexual para introduzir a seguinte noção: diante de algo que se apresenta no real, ali onde há uma falha simbólica, o sujeito responde por uma inserção imaginária (Rosa, 2019). Articulando essa noção à dialética do dom e da frustração, Lacan dispõe do caso e também da atuação de Freud enquanto analista como orientadores para sua discussão nesse primeiro momento.

O psicanalista francês repassa o caso através da concepção clássica freudiana sobre a sexualidade infantil e o primado do falo, e destaca alguns pontos que lhe chamaram a atenção. O primeiro deles consiste na ideia esquemática de duas etapas existentes em uma análise, uma primeira em que se recolhe tudo o que se pode saber, e uma segunda em que se trata de dobrar as resistências que ainda se mantêm mesmo quando o sujeito já sabe muitas coisas. Outro ponto é a situação singular do nascimento do irmão mais novo, Lacan corrobora com a leitura de Freud de que a “inversão” da orientação sexual da jovem foi sua consequência. O

ressentimento contra o pai é um fator importante, peça-chave da situação que explica como toda a aventura se desenrola. A tentativa de suicídio se expressaria enquanto um fenômeno de contra agressividade, de um retorno sobre o sujeito da agressividade experimentada contra o pai, combinado com o desmoronamento de toda a situação sobre seus dados primitivos, satisfazendo, simbolicamente, o que estava em jogo por uma precipitação. Caindo da ponte, ela teria realizado um ato simbólico, o *niederkommen* de uma criança no parto.

Após repassar a leitura freudiana junto de seus comentários, Lacan teceu duras críticas à condução de Freud na transferência, considerada por ele como uma ação contratransferencial. Os sonhos mentirosos o desconcertaram. Ao reproduzir com ele sua posição fundamental no jogo cruel que jogava com o pai, a paciente cativou Freud para fazê-lo cair das alturas, diz Lacan. O erro de Freud foi deixar escapar que se tratava de uma transferência verdadeira e que estava aberto para ele o caminho da interpretação do desejo de enganar. Ao invés de operar por aí, ele toma a coisa como dirigida contra ele. Colocando-se em guarda contra as ilusões, ele entrou e realizou o jogo imaginário. Quando diz à moça que ela queria enganá-lo tal como fez com seu pai, ele corta pela raiz o que realizou como relação imaginária. O desejo da jovem é, assim, empurrado para o real, quando era simplesmente um desejo, e não uma intenção de enganá-lo. Assim, ele dá corpo a esse desejo e a abandona, acreditando que uma analista mulher conduziria o caso melhor. Não seria justamente o contrário? Enquadrando Freud na posição paterna, Sidonie faz uma espécie de apelo para que o analista intervenha e a ajude a se livrar da lei materna, já que diante dela o pai se mostrava frágil.

Lacan sustenta que Freud cristaliza a posição entre si e a paciente de uma maneira não satisfatória e que o próprio Freud afirma ser este o momento em que a ruptura da relação analítica acontece. No que se refere a este impasse ocorrido, Lacan comenta que estamos longes de ser levados a responsabilizar a paciente por isto. Pelo contrário, a responsabilidade e também a resistência se encontram ao lado do analista que, com sua intervenção, concepção e preconceitos, teve algo a ver com o rompimento.

Ele nos diz que as resistências da doente foram insuperáveis. Essas resistências, como ele as materializa? Que exemplos nos dá delas? Que sentido lhes atribui? Ele as vê particularmente expressas num sonho que, paradoxalmente, teria podido alimentar muitas esperanças, a saber, de que a situação se normalizasse. Com efeito, é um sonho onde só se trata de reunião, conjugio, casamento fecundo. A paciente é nele submetida a um cônjuge ideal e tem filhos com este. Em suma, o sonho manifesta um desejo que vai no sentido daquilo que, senão Freud, pelo menos a sociedade, aqui representada pela família, pode desejar de melhor como resultado do tratamento (Lacan, 1956-1957, p. 136).

A contratransferência poderia ter lhe servido bem, com a condição de nela não acreditar. Ao interpretar a paciente, Freud explode o conflito quando se tratava justamente de lhe revelar o discurso mentiroso que havia no inconsciente.

Lacan se refere a jovem homossexual enquanto uma perversão “entre aspas” (Ibidem, p. 95). Ele parte da máxima freudiana de que as neuroses são o negativo das perversões e a inverte, defendendo a proposição de que a “perversão é o negativo da neurose” (Ibid., p. 138). Numa clínica comparada entre a jovem homossexual e Dora, trata a perversão da jovem paciente como o negativo da neurose de Dora, ou seja, haveria uma confusão da posição simbólica com a posição imaginária que se produziu, em cada um dos casos, num sentido oposto. Lacan situa Dora no eixo metafórico (por isso seus sintomas histéricos), enquanto a jovem permanece no eixo imaginário (daí a perversão entre aspas, pelo eixo imaginário). Em ambos os casos há uma situação que se insere na dialética da frustração: no caso de Dora, o pai não dá porque é impotente; no caso da jovem, o pai dá, mas para a mãe. É colocada em jogo a dimensão do dom, dar ou não dar vale como signo, por isso não há maior dom possível, maior signo de amor, que o dom do que não se tem. “O desejo visa ao falo na medida em que este deve ser recebido como um dom”, já que “o sujeito feminino só pode entrar na dialética da ordem simbólica pelo dom do falo” (Ibid., p. 144).

Lacan ordena o caso da jovem homossexual em três tempos intersubjetivos demonstrando ser na interposição imaginária que a paciente encontra sua condição, além de situar como se introduz o objeto na cadeia simbólica. O primeiro desses tempos se verifica quando ela cuida de um menino que a satisfaz justamente ao operar uma substituição fálica imaginária, por meio da qual ela se constitui, sem saber, como mãe imaginária, na tentativa de adquirir o pênis imaginário do pai, do qual ela estava fundamentalmente frustrada. O segundo tempo ocorre quando há a introdução da ação real do pai, deste pai simbólico que estava no inconsciente. O desejo do pênis é substituído pela criança que vai ser dada pelo pai, uma criança imaginária. O pai dá realmente uma criança, contudo não à filha, mas à mãe. Por uma interposição, o pai passa a ser realizado no plano da relação imaginária e não mais enquanto pai simbólico. Nesse sentido, aquilo que estava articulado no nível do Outro começa a se articular de forma imaginária, à maneira de perversão, e é, “aliás, por essa razão e não por outra que isso vai resultar numa perversão” (Lacan, 1956-1957, p. 131). No terceiro tempo, há uma projeção da fórmula inconsciente, e a relação com a dama se envereda, também, por uma relação imaginária.

Embora Lacan mencione a decepção da jovem por seu pai como consequência do pênis que não lhe foi dado, é possível perceber que não se tratava da expectativa de nenhum objeto real, mas sim da espera de um signo do amor paterno, “um amor estável e particularmente reforçado pelo pai” (Ibid., p. 150), que talvez pudesse lhe dar subsistência para seu ser de mulher, já que com sua mãe isto não foi possível. Podemos pensar que sua demanda se relacionava muito mais a lógica do ser do que do ter. O primeiro tempo intersubjetivo comentado por Lacan se mostrou precioso para nele poder inferir que no momento em que se afeiçoa pela criança, Sidonie ocupou um lugar ideal e, ao mesmo tempo imaginário, lugar este que, sob o emblema da maternidade, pôde se identificar provisoriamente com um semblante feminino. Ali ela fora apoiada e encorajada pela família, o que a fez ter um apoio em tal posição imaginária. Ao mesmo tempo, o menino realiza para ela a promessa paterna estruturada no Édipo feminino: dar um filho no lugar do falo faltante. Podendo circular enquanto um sujeito desejante, nesse período ela se realiza tanto no plano do ter quanto do ser.

Lacan diz que a paciente se agarra a um objeto que não tem, torna-se ela mesma o pai imaginário, ao qual é preciso, necessariamente, que ela dê este algo que ela não tem. Isso colocaria o sujeito dessa história no coração da relação amorosa articulada ao dom. Apoiando-se nesse falo roubado, a jovem forja uma montagem fantasiosa da maternidade, tentando se identificar com a posição de seu sexo para extrair sustentação narcísica em uma identificação imaginária com o que seria uma mãe ideal. A coisa vai bem, pois ela encontra sossego diante do olhar exultante do pai. Sob o olhar do Outro, ela se torna reconhecida enquanto mãe ideal, premissa para o que, para ele, seria sua futura condição de mulher. Contudo, tal estratégia coloca em jogo a precariedade de tal solução. Aos 14 anos, apoiando-se nesse modelo, Sidonie ainda não consegue acessar o campo da descoberta sexual e da relação com o outro, pontos interditados por sua mãe, que a fazem permanecer no lugar de uma menina. Transformar-se em mulher se configurava como um campo proibido. Ao performar o semblante da mãe ideal, Sidonie não pode confrontar-se, talvez, com a queda de sua própria mãe desse lugar tão exaltado. Dessa forma não aborrece o pai rígido e nem sua mãe exigente e neurótica, que tenta impedir a qualquer custo que a filha se transforme em uma mulher.

O segundo tempo, marcado pela concepção de seu irmão mais novo, estilhaça a inserção imaginária na qual se apoiava, pois a desalojara completamente de sua identificação

com a mãe ideal. Quando a mãe dá à luz, é ela quem passa a ocupar esse lugar, construído graças a algo que o pai lhe confere. A queda dessa identificação aliada à traição experimentada por seu pai a devastam, mas não de todo. Talvez Sidonie tenha suportado a queda desse abismo justamente por lançar-se no colo de outras figuras de mãe.

Sob o efeito da decepção, se identifica com o pai, mas não se trata de qualquer identificação. Ela se identifica para amar como um pai deveria amar. Ali onde seu próprio pai se mostrou traidor e despropositado, ela se mostra devota e servil. Exibindo ao pai a maneira como se ama e se trata verdadeiramente uma mulher, a jovem corteja a dama num estilo altamente cavalheiresco e propriamente masculino, com o caráter de um dom, no qual o amante se projeta para além de toda espécie de manifestação da amada. A natureza do amor professado pela jovem homossexual diz respeito a um amor que dispensa satisfações e retribuições. Trata-se do amor platônico em sua maior exaltação, revelando que o mais importante é o que se deseja para além da mulher amada. Ela busca mostrar ao pai que se ama alguém não só por aquilo que ele tem, mas justamente por aquilo que não tem: “No extremo do amor, no amor mais idealizado, o que é buscado na mulher é o que falta a ela. O que é buscado, para além dela, é o objeto central de toda a economia libidinal: o falo” (Ibidem, p. 111).

O amor ao falo talvez a tenha protegido de se melancolizar nesse momento. Assim, Sidonie abandona o amor ao seu pai como efeito da traição produzida por ele, mas trata de arranjar as coisas depressa para que não tenha possibilidade de ser confrontada com a ausência desse amor, uma vez que, em sua história, a perda de amor tem um estatuto devastador, pois é precisamente isso que experimentara na relação com a mãe, isto é, ser nada no desejo do Outro. Ela passa a ocupar o lugar da exceção, é esse “ao menos um” que conhece e oferta os signos do amor.

Com efeito, o que se mostra decisivo para Lacan na cena do passeio da jovem com a dama é a intervenção paterna que surge mais uma vez manifestando sua irritação e furor. Tal intervenção, sancionada pela dama ao dizer-lhe que não quer mais vê-la, a deixa desprovida de seus últimos recursos, sumariza Lacan.

Até ali, ela fora bastante frustrada do que lhe deveria ser dado, a saber, o falo paterno, mas encontrara o meio de manter o desejo pela via da relação imaginária com a dama. Uma vez que esta a rejeita, ela não pode mais sustentar coisa alguma. O objeto está definitivamente perdido, e este nada em que ela se instituiu para demonstrar ao pai como se pode amar nem tem mesmo mais razão de ser. Naquele momento ela se suicida<sup>31</sup>(Lacan, 1956-1957/1995, p. 150).

---

<sup>31</sup> Ela sobrevive ao ato. Não se sabe o porquê de Lacan dar a entender que houve a consumação do suicídio.



No “*Seminário 10*”, contudo, Lacan retoma o caso para demonstrar um ponto mais além do que fora a análise da jovem com Freud e até mesmo de seus próprios comentários cerca de seis anos antes. O caso lhe serve, nesse momento, como pedra angular para precisar a característica estrutural da relação do sujeito com o objeto pequeno *a*. Tratar a tentativa de suicídio da jovem, uma passagem ao ato, apenas por sua via simbólica, como fizera Freud e ele mesmo, se mostrou insuficiente. *Niederkommen*, não basta evocar a analogia com o parto para esgotar o sentido dessa palavra. Para Lacan (1962-63/2005) essa palavra é essencial para qualquer relacionamento súbito do sujeito com o *a*.

Lacan aborda a queda da moça a partir do lugar onde o real se comprime, desvelamento da irrupção de um gozo que não se inscreve na trama simbólica. Identificada com o resto do Outro, a possibilidade de ter sido capturada pelo olhar furioso do pai e o desprezo da dama fazem emergir o objeto *a* em sua face de puro dejetivo, não restando outra possibilidade à Sidonie *a* não ser se deixar cair, “*laisser tomber*”<sup>32</sup>, largar de mão, observa Lacan. O enfurecimento do pai e a rejeição da dama *a* fazem cair na cena fantasmática fabricada por ela mesma, fazendo-a se defrontar com o resto, o nada, do desejo do Outro.

Conforme foi visto, em sua biografia não se confirma que o pai tenha lançado tal olhar para a filha na companhia da dama, ponto-chave que mesmo sem ter acesso a tal relato, não passou despercebido por Lacan, pois afirma que não basta dizer que o pai lançou-lhe um olhar irritado para compreender como pôde produzir-se a passagem ao ato. De que se trata então?

Segundo o psicanalista, o salto é dado no exato momento em que se consuma a conjunção do desejo com a lei. Trata-se do confronto do desejo pelo pai com a lei que se faz presente ante sua presença.

Já que fui decepcionada em meu apego por ti, meu pai, e que eu mesma não posso ser tua mulher submissa nem teu objeto, é Ela que será minha Dama, e, quanto a mim, serei aquele que sustenta, que cria a relação idealizada com o que foi repellido de mim mesma, com o que, de meu ser de mulher, é insuficiência (Ibidem, p. 124).

Além disso, há uma ingerência ocorrida no momento do cerceamento no que tange às posições ocupadas por cada um de seus atores. Leonie, a dama adorada, até o momento em que a catástrofe se deflagra, ocupava o lugar de objeto de amor, enquanto substituta da mãe.

---

<sup>32</sup> *Laisser tomber* é uma expressão idiomática do francês que comporta várias acepções como abandonar, largar de mão, negligenciar, deixar de lado, deixar na mão, desinteressar-se etc. O “*se laisser tomber*”, por sua vez, pode ter em seu sentido reflexivo, as acepções de deixar-se cair, despençar etc.

Quando Sidonie anuncia a presença do pai e sai correndo, a dama passa a se situar exatamente no lugar paterno. Há um deslocamento que vai desde a possível ira paterna até o máximo desprezo sentido pela dama em relação a ela, o que se torna insuportável.

É por meio disso que a paciente se sente definitivamente identificada com esse objeto a, suporte da falta no campo do Outro. Sente-se rejeitada, abandonada, afastada, fora da cena. Tal identificação absoluta do sujeito com o a o reduz à condição de resto, ponto que somente o abandonar-se, o deixar-se cair, poderia realizar. “É a partir do Outro que o *a* assume seu isolamento, e é na relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto” (Lacan, 1962-63/2005, p. 128). Sidonie se encaminha para evadir da cena. Identificada com o objeto caído, a cena a faz retornar à miséria de sua relação com a mãe, aspecto familiar que a situa numa condição abjeta.

Lacan assinala que esse mesmo largar de mão marcou a resposta do Freud em sua dificuldade exemplar desse caso. Segundo ele, Freud parece não se dar conta de que a verdade tem uma estrutura de ficção. A mentira, para Lacan, é perfeitamente aceitável, uma vez que o que mente é o desejo. Lacan realiza, portanto, uma leitura da paixão e fidelidade de Freud pelo inconsciente, claro, sustentado pelo Édipo. Ao fazer isso, ele não se interessa pelo dejetivo, pelo restinho, “aquilo que detém tudo e que é, no entanto, o que está em questão aí” (Ibidem, p.144). Lacan diz que, sem conseguir visualizar isto que o atrapalha, Freud se emociona diante desta ameaça à fidelidade inconsciente. O que Freud queria, afinal? Que a mulher lhe dissesse tudo, mais, ainda e que, além disso, se mantivesse fiel ao pai.

Para Lacan, o que faltou a Freud e fez com que ele se atrapalhasse no caso da jovem foi algo que também faltava em seu discurso, a saber, “aquilo que, para ele, sempre se manteve em estado de pergunta: o que quer a mulher?” (Ibidem). A limpeza da chaminé foi bem-feita, diz Lacan com certa ironia, e nos coloca uma questão importante sobre analista e analisante numa transferência: “o importante era estarem juntos na mesma chaminé. Só que [...] quando duas pessoas saem juntas de uma chaminé, qual delas se livra da sujeira?” (Ibidem, p. 145). Há aí um “esbarrão do pensamento de Freud” o qual Lacan nomeia provisoriamente de feminilidade, posto que a “feminilidade se furta” (Ibid., p. 144) escapando à univocidade simbólica. Cabe marcar um comentário importante realizado por Lacan no “*Seminário 17*”, ao afirmar que Freud tropeça nos arredores do gozo: “evidentemente Freud quanto a isso às vezes se esquivava, nos abandona. Ele abandona a pergunta sobre o gozo feminino” (1969-70, p. 67).

A jovem se apresentava enquanto um corpo que se abandona e faz cair como puro dejetos. Dejetos para a mãe, dejetos para o pai, dejetos para a dama, dejetos para o analista... “Essa foi a manobra da jovem, fazer-se abandonar pelo analista tal como ela o fez ao longo de suas várias desilusões amorosas” (Fuentes, 2012, p. 168). A relação com a mãe foi decisiva para se configurar uma realidade de devastação para ela. Na espera da subsistência advinda da mãe, Sidonie deparou-se apenas com a ausência de lugar no desejo do Outro materno, uma inexistência. Ao deslocar a demanda para o pai e posteriormente para as mulheres, amava o Outro idealizadamente e sem espaço para divisão, recolhendo apenas resíduos que nunca se configuravam em verdadeiros signos de amor, assim, ela se devastava e decaía como objeto abandonado.

O amor cortês, modo com o qual ela se organizou nas relações, apontam para a dificuldade em se servir do amor como uma suplência para a não relação sexual. Fuentes (2012) relembra que ao amar uma Outra mulher pela via da superestimação, Sidonie dava consistência à mulher, como se esta existisse, assim, tanto mais se devastava. Do contrário, quando alguém sinalizava a possibilidade de desejá-la, ela rechaçava, pois, para deixar de ser a amante e se tornar a amada, implicaria que ela não descartasse os semblantes que recobrem o objeto a “como puro resto e consentir com a falta no Outro, sua castração” (Ibidem, p. 176).

O que se depreende no caso da jovem é que ela não pôde inventar um lugar para sua existência. Identificada ao objeto que cai e produz um resto indizível, a jovem ficou impossibilitada de tecer uma relação com o seu corpo, com o amor e com o feminino pela via dos semblantes, restando-lhe uma longa travessia de vida, experimentada com um intenso sofrimento.

#### **2.4 De um tratamento que passe pelo semblante**

Uma questão se formalizou à medida que o caso da jovem homossexual foi sendo esmiuçado, questão essa que, como vimos, se refere ao semblante. Para Brousse (2004), na devastação, a questão do semblante é central. Já se sabe que Lacan estabelece de maneira mais elaborada a noção de semblante no Seminário “*De um discurso que não fosse semblante*” (1971/2009), embora o termo já tenha aparecido em alguns momentos anteriores. Em todos esses momentos, nos seminários XV, XVI e XVII, aparece a expressão idiomática

do francês *faire semblant*, que transmite a ideia de fingimento. Segundo Miller (2001), semblante possui a mesma raiz etimológica de semelhante, *similis*, que em latim cruzou com *simul* (conjunto), que encontramos em *simulacro*, associando-se no conhecimento vulgar como algo mentiroso, falso. Para Lacan, entretanto, “a verdade não é o contrário do semblante” (Ibid., p. 25), e reitera que o “[...] o semblante é o contrário do artefato” (Ibid., p. 26).

De acordo com Teixeira (2018), o termo semblante, na terminologia psicanalítica, é a dimensão que configura a realidade e orienta nossa percepção do mundo, gerando relações de intencionalidade numa realidade convertida em um campo de significações. O semblante humaniza o que chega do real, ofertando o sentimento de realidade, confortando-nos na ideia de estar num mundo que faz sentido. Logo, o discurso é do semblante e tudo o que é da ordem do discurso não se mostra, senão pelo semblante. É com isso que Miller (2010) sustenta a afirmação sobre o semblante ser aquilo que tem a função de velar o nada, uma vez que Lacan (1971/2009) sumariza que o real é aquilo que faz furo no semblante.

Isso implica, ainda com Teixeira (2018), no estabelecimento de que todos os semblantes derivam do semblante fálico, que permite significar a realidade ao organizar a crença de que um objeto especial se coloca em resposta a uma falta estrutural que acomete os seres falantes. É o falo o que dá a medida de conjunto ou de totalidade aos semblantes sociais, definindo suas regras de pertencimento, e acenando, como discutido no capítulo anterior, para uma positividade ilusória que se sustenta na percepção corporal de um órgão cujo valor estabelecerá as posições sexuadas, que entrarão numa comédia que coloca em jogo o parecer, encobrendo a falta-a-ser. Os que levam o falo de forma literal, crentes absolutos dos semblantes masculinos, desempenham o papel daqueles que portam e ostentam uma potência viril. O viés feminino, por sua vez, menos refém do falo, se orientaria para tentar ocultar essa falta. À vista disso, Miller (2010) relembra que o véu foi o primeiro semblante cuja função, como testemunham a história e a antropologia, visava cobrir as mulheres, velar seus corpos, uma vez que a mulher não poderia ser descoberta, pois não existe. Mascarar tem a função de causar desejo justamente pois não se desvela o que há detrás, levando a supor haver algo debaixo do véu, quando, na verdade, não há. Por essa razão Lacan (1971/2009) postula que ninguém, senão a mulher, sabe melhor o que é disjuntivo no gozo e no semblante e com ele tem uma “enorme liberdade” (p. 34), visto saber que é disso que se trata, uma máscara.

A constituição de um corpo é feita dessa sutura de aparências, semblantes, em torno de um furo o qual Lacan nomeou como real. Assim como o dito popular assinala que “o hábito faz o monge”, o semblante é como a roupa que não apenas envolve o corpo, mas é aquilo que o produz. Tal liberdade mencionada por Lacan, pensada talvez, num primeiro momento, como uma possível vantagem, pode, na verdade, incorrer em perigo. Se é possível lançar mão disso para bordejar algo em torno de um furo no simbólico, tão possível quanto é abrir mão desse recurso e com ele romper.

Como vimos, a posição feminina se expressa no campo de uma duplicidade, que lhe permite acessar a modalidade fálica, mas também tatear seu mais além. A maternidade, a identificação ao pai, a mascarada, a aderência aos signos da feminilidade e a histeria, para ilustrar, são semblantes fálicos dos quais o sujeito pode se valer para não resvalar ao infinito naquilo que se apresenta enquanto ausente de inscrição simbólica. A questão que se impõe ocupa-se desse rompimento dos semblantes: como pensar nesse movimento de dissolução em sua articulação com a devastação na relação com a mãe?

Testemunhamos no caso da jovem homossexual sua grande dificuldade com a significação fálica e seus semblantes. Sidonie nunca ganhou investimento fálico de sua mãe e se via constantemente sem lugar no Outro, vendo-se relegada à posição de resto. Ao longo de sua história, fez inúmeras tentativas para tentar se servir desses recursos, mas quase todos se mostravam capenga para dar-lhe consistência, ou ela própria rechaçava alguns desses possíveis arranjos. O amor, as mulheres, os homens, a própria beleza, o trabalho e o sexo, se expressavam para ela como algo difícil de suportar. Fuentes (2012) aposta que o sofrimento do qual Sidonie padeceu por toda sua existência estava diretamente relacionado aos efeitos de devastação por ela experimentados no terreno em que os semblantes fracassavam, onde se destaca uma vida nômade que lhe impediu de encontrar seu lugar no mundo. Não foram poucas as cenas reveladas por ela nas quais sua mãe se exprimia com radicalidade para demonstrar-lhe o quão indesejada ela era. Não bastasse a impossibilidade de extrair qualquer tipo de sustentação fálica do (não) desejo materno, a mãe a ridicularizava em seus intentos para alçar algum tipo de lugar. Com o pai e com outros homens era vista como rival e renegada como filha, sua presença era um obstáculo para que o olhar masculino se detivesse apenas em sua mãe. Com as mulheres de Sidi, a mãe mostrava-se completamente alheia e indiferente, não considerando o sofrimento intenso no qual a filha se encontrava. Sidonie

permaneceu uma vida esperando a subsistência materna que poderia atracar seu ser e seu corpo.

Absolutamente marcante na trajetória subjetiva de uma mulher, a mãe é o primeiro Outro de quem se desliga e, de quem, em última instância, nunca realmente se aparta. Esse trato íntimo da mãe com suas próprias questões relacionadas ao feminino, e o modo como trata também tais questões que surgem em sua filha, nos revela e enfatiza a importância presente na relação com a mãe. Muitas vezes tal relação se estrutura de tal forma que o semblante se vê convertido em uma farsa “ou relegado a um desprezível enquadramento que estala sob os assaltos do real, desqualificando a própria função da fala. A zona da devastação é assim um lugar escolhido de vacilação dos semblantes, o que em si constitui um problema clínico” (Brousse, 2004, p. 55). O semblante se apresenta para o sujeito pela via do supérfluo, como algo que não conta, deixando-o à deriva.

Leda Guimarães (2014) relata em seu livro *“Gozos da mulher”*, como acessou o esvaziamento dos semblantes franqueado pela devastação:

[...] experimentei durante o dia, enquanto trabalhava, uma sensação de que eu era um puro semblante, quer dizer, não experimentava nenhuma sensação de libido com relação às minhas atividades diárias: dar aulas na universidade, atender pacientes, me ocupar do meu filho. Tal sensação era de que eu não existia, era apenas um semblante do que tentava demonstrar para os outros, pois nada sentia no meu corpo sobre esses semblantes que incorporava para fazer laços de parceria. Dessa maneira, **sentia-me uma casca vazia, sem ser, um puro semblante**. Quando me desocupava dos meus afazeres, à noite, no momento em que me encontrava sozinha, experimentava no meu corpo a sensação de um horror tão profundo, tão aterrorizante, que só advinha uma significação: “Vou morrer”. Assim, alternava dois estados: (1) um estado de ausência de mim mesma, sentindo-me puro semblante no campo das parcerias; e (2) quando me encontrava sozinha, em contato comigo mesma, experimentava todo o meu corpo tomado por uma sensação de morte (p. 41).

A implicação desse ponto na travessia de uma análise mostra-se providencial. Trata-se de um tratamento que tenha em sua direção a constatação de que o “ato [analítico] parte do semblante” (Miller, 2000, apud Brousse, 2004, p. 57). Trabalhar com as aparências, assinala Vieira (2015), pensar como elas podem constituir um lugar para que o gozo se localize. Se o semblante se faz e se desfaz, a análise pode ser um lugar em que isso se faça. É o que também persevera Brousse (2004): uma vez desnudado o semblante, há a possibilidade, finalmente, de o sujeito inventar para si um nome que ele não tem para delimitar a zona de real nos confins da fala.

A produção de nomes que se fundamentam no semblante, numa travessia de análise, podem funcionar como um lastro que confere ao sujeito alguma substância. Como aponta Teixeira (2018, p. 6), “é engano acreditar que se pode seguir vivendo emancipado do

semblante, fora de sua jurisdição”. Apostar na função inventiva e protetora que o semblante fornece, capaz de resguardar o sujeito do confronto direto com o nada e o real que, enquanto ameaça, pode irromper e transformar tudo o que há pela frente numa terra arrasada. A significação fálica não se opõe ao feminino, ao contrário, é condição para uma posição feminina possível, de forma que não se extravie rumo ao pior.

## CONCLUSÃO

É chegado o momento de preambular o término desta pesquisa. Por trabalhar com a temática da devastação há algum tempo, temia não conseguir elevar minhas questões iniciais a um problema de pesquisa que pudesse se configurar em uma dissertação. A quantidade de produções acerca deste assunto me intimidava: por um lado me indaguei se haveria algo de uma discussão já existente que eu pudesse de fato contribuir, por outro, havia o acúmulo de um vasto estudo teórico de autores admirados que se debruçaram sobre esse objeto de investigação. Após algum tempo realizei que exatamente para ter possibilidade de contribuir, era necessário interromper o processo de apenas reter informações e começar a produzir, engendrar... redigir. Ao fazer isso, fui me reconhecendo em meu próprio texto e descobrindo por onde a escrita me levava. Por vezes, teimosa, insisti em dirigi-la para onde eu considerava conveniente, me esquecendo que a escrita atesta sempre o real. Não demorou muito para me dar conta de que, ao contrário, a grande dificuldade em se ter uma relação íntima com um tema é, na verdade, consentir com o seu fim e frear o ímpeto de sempre produzir, dizer algo a mais, mais uma palavra, mais um conceito, mais uma resposta, mais uma página.

O término, no entanto, não atesta uma conclusão. Autorizar o fim da escrita é se dar conta de que esse trabalho não fica por aqui. A dimensão temporal e formal da academia não comporta toda a vastidão de questões que de início pensei em tratar durante o período do mestrado. Da mesma forma, muitos trajetos traçados precisaram ser reconsiderados ou excluídos, pois havia um fio condutor que necessitava ser privilegiado. Ademais, o processo da escrita, exercício do impossível, impõe sobre as mãos ansiosas de um pesquisador, um limite daquilo que pode ser dito sobre algo. Nesse sentido, muito falta a esse trabalho. Tomei, no entanto, essas faltas como convites para me estender em outros lugares, outros espaços. Dizer do mesmo, mas dizer diferente. Dizer do mesmo, mas sempre com a intenção de rebuscar o que está sendo dito e pesquisado.

Cabe sinalizar que o caminho percorrido até aqui viabilizou o deslindamento de muitos dos meus desassossegos despertados pelos atravancos clínicos constituídos pela devastação. O mais simples destes pontos de chegada é de que se a questão inicial passava por tentar localizar sobre o que tornava a relação entre mãe e filha tão difícil a ponto de torna-se uma devastação, chegou-se à constatação de uma resposta possível que sumariza o óbvio: muitas coisas.



À vista disso, penso ser importante destacar as principais elaborações tecidas entre os capítulos. Retomando o início da dissertação, mobilizada pela realidade clínica que atestava um ponto de sofrimento excruciante de mulheres com relação às mães, encontro em Lacan um recorte precioso que deu o tom para a pesquisa. Partindo daí, produzi um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha, rastreando as referências apontadas pelo autor, percebendo que durante o seu ensino muitas foram as passagens e elaborações teóricas que poderiam ajudar no esclarecimento da questão. Revisitar as produções de Freud acerca do que ele nomeou como catástrofe, possibilitou o prosseguimento da questão a partir do ensino de Lacan. Com Freud, foi possível compreender que a catástrofe realizada entre mãe e filha se situa no centro da decepção proveniente do *Penisneid*, localizada, portanto, junto ao registro fálico tomado enquanto operador central para ler o que se passa. A reivindicação fálica é o principal aporte freudiano para elucidar a questão. Entretanto, verifiquei ao longo do texto, o quanto essa leitura se mostrou insuficiente para abrigar toda especificidade dessa ligação entre mãe e filha. A princípio, vimos como Lacan foi corolário das noções freudianas, mas à medida que avançava com sua teoria, produziu novas leituras sobre os fenômenos clínicos.

Os principais achados junto a Lacan se concentram no estabelecimento do lugar da mãe no franqueamento subjetivo da filha. Vimos como a noção de frustração primitiva agenciada pela mãe, é entendida como recusa de um dom de amor, produzindo consequências nefastas para um sujeito. Representante do Outro, a depender de alguns arranjos contingentes em torno do sujeito, a mãe pode vir ocupar esse lugar devastador. A formalização sobre o desejo materno, permitiu tangenciar melhor alguns destinos e consequências possíveis a partir do modo como tal desejo se apresenta para um sujeito.

Verificamos, ainda, a devastação articulada a referência fálica e uma outra vertente que se conecta com o gozo suplementar, destacando a importância de que uma mãe sustente a duplicidade de sua posição, pois ser toda mãe ou toda mulher pode desembocar numa relação de devastação. Além disso, o entendimento de que não se trata de um acontecimento estrutural forneceu uma margem de possibilidades para pensar a construção de saídas outras que não precisem passar pela devastação. Constatamos as especificidades desse impasse entre uma menina e sua mãe, já que nesse contexto as questões relacionadas ao feminino, as identificações, ao corpo e ao que se transmite se tornam presentes de maneira mais delicada. Ademais, ao considerar também o lugar do pai na situação de devastação, averiguamos que se trata de um pai impotente em destituir a mãe enquanto Outro caprichoso e detentor do

simbólico. As operações de frustração, privação e castração se tornam, nesse sentido, confusas quanto à temporalidade e a seus agentes.

No segundo capítulo, privilegiando a dimensão clínica, resumimos as manifestações clínicas da devastação especialmente em relação ao corpo, localizando aí aspectos da relação entre mãe e filha que propiciam uma vivência penosa na relação do sujeito com sua localização subjetiva. A dimensão do significante, do amor, do olhar e da construção da própria imagem se tornam problemáticas nesses casos, com potencialidade de abalar a relação do sujeito com seus três registros. O caso da jovem homossexual nos ajudou a ponderar sobre muitos desses fenômenos. Guiando-me por seu relato biográfico, ela forneceu as coordenadas de sua própria história para contar do insuportável que a habitava e nos fazer perfilar os pedaços de real que remontavam seu enredo junto à mãe. A partir de seu caso e dos comentários finos feitos por Lacan acerca do que foi o seu tratamento em análise, chegamos ao ponto final de traçarmos junto dos autores Brousse (2004) e Teixeira (2018), as considerações sobre o semblante como direção de tratamento, uma vez que junto dele é possível forjar um anteparo ante os assaltos do real que ameaçam ultrapassar o sujeito.

O texto da dissertação e cada elaboração construída neste estudo tinha, como pano de fundo, em seu horizonte, fornecer uma leitura rigorosa ao mesmo que introdutória àqueles que recebem em seus consultórios casos atravessados pelo embaraço da devastação. Conforme foi visto, comumente trata-se de casos graves que exigem do analista um manejo cirúrgico e, ao mesmo tempo, delicado e sutil. São pacientes que se encontram numa posição extremamente fragilizada, justamente pelo fato de que esse emaranhado chamado devastação toca em pontos constitutivos, originários e fundantes que implicam na relação do sujeito com a linguagem, o Outro, o outro, o gozo, o corpo, o amor e os significantes.

Apresentar um viés de leitura da devastação, que se infiltra em searas tão complexas e diversas, bordejado a partir do meu percurso clínico e teórico, sem pretensão de esgotar sobre o tema ensejado, foi um desejo... Que ele seja útil a quem se interessar!

## REFERÊNCIAS

- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Badiou, A., & Cassin, B. (2013). *Não há relação sexual: duas lições sobre "o aturrito" de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bessa, G. L. P. (2012). *Feminino: um conjunto aberto ao infinito*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.
- Bordelois, I. (2007). *A Etimologia das paixões*. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial.
- Brousse, M. H. (2019). *Mulheres e discursos*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Brousse, M-H. (2004). Uma dificuldade da análise das mulheres: a devastação com a mãe. (R. G. Lopes & E. M., trads.). *Latusa: a política do medo e o dizer do psicanalista*. *Revista da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-Rio)*, n.9, pp. 57-67. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Drummond, C. (2011). Devastação. *Opção Lacaniana online nova série*. 2(6). Recuperado em 25 de abril de 2019, de [www.opcaolacaniana.com.br/pdf/ numero\\_6/devastacao.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf).
- Ferreira, A. B. H. (2015). *A devastação materna e suas repercussões nas parcerias amorosas* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Freud, S. (1900). "Interpretação dos sonhos". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 4-5). Rio de Janeiro: Imago. 1974.
- Freud, S. (1990). Projeto para uma Psicologia Científica. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol.1. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996). A cabeça de medusa. In *Além do princípio de prazer; psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).
- Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (pp. 189-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1996). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (pp. 183-212). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996). *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932).

- Freud, S. (1996). Sobre as teorias sexuais das crianças. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (pp. 187-204). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1996). Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In *Edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914-1916).
- Freud, S. (2011). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2012). *Totem e Tabu: contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos* (Trabalho original publicado em 1912/1913). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2018). A feminilidade. In Maria Rita Salzano Moares (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 7). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2018). O declínio do complexo de Édipo. In Maria Rita Salzano Moares (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 7). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2018). Sobre a sexualidade feminina. In Maria Rita Salzano Moares (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 7). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, Sigmund. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, Sigmund. (2016). A análise finita e a infinita. In Claudia Dornbusch (Trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica* (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 6). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, Sigmund. (2017). A questão da análise leiga. Conversa com uma pessoa imparcial. In Claudia Dornbusch (Trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica* (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 6). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, Sigmund. (2018). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In Maria Rita Salzano Moares (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (Obras Incompletas de Sigmund Freud, 7). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925).
- Fuentes, M. J. S. (2012). *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum Livros.

- Godelier, M. (2001). *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1934).
- Guimarães, L. (2014). *Gozos da mulher*. Rio de Janeiro: KBR.
- Lacan, J. (1933-37). Intervenciones en la SPP. In: *Intervenciones y textos I* (pp. 5-31). Buenos Aires.
- Lacan, J. (1973). L'etourdit. *Scilicet*, (4), 5-52.
- Lacan, J. (1974-1975) *O seminário livro 22: R. S. I*. Inédito.
- Lacan, J. (1987) *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1938).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original proferido em 1969-70).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original proferido em 1956-57).
- Lacan, J. (1997). *O saber do psicanalista*. Inédito. Publicação não comercial para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1971-72).
- Lacan, J. (1998). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 734-745). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original proferido em 1958).
- Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In *Escritos*. (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra original publicada em 1949).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998) A significação do falo. In *Escritos* (V. Ribeiro, trad. pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1957-58).
- Lacan, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol. V. Stein. In *Outros Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1965).

- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. In *Outros escritos*. (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Obra original publicada em 1969).
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, trad. pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (2003). Televisão (Trabalho original apresentado em 1973-74). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (2005). *L'étourdit*, original de 1972. In J. Lacan, *Autres écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 2001).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original proferido em 1962-1963).
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original apresentado em 1975-76).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original proferido em 1972-1973).
- Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original proferido em 1964).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original apresentado em 1971).
- Lacan, J. (2010). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. (Trabalho original apresentado em 1971-72).
- Lacan, J. (2016). *Lacan in North America* (F. Denez & G. Volaco, Eds.). Editora Fi. (Conferência original proferida em 1975).
- Larousse (2005). Devastação. In Larousse. *Dicionário francês-português*. São Paulo: Larousse do Brasil.
- Laurent, É. (2012). *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte: Editora Scriptum.
- Marcos, C. M. (2017). O desejo de ter um filho e a mulher hoje. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 9(2), 246-256. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v2p.246>
- Miller, J.-A. (1995). *A lógica na direção da cura*. Equipe Autônoma de Publicação.
- Miller, J.-A. (1997). *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Miller, J. A. (2000). A erótica do tempo. In: *Latusa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Miller, J. A. (2001). *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (2005). Leitura crítica dos "Complexos familiares", de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana Online*, 42(2). Recuperado de <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/jamleitura.pdf>
- Miller, J.-A. (2010). Mulheres e Semblantes 1. *Opção Lacaniana*, 1(1), 1-16
- Miller, J.-A. (2014). A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana online nova série*. 5(15). Recuperado em 23 de agosto de 2019, de [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_15/crianca\\_entre\\_mulher\\_mae.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf)
- Miller, J.-A. (2015). *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante* (Trabalho original publicado em 1998). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Miller, J.-A. (2016). Uma partilha sexual. *Revista Opção Lacaniana Online*, 20, jul.-2016, 1-40. Acesso em 15 de março de 2019, de [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_20/Uma\\_partilha\\_sexual.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf).
- Rieder, I. & Voight, D. (2008). *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rosa, M. (2008). Ser um homem segundo a tradição? *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(2).
- Rosa, M. (2019). *Por onde andarão as histéricas de outrora?: um estudo lacaniano sobre as histerias*. Belo Horizonte: edição da autora.
- Solano-Suárez, E. (2006). Las mujeres y sus pasiones. *aSEPHallus*. Ano 2, nº 3, nov. 2006/abril. Recuperado em 03 de fevereiro de 2019 no seguinte endereço eletrônico: [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_03/artigo\\_01esp\\_edicao03.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_03/artigo_01esp_edicao03.html)
- Soler, C. (1995). *Variáveis do fim da análise*. São Paulo: Papirus.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. (V. Ribeiro, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Teixeira, A. (2018). Blue Jasmine ou a tristeza cômica. In *A cidade com Lacan: cinema, o feminino e a literatura, seus corpos e mundos*. EBP.
- Tendlarz, S. E. (2002). *Las mujeres y sus goces*. Buenos Aires: Edigraf.
- Van Haute, P. (2002). Against Adaptation – Lacan's subversion of the subject. (P. Crowe and M. Vankerck, Trans.). *New York: Other Press*. (Trabalho original publicado em 2001).
- Van Haute, P. & Geyskens, T. (2016). *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia da histeria em Freud e Lacan*. (M. Pimentel, trad.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Vieira, M. A., & do Rêgo Barros, R. (2015). *Mães*. Rio de Janeiro: Subversos.

Zalberg, M. (2003). *A relação Mãe e Filha*. Rio de Janeiro: Campus.

Zalberg, M. (2012). A devastação: uma singularidade feminina. *Tempo psicanalítico*, 44(2), 469-475. Recuperado em 01 de agosto de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382012000200013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200013&lng=pt&tlng=pt).

## ANEXOS

**ANEXO A - A devastação na obra lacaniana (Aparecimento do termo “*Ravage*”, seu participio presente “*Ravageant*”, seu denominal “*Ravager*” e o seu plural “*Ravages*”).**

**Fonte: <http://staferla.free.fr/>**

<p><b>Seminário 1: Les écrits techniques de Freud (1953-54) - (i) Relacionado ao Supereu, (ii) ao ciúme.</b></p> <p><b>(Páginas 111 e 184).</b></p>	<p>(i) "Le surmoi est à la fois la loi et sa destruction, sa négation. Le surmoi est essentiellement la parole même, le commandement de la loi, pour autant qu'il n'en reste plus que sa racine. La loi se réduit tout entière à quelque chose qu'on ne peut même pas exprimer, comme le « tu dois », qui est simplement une parole privée de tous ses sens. Et c'est dans ce sens que le surmoi finit par s'identifier à ce qu'il y a seulement de plus ravageant, de plus fascinant, dans les expériences prématurées, primitives du sujet, qui finit par s'identifier à ce que j'appelle « la figure féroce », à la fois avec les figures que d'une façon plus ou moins directe nous pouvons lier aux traumatismes primitifs, quels qu'ils soient, qu'a subis l'enfant".</p> <p>(ii) "En d'autres termes, nous rejoignons là d'autres choses que les psychologues par la seule observation du comportement du sujet, que la jalousie la plus ravageante, la plus déchaînée, celle que Saint AUGUSTIN signale dans la phrase célèbre que j'ai souvent répétée, cette jalousie absolument ravageante que le petit enfant éprouve pour son semblable - appendu ou non - et principalement lorsqu'il est appendu au sein de sa mère, c'est-à-dire à l'objet du désir qui est pour lui essentiel".</p>
<p><b>Seminário 3: Psychoses (1955-56) - (i) Relacionado a ordem dos significantes.</b></p> <p><b>(Página 160).</b></p>	<p>(i) "Le caractère ravageant, à son apparition, de quelque chose qui est une nouvelle structure dans les relations entre les signifiants de base, c'est quelque chose que nous pouvons entrevoir comme devant être étudié en visant, recherchant, ce que peut être l'apparition d'un nouveau terme dans l'ordre du</p>



	signifiant".
<p><b>Seminário 4: La relation d'objet (1956-57) - (i) Relacionado à paranóia.</b></p> <p><b>(Página 132).</b></p>	<p>(i) "J'y ai insisté depuis longtemps, je crois que c'est dans ma thèse ou dans quelque chose de presque contemporain, c'est le caractère ravageant - très spécialement chez le paranoïaque - de la première sensation orgastique complexe. Pourquoi chez le paranoïaque ? Nous tâcherons de répondre à cela en route, mais assurément c'est un témoignage que nous trouvons d'une façon très constante, du caractère d'invasion déchirante, d'irruption chavirante, que présente chez certains sujets, d'une façon particulièrement claire, cette expérience, nous indiquant par là que de toute autre façon au détour où nous nous trouvons, ceci doit jouer son rôle comme un élément d'intégration difficile, que cette nouveauté du pénis réel"</p>
<p><b>Seminário 5: Les formations de l'inconscient (1957-58) - (i) Relacionado ao supereu materno, ii) pensava-se que toda a devastação do complexo de Édipo provinha da onipotência paterna.</b></p> <p><b>(Páginas 100 e 120).</b></p>	<p>(i) "Cette notion de la névrose sans Œdipe, vous savez que dans l'histoire elle est essentiellement corrélative aux questions posées sur le sujet de ce qu'on a appelé le surmoi maternel : le surmoi est-il uniquement, comme FREUD déjà, au moment où il s'était posé cette question de la Névrose sans Œdipe, l'avait formulé à ce moment-là, à savoir le surmoi est-t-il d'origine paternelle ? On posait la question : est-ce qu'il n'y a pas, derrière le surmoi paternel, ce surmoi maternel encore plus exigeant, encore plus opprimant, encore plus ravageant, encore plus insistant, dans la névrose, que le surmoi paternel ? Je ne veux pas m'étendre là longuement, nous avons un long chemin à parcourir"</p> <p>(ii) "Le père tout puissant, c'est celui qui prive. C'est d'ailleurs à ce stade que se sont arrêtées jusqu'à un certain moment les analyses du complexe de l'œdipe. Au temps où on pensait que tous les ravages du complexe d'Œdipe dépendaient de l'omnipotence du père, on ne pensait qu'à ce temps, à ceci près qu'on ne soulignait pas que la castration qui s'y exerce, c'était la privation de la mère, et non pas de l'enfant".</p>
<p><b>Seminário 6: Le Désir (1958-59) - (i) Relacionado a posição incestuosa e seus efeitos no desejo.</b></p> <p><b>(Página 83).</b></p>	<p>(i) "Et si le maintien de la position incestueuse dans l'inconscient est quelque chose qui a un sens, et qui a des conséquences effectivement diversement ravageantes sur les manifestations du désir, sur l'accomplissement du désir du sujet, ce n'est justement pour rien d'autre que ceci : c'est que la position dite incestueuse conservée quelque part dans l'inconscient, c'est justement cette position de la demande".</p>
<p><b>Seminário 8: Le transfert (1960-1961) - (i) Relacionado ao poder devastador de Thanatos.</b></p> <p><b>(Página 188).</b></p>	<p>(i) "Or, si dans cette monade il y a aussi incluse la puissance ravageuse de THANATOS, c'est peut-être là que nous pouvons considérer qu'est la source de quelque chose qui oblige le sujet - si on peut s'exprimer ainsi brièvement - à sortir de son</p>

	auto-enveloppement".
<p><b>Seminário 9: L'identification (1961-1962) - (i) Relacionado ao desejo do Outro.</b></p> <p>(Página 116).</p>	<p>(i) "Il s'agit là du terme possible dans la réalisation du fantasme. Ce n'est qu'un terme possible, et avant de vous être fait vous-mêmes l'instrument de cet Autre situé dans un hyperespace, vous avez bel et bien affaire à des désirs, à des désirs réels. Le désir existe, est constitué, se promène à travers le monde, et il exerce ses ravages avant toute tentative de vos imaginations, érotiques ou pas, pour le réaliser, et même, il n'est pas exclu que vous le rencontriez comme tel, le désir de l'Autre, de l'Autre réel tel que je l'ai défini tout à l'heure".</p>
<p><b>Seminário 10: L'Angoisse (1962-63) - (i) Relacionada à educação parental.</b></p> <p>(Página 185).</p>	<p>(i) "Il n'y a ni lieu de critiquer, ni de refréner, ni surtout - grands dieux ! - d'accompagner de tellement de recommandations éducatives : l'éducation des parents, toujours à l'ordre du jour, ne fait que trop de ravages dans tous ces domaines. Enfin bref, grâce au fait que la demande devient, aussi là, une part déterminante dans le lâchage en question, de faire ici quelque chose qui, bien évidemment, est destiné à valoriser cette chose, un instant reconnue et dès lors élevée à la fonction - tout de même - de partie dont le sujet a quelque appréhension à prendre".</p>
<p><b>Seminário 12: Problèmes cruciaux (1964-65) - (i) Ao comentar um caso clínico, relaciona o termo a leitura feita pela analista acerca dos pais de seu paciente.</b></p> <p>(Página 88).</p>	<p>(i) "Si au niveau de sa communication, elle dit que, assurément on s'est peut-être fourvoyé pendant dix ans à laisser tout l'accent se mettre du côté des ravages des mauvais parents - du père en l'occasion - la chose est peut-être révisable. Dans la théorie ordinaire, disons que « la partie saine du moi » de l'analyste, comme on s'exprime, qui jusque là avait donné la mesure des choses, a dû faire place à une partie « sur-saine ». En fin de compte, il peut venir à être mis en question que le père soit vraiment à l'origine des ravages".</p>
<p><b>Seminário 13: L'objet... (1965-66) - (i) Relacionado a relação incestuosa entre mãe e filho.</b></p> <p>(Página 189).</p>	<p>(i) "Et que nous dit-il ? Tout part ici d'une privation. L'inceste père-fille, nous savons, quant à nous, de toute notre expérience, qu'il est par ses conséquences analytiques - je ne peux pas les définir autrement, disons névrosantes, mais le terme n'est pas suffisant puisque ça va jusqu'à avoir des conséquences psychosantes - il est infiniment moins dangereux, il l'est même, dangereux au degré zéro, au regard de l'inceste mère-fils qui a toujours les conséquences ravageantes auxquelles je fais allusion".</p>
<p><b>Seminário 14: Logique Du Fantasme (1966-67) - (i) Comentário sobre o livro "O livro sem título".</b></p> <p>(Página 193).</p>	<p>(i) "Ah - ça je puis vous dire, entre parenthèses il faudra vraiment que je vous le montre - on m'a apporté un petit livre romantique sur la masturbation... Avec figures ! C'est quelque chose de tellement... enfin, de tellement ravissant, que je ne peux pas croire que si je le fais ici circuler, il me reviendra ! [Hilarité générale] Alors, je ne sais que</p>

	<p>faire, je ne sais que faire, il faudra... il doit y avoir des appareils, où on peut projeter, comme ça, des objets et l'ouvrir à la page..."</p>
<p><b>Seminário 16: D' un Autre à l' autre (1968-69) - (i) Relacionado aos estímulos devastadores para o aparelho psíquico, ii) ao olhar, iii) à civilização.</b></p> <p><b>(Páginas 94, 128 e 187).</b></p>	<p>(i) "Disons qu'à grossièrement le schématiser, nous pourrions le mettre au cœur de quelque chose qui n'est pas simplement un relais dans l'organisme mais un véritable cercle clos qui a ses lois propres et qui, pour s'insérer dans le cycle classiquement défini par la physiologie générale de l'organisme, de « l'arc stimulus-motricité »...pour ne pas dire « réponse », qui est un abus de terme parce que réponse a un sens qui doit avoir pour nous une structure bien plus complexe où quelque chose s'interpose dans la fonction ...se définit très précisément non pas simplement d'être l'effet d'empêchement survenu sur l'arc basal, mais à proprement parler d'y faire obstacle, c'est-à-dire de constituer un système dit <math>\Psi</math>, autonome, à l'intérieur duquel l'économie est telle que ce n'est certainement pas l'adaptation, l'adéquation de la réponse motrice qui, comme vous le savez, est loin d'être toujours suffisamment adaptée : nous la supposons libre, mais tout ce qui peut se passer au niveau du fait qu'un être vivant animal, en tant qu'il se définit par le fait d'être doué d'une motricité qui lui permet d'échapper aux stimuli trop intenses, aux stimuli ravageants qui peuvent menacer son intégrité... Il est clair que ce dont il s'agit au niveau de ce qu'articule FREUD, c'est que quelque chose est logé comme tel dans certains de ces êtres vivants, et non pas n'importe lesquels".</p> <p>(ii) "Par définition ce n'est pas facile à dire ce que c'est qu'un regard. C'est même une question qui peut très bien soutenir une existence et la ravager".</p> <p>(iii) "Ce n'est pas au hasard que notre civilisation dite libérale, dont ce n'est pas du tout d'un mauvais ton qu'un LÉVI-STRAUSS l'ait épinglée, pour les ravages qu'elle véhicule avec elle, au niveau strict de la civilisation des Aztèques. Chez eux simplement c'était plus voyant : on vous sortait le (a) de la poitrine de la victime sur les autels, au moins ça avait là une valeur dont il était concevable qu'elle pût servir à un culte qui fut celui proprement de la jouissance".</p>
<p><b>Seminário 17: L' envers de la psychanalyse (1969-1970) - (i) Relacionado à mais-valia.</b></p> <p><b>(Página 63).</b></p>	<p>(i) "Mais tout ceci bien sûr n'empêche pas que le capitalisme est fondé, et que la fonction de la plus-value est tout à fait pertinemment désignée dans ses conséquences ravageantes. Néanmoins, pour en venir à bout il faudrait peut-être savoir quel est au moins le premier temps de son articulation. Parce que ce n'est pas parce qu'on nationalise - au niveau du « socialisme d'un seul pays » - les moyens de</p>

	production, qu'on en a fini pour autant avec la plus-value, si on ne sait pas ce que c'est".
<p><b>Seminário 20: Encore (1972-73) - (i) Relacionado ao amor e ao desejo do Outro, (ii) considerações mesquinhas de Freud.</b></p> <p><b>(Páginas 5 e 64).</b></p>	<p>(i) "C'est même pour ça qu'on a inventé l'inconscient, c'est pour s'apercevoir que « le désir de l'homme c'est le désir de l'Autre », et que l'amour c'est une passion qui peut être l'ignorance de ce désir, mais qui ne lui laisse pas moins toute sa portée. Quand on y regarde plus près on en voit le ravage".</p> <p>(ii) "C'est très important, puisque bien entendu tout ça, comme dans l'amour courtois, est dans le discours – hélas - de Freud, recouvert par... recouvert comme ça par de menues considérations [rire de Lacan] qui ont exercé leurs ravages [sic], tout comme l'amour courtois, toutes sortes de menues considérations sur la... sur la jouissance clitoridienne, sur la jouissance qu'on appelle comme on peut, « l'autre » justement, celle que je suis comme ça en train d'essayer de vous faire aborder par la voie logique, parce que jusqu'à nouvel ordre il n'y en a pas d'autre".</p>
<p><b>Seminário 21: Les non-dupes errent (1973-74) - (i) Comentário sobre a ciência e a lógica.</b></p> <p><b>(Página 55).</b></p>	<p>(i) "Eh ben, c'est vrai. C'est à prendre seulement, non pas comme les curés le prennent, à savoir que ça fait des ravages dans cette âme qui comme chacun sait n'existe pas, mais ça fout l'âme par terre ! Vous ne vous apercevez sans doute pas que : que je dise que ça fout l'âme par terre - c'est-à-dire que ça la rend complètement inutile - c'est exactement la même chose que ce que je viens de vous dire en vous disant que révéler la vérité au monde, c'est révéler le monde à lui-même. Ça veut dire qu'il n'y a pas plus de monde que d'âme".</p>
<p><b>Seminário 22: RSI (1974-75) - (i) Relacionado ao reinado da Rainha Victoria.</b></p> <p><b>(Página 42).</b></p>	<p>(i) "Néanmoins ça pourrait, me semble-t-il, montrer qu'il y a peut-être plus d'une origine à ce phénomène stupéfiant de la découverte de l'inconscient. Si le XIXème siècle, me semble-t-il, n'avait pas été si étonnamment dominé par ce qu'il faut bien que j'appelle l'action d'une femme, à savoir de la Reine Victoria, ben, on ne se serait pas peut-être rendu compte à quel point il fallait cette espèce de ravage, pour qu'il y ait là-dessus ce que j'appelle un réveil".</p>
<p><b>Seminário 23: Le Sinthome (1975-76) - (i) Àquilo que um homem é para uma mulher.</b></p> <p><b>(Página 65).</b></p>	<p>(i) "On peut dire que l'homme est pour une femme tout ce qui vous plaira, à savoir une affliction pire qu'un sinthome, vous pouvez bien l'articuler comme il vous convient, un ravage même, mais s'il n'y a pas d'équivalence, vous êtes forcés de spécifier ce qu'il en est du sinthome. Si il n'y a pas d'équivalence, c'est la seule chose, c'est le seul réduit où se supporte ce qu'on appelle chez le parlêtre, chez l'être humain, le rapport sexuel".</p>
<p><b>L' étourdit (1972-73) - (i) Relacionado à relação mãe e filha.</b></p>	<p>(i) "À ce titre l'élucubration freudienne du complexe d'Œdipe, qui y fait la femme « poisson dans l'eau », de ce que la castration soit chez elle de départ - Freud</p>

<b>(Páginas 12).</b>	dixit -, contraste douloureusement avec le fait du ravage qu'est chez la femme - pour la plupart - le rapport à sa mère, d'où elle semble bien attendre, comme femme, plus de subsistance que de son père – ce qui ne va pas avec lui, étant second dans ce ravage".
<b>Fonction et champ de la Parole et du Langage... (1953) - (i) Relacionado à filiação.</b>  <b>(Página 22).</b>	(i) "Nous savons en effet quel ravage déjà allant jusqu'à la dissociation de la personnalité du sujet peut exercer une filiation falsifiée, quand la contrainte de l'entourage s'emploie à en soutenir le mensonge. Ils peuvent n'être pas moindres quand un homme épousant la mère de la femme dont il a eu un fils, celui-ci aura pour frère un enfant frère de sa mère. Mais s'il est ensuite – et le cas n'est pas inventé – adopté par le ménage compatissant d'une fille d'un mariage antérieur du père, il se trouvera encore une fois demi-frère de sa nouvelle mère, et l'on peut imaginer les sentiments complexes dans lesquels il attendra la naissance d'un enfant qui sera à la fois son frère et son neveu, dans cette situation répétée".
<b>Le mythe individuel du névrosé (1953) - (i) Relacionado ao que Goethe causa em Lucinde.</b>  <b>(Página 9).</b>	(i) "Lucinde le surprend au cours d'une scène, avec sa propre sœur, personnage un peu trop fin pour être honnête, qui est en train de persuader GOETHE des ravages qu'il exerce sur Lucinde, et de le prier à la fois de s'éloigner et de lui donner à elle, la fine mouche, le gage du dernier baiser. C'est alors que Lucinde surgit et dit : « Soient maudites à jamais ces lèvres. Que le malheur survienne à la première qui en recevra l'hommage 8 »".